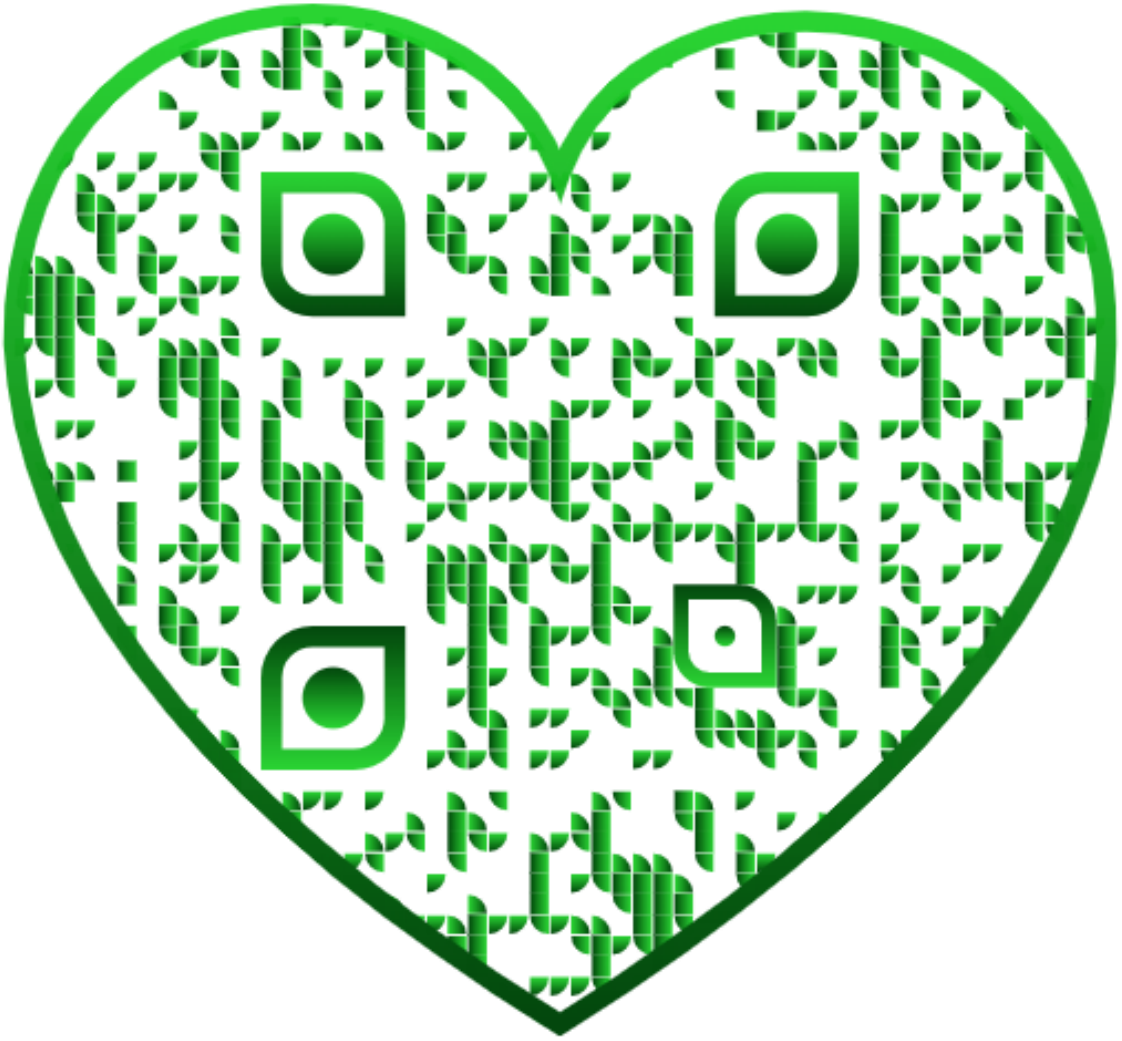
grávida do COWBOY que não me ama

ALINE PÁDUA



grávida do COWBOY que não me ama

ALINE PÁDUA

Copyright 2022 ©

1° edição – NOVEMBRO 2022

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS A ALINE PÁDUA

Edição: AAA Design

Revisão: Sônia Carvalho

SUMÁRIO

NOTA I
PLAYLIST
DEDICÁTORIA
SINOPSE
PREFÁCIO
PRÓLOGO
PARTE I
CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
PARTE II
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24
CAPÍTULO 25
CAPÍTULO 26
PARTE III
CAPÍTULO 27
CAPÍTULO 28
CAPÍTULO 29
CAPÍTULO 30
CAPÍTULO 31
CAPÍTULO 32
CAPÍTULO 33
CAPÍTULO 34
CAPÍTULO 35
CAPÍTULO 36
CAPÍTULO 37
CAPÍTULO 38
CAPÍTULO 39
POSSO FAZER UMA PERGUNTA?
NOTA II
REDES SOCIAIS
OUTROS LIVROS
UMA GRAVIDEZ INESPERADA
CEO INESPERADO – meu ex melhor amigo
O BEBÊ INESPERADO DO COWBOY
FELIZ NATAL, TORRES
UMA FAMÍLIA INESPERADA PARA O VIÚVO

GRÁVIDA DO CEO QUE NÃO ME AMA

O CASAMENTO DO CEO POR UM BEBÊ

A FILHA DO VIÚVO QUE ME ODEIA

GRÁVIDA EM UM CASAMENTO POR CONTRATO

Olá, minha gente!

Prontos para começar uma nova família com cowboys?

Juan Esteves já deu as caras em outros dois livros meus, mas de forma bem sucinta. Vimos mais o lado de Augusta que o dele, assim como, o lado de outras pessoas que fazem parte da vida dele. Os livros são A FILHA DO VIÚVO QUE ME ODEIA (história de Franco Esteves, irmão do meio de Juan - link aqui) e UM CASAMENTO DE MENTIRA PARA O CEO (história de Talita Kang e Gael Fontes, em que Augusta e Juan são secundários, - link aqui).

Não é necessária a leitura desses livros para entendimento deste!

Espero que de coração, para você que escolheu essa história, seja um bom tempo ao lado dela.

Boa leitura!

Com amor,

Aline

Posicione a câmera do seu celular para ler o QR Code e conheça um pouquinho das músicas que inspiraram este livro. Caso não consiga ter acesso, clique **aqui**

Dedico esse livro para aquelas que estiveram comigo desde o início de uma jornada, que eu não tinha ideia do quão grande se tornaria.

Isa e Liv, esse livro é para vocês!

Ter um ditado como aquele sendo uma realidade, depois de tanto tempo, apenas fazia Guta duvidar se realmente queria tal casamento. Augusta que amava Juan, que amava Pâmela, que amava Franco, que amava Carolina, que felizmente, o amava de volta.

Deixada sozinha em casa, após finalmente ter o homem que amava da forma que sempre desejou, Guta parou de se questionar do que era necessário para que aquele casamento fosse real, e aceitou que o amor de Juan Esteves nunca seria seu.

Ela então o deixa para trás, e com ele, todo o sonho do primeiro amor que agora ela jurou que esqueceria. Contudo, o

que ela não esperava, depois de tanto tempo, era que criaria algum laço real com ele.

Guta apenas quer os papéis do divórcio e distância, mas se descobre **grávida do cowboy que não a ama**.

PREFÁCIO

“Dizem que o fim está próximo

Todos estão tramando algo

Eu me peguei correndo para casa, para as suas palavras doces

Eu vou aguentar os empurrões

Você está na cozinha, cantarolando

Tudo que você pediu de mim foi um doce nada.”

Sweet Nothing – Taylor Swift

“Você está sozinha nessa, criança

Sim, você pode encarar isso

Você está sozinha nessa, criança

Você sempre esteve”[1]

JUAN

— Aonde vai?

A chuva despencou do lado de fora, mas eu ainda tinha o sono tão leve, que me vi seguindo o suave tilintar de chaves, e parando à frente da saída da velha casa. A casa em que os Esteves eram criados há gerações.

— Eu... — meu pai se calou e notei a dor que estava clara em seu semblante. — Eu sei que é pedir demais, Juan. Mas, por favor, cuide deles! Cuide dos seus irmãos.

Olhei-o sem entender, quando tirou o seu chapéu branco, que nunca abandonou e então o depositou sobre minha cabeça. Senti o olhar dele, e levantei a aba, já que o chapéu ainda era muito grande. Muito grande para um garoto de dezesseis anos.

— Mas...

— Perdão, filho.

Então tentei ir até ele, segurar seu braço e fazê-lo ficar, mas ouvi a voz baixa de Franco. Virei-me de imediato, como se fosse o momento de simplesmente assumir o que sequer tinha ideia que deveria.

— O que foi? — perguntei, tampando sua visão, e puxando a porta atrás de mim para que não tivesse noção de que nosso

pai, naquele momento, estava debaixo da chuva torrencial e eu não imaginava como ficaria. O que ele realmente estava pretendendo com tudo aquilo.

— Ouvi barulhos...

Ele coçou os olhos, claramente com sono, e eu apenas baguncei seu cabelo, fazendo-o retomar o caminho para o quarto que compartilhávamos, ao fundo.

— Por que está com o chapéu do papai?

Engoli em seco, tirando-o e então olhei para o quarto mal-iluminado pelos raios que caíam um atrás do outro, o qual tinha uma grande cama de casal, onde todos nós quatro dormíamos. Oscar e Flávio ainda estavam apagados, e vi-me fazendo Franco seguir seu caminho e se deitar novamente.

Segurei o chapéu contra o peito e suspirei fundo, quando a chuva só piorava, pensando que ela pararia em algum momento e que nosso pai adentraria aquela porta novamente. Contudo, a chuva não deu trégua. E mesmo quando o fez, semanas depois, nosso pai não voltou.

PARTE I

“É como esperar por um ônibus que nunca aparece

Você só começa a andar

Eles dizem que se for certo, você vai saber

Cada bar toca a nossa música

Nada nunca pareceu tão errado”

Hits Different – Taylor Swift

“Uma vez, os planetas e os destinos

E todas as estrelas se alinharam

Eu e você acabamos na mesma sala

Ao mesmo tempo”[2]

Vinte anos depois...

GUTA

Seria mentira dizer que não ouvi histórias sobre Juan Esteves. A realidade era que por mais que meus pais quisessem me privar, segundo eles, da vergonha que a família dos meus tios passou por culpa de um Esteves, não sendo Juan, eu nunca fui de me contentar apenas com as meias palavras que eles entregavam sobre tudo que aconteceu.

Principalmente, quando Pâmela, que era minha prima mais velha e sempre tão cheia de atitude, acabou se afastando por completo e tudo o que soube foi por ter falecido no parto de sua filha. Segurei-me ainda mais forte contra o tronco da árvore, e finalmente estava do lado de fora do muro que nunca entendi de fato porque meus pais o subiram tão alto.

Era no mínimo tudo um pouco estranho quando se tratava da minha família. Os Toledo tinham um silêncio que era ensurdecedor, e mesmo que amasse meus pais, realmente não compactuava com aquilo.

Assim que minhas botas tocaram o chão, bati uma das mãos na outra e sorri, afastando-me dali. As minhas escapadas eram praticamente noturnas, e as fazia quase todos os dias. Era

um jeito de poder viver fora da redoma perfeita de cristal que criaram.

Eu gostava era de ir para o karaokê mais próximo dali, com meu pequeno caderninho e caneta na cintura, que logo me serviriam de anotação para mais uma música que poderia compor dentro do meu quarto.

A questão era que eu sempre amei a música e me perdia em horas e mais horas tocando piano e violão. E mesmo que meus pais não apoiassem, eles também não podiam me impedir de me apaixonar por aquilo. Então existia a Augusta Toledo, que fazia faculdade de administração e teria que se especializar na área, para poder cuidar dos negócios da família.

E existia a Guta, que fazia o cursava ao mesmo tempo de música, sem poder evitar de deixar seu sonho. A qual agora se sentava no canto mais escondido do karaokê, e ouvia todas as histórias de amor, amizade, corações partidos e anotava. Todas elas compunham o que eu chamava do meu sagrado.

E era uma curiosidade vívida minha saber a verdade por trás da história de amor trágica de Juan Esteves. Tudo o que sabia era que ele fez o acordo com os pais de minha prima, e

seria o marido dela. E no fim, ele acabou sendo jogado de lado, ao descobrir que ela estava grávida e casada com um de seus irmãos do meio – Franco.

Nunca entendi por que aquela história me aguçava a memória, talvez porque eu conhecesse Pâmela o suficiente para saber que ela não partiria o coração de ninguém, e muito menos, se casaria sem sentir amor. Abri meu caderninho e anotei aquilo:

“Ela não quebraria um coração por querer

Ela não entraria num casamento sem querer”

Às vezes eu só queria fugir dali e conhecer Jasmine, a filha dela. Algo me dizia que aquela história era tão mal contada quanto a própria história que meus pais inventavam sobre mim para qualquer pessoa. Aquilo era ser uma Toledo? Ter uma vida de mentira contada pelos outros? Tudo por que apenas o que importa é se somos uma boa garota que sorri e acena quando preciso?

Eu poderia até lutar contra a maré e me rebelar, mas existiam motivos maiores para me manter bem ali, sorrindo e acenando. Mesmo que por trás de tudo aquilo, existissem lágrimas e noites insones. Então eu fugia, quando tinha a chance

para criar realidades alternativas com o que compunha. A música me ajudava a fugir e ali estava eu.

Um casal de amigos se encontrava no palco e cantava uma música antiga, falando sobre corações partidos ao mesmo tempo, e eu sorri. Queria tanto que o meu problema fosse um coração partido ou acelerado naquele instante. Como seria a sensação de querer tanto algo a ponto de beber todas e deixar seu coração falar por si em um microfone à frente de desconhecidos?

O amor era realmente algo que tirava a vergonha das pessoas?

Ouvi o barulho de algo sendo arrastado ao meu lado e pisquei os olhos, mudando de local. Eu podia ver pela fraca luz, ombros largos e braços fortes. Assim como um chapéu branco sendo retirado e colocado sobre a mesa do lado da minha, tão discreta e escondida quanto. Ouvi um suspiro alto do homem, mas ele ainda permanecia de pé e de costas, me puxando para querer descobrir seu rosto.

— Foi o que achei mais próximo, irmão — ele falou e então notei o celular em sua orelha. — Apenas vá descansar, Flávio.

No momento que ele finalmente se sentou, e pude ter um vislumbre quase que completo dele, meu coração deu um salto, que eu jamais saberia descrever em palavras. Seria exatamente aquilo ali? Quando um desconhecido faz com que seus sentidos esvaneçam e sua boca seque? Eu estava perto de ter um ataque cardíaco?

Ou estava me sentindo completamente atraída pelo estranho ao meu lado?

Ele tinha uma expressão dura, mesmo que não fosse possível ver muito. Tinha certeza de que aquele homem estava com o pensamento em qualquer lugar, mas não ali. Não sabia nem o que fazia ali, era minha aposta. Barba semicerrada, e mãos esticadas sobre a mesa, antes de apoiar os cotovelos.

Um pequeno vislumbre do seu peito sob a camisa de cor preta, e poderia jurar que o homem adorava essa cor. Ele estava quase se camuflando na falta de luzes por ali.

— O que tanto olha? — a pergunta veio como um soco, e só então me toquei que estava encarando-o sem qualquer pudor há um bom tempo. Naquele momento consegui olhar de frente para ele, e quase perdi a respiração que puxava. — O que quer?

— No momento, olhar para você. — Assumi, e soltei o ar com força. Ri de lado, mordendo o lábio inferior, sabendo que minha sinceridade tinha seus momentos nada oportunos. — Às vezes, eu só digo o que me vem à cabeça.

— É raro.

Suas duas palavras soaram baixas, com um tom de admiração que me surpreendeu.

— Posso continuar sendo sincera? — indaguei, focando completamente nele e nas batidas do meu coração que estavam na boca naquele momento. Ele apenas deu um leve acenar com a cabeça, e eu deixei fluir: — O que um homem como você, faz num karaokê?

— Um homem como eu? — rebateu e eu indiquei o chapéu, ele mesmo e até a expressão em seu rosto. — Pobre?

— O quê? Não! — cortei-o rapidamente. — Você não tem cara de quem curte ouvir pessoas cantando desafinadamente a noite toda — confessei, dando de ombros. — Qual o motivo para um cowboy não estando na casa dos vinte estar num karaokê a essa hora da noite?

— Acabou de deduzir que sou velho? — rebateu e eu mordi novamente o lábio inferior, rindo baixinho. — Ok, *menina*. — Algo no apelido me fez quase cair da cadeira, mas tentei segurar minha postura. — Eu posso sim, ser uma década mais velho que a maioria aqui, e não sou realmente daqui, e não gosto de ouvir gente desafinada...

— Então?

— Então, o quê?

— Você realmente não facilita. — Bufei e ele arqueou uma sobrancelha, e jurei que se eu o conhecesse de fato, estava segurando um sorriso. — Então o que faz aqui?

— Nada que você entenderia — respondeu simplesmente e eu franzi o cenho.

— Está me chamando de burra? — rebati, e ele negou de imediato com a cabeça.

— Não, mas a sua inocência e sinceridade, são realmente um grande problema.

Não entendi de fato o que ele queria dizer, não naquele exato momento. Mas me virei e tentei anotar tudo o que se

passava em minha mente e coração naquele instante. Algo deu um clique dentro de mim, e eu precisava colocar para fora.

“Se você falhar em planejar, você planeja falhar

A estratégia prepara a cena para a trama

Eu sou o vento e sou livre, velejando

No álcool das nossas bebidas”[3]

GUTA

Dizer que eu não ia sempre naquele bar com karaokê, seria mentira. Mas dizer que eu ansiava tanto para ir todos os dias, até mesmo quando poderia ser pega fugindo, seria uma

completa mentira. Augusta Toledo Bernardes – culpada por se sentir uma adolescente aos vinte e quatro anos.

A realidade era que eu queria ir até lá e encontrar o homem de olhar misterioso e maxilar cerrado. Esperava que em algum momento ele apareceria, mesmo que não fosse o destino, eu estava escrevendo sobre ele. Queria revê-lo. Ao mesmo tempo que estar ali, me rendia a inspiração a mil para fanficar em minha mente todas as coisas que eu tanto gostaria de viver.

— Eu odeio ele. — A voz feminina me tirou do torpor, e ouvi pessoas batendo palma e gritando para ela. — É a última vez que canto para ele assim.

Levei minha cerveja à boca, e parei com o lápis sobre o papel, quando ela começou a cantar Heather do Conan Gray. Aquela música conseguia doer na alma, e eu apenas fiquei ali, cantando baixinho e bebendo minha cerveja. Como podia sofrer por amor se eu nunca tinha me apaixonado?

“Mas como eu poderia odiá-la? Ela é um anjo.

Mas, novamente, meio que desejo que ela estivesse morta quando ela passa.

Que colírio para os olhos, mais brilhantes que o céu azul.

Ela te deixa hipnotizado enquanto eu morro”[4]

— Músicas tristes?

Abri os olhos, que sequer notei que havia fechado, ao som da voz baixa e rouca. Pisquei algumas vezes, para ter certeza de que não estava delirando, e que aquele mesmo cara, do chapéu branco de cowboy, e vestido a caráter, estava realmente se sentando na mesa ao meu lado.

— Pensei que não apareceria mais — falei, ainda curtindo a música e sem perceber no primeiro momento o quão honesta fui.

— Está vindo aqui para me ver? — Rebateu, e olhei-o como se estivesse indignada.

— Eu *sempre* venho aqui — comentei, dando de ombros.

— Não estava aqui no último sábado. — Pisquei algumas vezes, surpresa com sua observação. Ao mesmo tempo que franzia o cenho. Como ele sabia que eu não estava ali? Justamente no sábado foi o dia em que meus pais deram uma festa em casa, infelizmente, tive que sorrir e acenar a noite toda, e não tive como fugir para estar ali.

— Notou a minha ausência por aqui, cowboy? — provoquei, sem poder evitar. — Talvez tenha vindo só para me ver? — continuei, e vi-o finalmente tirar o chapéu e colocá-lo sobre a mesa, passando as mãos pelos cabelos negros um pouco ondulados e que chegavam perto de tocar seu colarinho.

Como eu poderia reparar em tantos detalhes dele, em meio a quase escuridão em que nos encontrávamos?

— Talvez não seja tão ingênua assim, menina — falou, fugindo completamente das perguntas e vi-o levar o copo cheio à sua frente até a boca, que sequer tinha reparado.

Também, passei todos os minutos desde que ele apareceu e me chamou, apenas reparando no quanto ele era bonito, que me perdi completamente da realidade. A mulher que cantava Heather já tinha saído do palco e outra pessoa já começava a cantar uma música agora da Taylor Swift. Um pouco mais animada, felizmente. Contudo, meu foco estava no homem que parecia concentrado em seu copo.

— Me chama de menina por que é mais velho? — perguntei, sem conseguir evitar, e minha mão tremendo para que eu escrevesse o que sentia naquele instante. Nada explicava a

forma como meu coração acelerava e tudo fazia se desfazer apenas por estar tão próxima dele.

Ok, tinha valido a pena vir todas as noites possíveis naquele karaokê!

— Por que acha que sou mais velho? — rebateu, e eu revirei os olhos. As nossas conversas pareciam sempre girar em torno de perguntas sem respostas.

— Pode não ser, mas algo no jeito que fala, te denuncia... — virei minha cadeira em sua direção e analisei seu rosto minuciosamente. — A sua expressão fechada parece com a de alguém que já passou por muita coisa, a ponto de aprender a demonstrar uma fachada perfeita e misteriosa.

Ele pareceu pensar sobre, mas nada em sua expressão se modificou.

— Acha que eu sou misterioso?

E ali estávamos nós de novo, com perguntas e mais perguntas. Ao menos, era tudo que eu recebia dele, mas ainda assim, me intrigava mais.

— Acho que você não gosta de responder as minhas perguntas. — Pisquei um olho e ele parecia me analisar por

completo. — Mas sobre mistérios... Não sei nem o seu nome, começa por aí.

— Por que gostaria de saber, menina?

— Por que eu não gostaria? — rebati, e ele pareceu abrir o vislumbre de um sorriso no conto do rosto. E naquele momento, foi como se eu tivesse acertado em cheio, de alguma forma, e meu ego foi completamente amaciado. Com seria ter um sorriso inteiro dele para si? — Ou eu devo te dar um apelido?

— Faça como quiser. — falou simplesmente, e eu poderia jurar que aquele jogo frio dele era o seu jeito mais atraente de flertar, mesmo que ele não soubesse. Ou ele tinha completa noção de que aquilo funcionava completamente.

— Cowboy... — comecei batendo dois dedos contra meu queixo, como se pensando, e mesmo que ele não demonstrasse nada, era como se pudesse sentir seu olhar me julgando pela escolha óbvia. — *Senhor Mistério* combina mais. — Soltei, e ele pareceu ligeiramente surpreso, enquanto bebia mais um pouco do seu copo. O que seria? Uísque, vodca, cerveja? Não saberia dizer. — O que acha?

— Do apelido?

— Não, da minha roupa. — Revirei os olhos, sem conseguir evitar o deboche e senti o exato instante em que seu olhar baixou por todo meu corpo, e um arrepio me atingiu por inteira.

Ou era um ótimo ou péssimo presságio. Ou eu deveria ser um pouco mais romântica e acreditar que estivesse me sentindo completamente atraída por alguém pela primeira vez, e que o olhar dele me esquentava por inteiro.

Preferi acreditar na segunda opção.

Eu usava uma calça jeans, que era de praxe para não rasgar nenhuma roupa enquanto pulava o muro, e um moletom grande o suficiente para me esconder das câmeras do lado de fora, caso alguém resolvesse analisá-las. Realmente não tinha muito o que ele olhar, a não ser a frase em inglês que estampava à frente do tecido.

— O que quer dizer? — indagou, não me respondendo sobre o apelido e acabei bufando.

— Só vou traduzir se... se me responder ao menos algumas das minhas perguntas — falei, e ele se encostou contra a cadeira, terminando a bebida. — Feito?

— Feito, menina. — Sorri abertamente, como se ganhando meu prêmio. — Ninguém nunca me deu um apelido antes. — Assumiu, e arregalei os olhos, sem conseguir crer. — Não que eu saiba.

— Aposto que deve ter muitos apelidos por onde passa... — deixei no ar e então levei minhas mãos à frente do moletom, indicando-o. — *“Girando em meus saltos mais altos, amor. Brilhando apenas para você...”*[5] — traduzi, quase cantando no ritmo da música e não pude evitar sorrir ao final. Quando levantei meu olhar para o homem à minha frente, não pude deixar de sentir meu rosto queimar, pela forma imponente que me encarava. Felizmente, pela pouca luz, ele não poderia me ver quase perdendo minha mente ali. Por sua causa.

— Uma música?

— Sim — falei animada. — Eu... Eu amo isso. — Admiti, e suspirei profundamente, desviando o olhar.

— É por isso que vem tanto aqui? — indagou, parecendo genuinamente interessado e eu me vi quase corando novamente, pela animação que me encontrou. Mas ainda assim, não sabia se

estava pronta para derramar para algum desconhecido, o tanto quanto a música dava sentido a tudo ao meu redor.

— Talvez seja por você, senhor mistério. — Pisquei um olho, sem poder evitar, e ele negou com a cabeça, levantando a mão e pedindo mais uma bebida. — Talvez...

“E o toque de uma mão acendeu o pavio

De uma reação em cadeia de contra-ataques

Para analisar a sua equação

Xeque-mate, eu não podia perder”[6]

GUTA

Ali estava eu novamente.

Era quase como um encontro não marcado verbalmente, mas mentalmente feito por nós dois. Talvez já fosse o nono mês

que eu estava indo religiosamente àquele karaokê, e o meu mistério mais bonito estava lá todo sábado. E por aquilo, todos os finais de semana se tornavam mais interessantes e bem-vindos. Mesmo que eu tivesse que acordar cedo no domingo e suportar meus parentes sanguessugas. Eu tinha um motivo nada sorridente, para sorrir o domingo todo.

Algumas coisas eu tinha aprendido sobre ele. Ele realmente gostava do chapéu branco que usava, e parecia que nunca o tirava. Ele preferia camisas pretas ou de cores neutras as de xadrez. Ele sempre bebia duas doses de uísque, para depois começar a cerveja. Ele era incrivelmente tolerante a álcool, e não ficava bêbado. Ele se aproximava um pouco mais a cada vez que nos reencontrávamos naquele mesmo fundo de bar, nem que fosse um dedo da sua cadeira mais próxima da minha mesa.

E eu contava todos os dias para o momento em que se aproximaria o suficiente para que o seu cheiro me envolvesse. Até mesmo, torcendo que seus dedos esbarrassem nos meus, para ver se eu ficaria tão energizada, quanto o seu olhar me deixava. Seria pedir demais? Seria pedir demais para pular aquele começo e já saber se era real ou não?

— O palco está vazio hoje. — Dei um pulo no lugar, antes de me sentar, e me vi virando e batendo com meu precioso caderno contra o peito do homem que surgiu literalmente do nada.

Assim que o papel bateu contra ele, eu me toquei da ação que fiz, e de como parecia uma resposta do universo para minhas indagações internas. Ou até mesmo, a minha falta de educação quando levava susto. Eu odiava aquilo mais do que tudo.

— Quase...

Foi então que parte dos meus dedos estavam sobre seu peito, e mesmo sobre a camisa, senti seu coração batendo forte e engoli em seco.

— Quase?

— Quase tive um mini-infarto. — Assumi, e puxei minha mão da sua proximidade e tentei me recompor. — De onde você surgiu?

— Da porta da frente?

Revirei os olhos e segurei meu instinto de socar o caderno novamente contra seu peito.

— Vou me sentar antes que perca o resto das batidas do meu coração... — a última parte saiu quase que inaudível.

— E o palco? Vazio mesmo? — provocou, uma nova faceta sua que eu comecei a ver mais nos últimos tempos, e apenas semicerrei os olhos, enquanto ele se sentava e trazia a cadeira para mais perto de mim. — Nunca pensou em cantar ali?

— Não tenho motivos — admiti, dando de ombros. — Sem coração quebrado — falei, apontando para o meu peito. — Sem coração acelerado... — parei no mesmo momento, e então mordi o lábio inferior com força. Porque era uma mentira escancarada, já que sentia o meu coração quase na boca à frente daquele homem. — Pelo menos, estava tão acostumada em não ter nenhum dos dois, que me acostumei a apenas assistir.

— Você gosta de música... Você gosta de cantar... Você gosta de compor... — assenti para tudo, mesmo que não precisasse, e pelo jeito, eu estava sendo bem clara sobre várias coisas para com ele. — Por que não cantar aqui?

— Quer tanto assim que eu cante para você? — rebati, e ele retirou o chapéu, colocando-o em seu colo, e notei o quase sorriso no canto de sua boca. — Ou quer cantar para mim?

— Eu prefiro te ouvir.

— É um pedido, senhor mistério?

— Quase que uma ordem, menina — falou e o tom de comando me fez ficar tão em alerta quanto senti todo meu corpo esquentar. Por que ele tinha tanto poder com poucas palavras assim?

Olhei-o como um desafio, ao mesmo tempo que me levantei e bati os dedos sobre meu pequeno caderno sobre a mesa – que já estava perto de acabar as páginas amarelas, pela forma como o usava mais do que o comum. Tudo por conta dele. Tudo por conta da sua presença.

— Meu bem mais precioso... — falei, e bati levemente contra a capa. — Cuide, mas não olhe. Certo?

Ele assentiu levemente, enquanto eu lhe dava as costas e sentia todo meu corpo queimar, como se seu olhar me seguisse pelo caminho.

Fui até a máquina e escolhi a música, e pensei pelo lado positivo de que pelo jeito o senhor mistério não sabia inglês, já que eu sempre traduzia as frases em meus diversos moletons que

apareciam por ali para ele. Toda noite, um moletom diferente, com uma frase justamente em inglês, para que eu pudesse dar-lhe a chance para o silêncio.

— Ok, você pode fazer isso... — falei baixinho para mim mesma, já que fazia um longo tempo que estive naquele palco.

Lembrava-me de ter bebido demais aos dezoito e parado ali, cantando músicas como se tivesse meu coração massacrado por todos os tipos de mocinhos possíveis, mas na realidade, era apenas a bebida falando.

Mas como se fazia isso, quando o cara que você quer chamar atenção está com os olhos justamente em você?

As pessoas bebiam e riam ao redor, num movimento um pouco menor naquele sábado, mas estavam entretidas tão nelas mesmas, que aquilo não me envergonhava. O palco não era um lugar onde me sentia totalmente à vontade, mas também, nunca me assustou.

A música começou e tentei apenas me concentrar na batida, enquanto sentia a mesma tomar conta de mim e me animar um pouco.

— “Uma vez, os planetas e os destinos

E todas as estrelas se alinharam

Eu e você acabamos na mesma sala

Ao mesmo tempo

E o toque de uma mão acendeu o pavio

De uma reação em cadeia de contra-ataques

Para analisar a sua equação

Xeque-mate, eu não podia perder

E se eu te dissesse que nada foi por acaso?

Que na primeira noite que você me viu, nada iria me parar

Eu preparei o terreno e, como o mecanismo de um relógio

Os dominós desabaram em fila

E se eu te dissesse que sou uma mestra da manipulação?

E agora você é meu

Foi tudo calculado

Porque eu sou uma mestra da manipulação

Sabe, todas as mulheres mais sábias tiveram que fazer desse jeito

Porque nós nascemos para ser os peões dos jogos dos amores

Se você falhar em planejar, você planeja falhar

A estratégia prepara a cena para a trama

Eu sou o vento e sou livre, velejando

No álcool das nossas bebidas...”[7]

No meio da música as pessoas já estavam gritando ao redor, cantando junto, e eu sorri abertamente, ainda no meu verso e foi quando senti os olhos que eu procurava tão presos aos

meus. Ele estava lá, eu me lembrei. Para quem eu escolhi a música, mesmo que de forma inconsciente do que ela realmente significava. Eu estava pedindo secretamente para que ele desse um passo e me tomasse?

Era isso?

E quando eu terminei, aplausos soaram, e eu sorri abertamente, agradecendo. Desci do palco, batendo palmas com alguns estranhos, e a bartender que já me conhecia há muito, assoviou alto. Fazia muito tempo que eu não subia naquele palco e Maria Clara sabia bem daquilo. Mandei-lhe um beijo no ar e ela piscou um olho, fazendo que o recebeu.

Voltei meu caminho, sentindo meu corpo energizado, e queria dizer que era apenas pela música, por ter cantado e colocado em palavras de outros o que eu sentia. Mas ao mesmo tempo, era aquele olhar, que agora ficava mais alto e um pouco inalcançável pela nossa clara diferença de altura.

— Eu não posso te dar muito, mas... — ele não continuou, e eu franzi o cenho.

Antes que eu pudesse perguntar ou fazê-lo continuar, senti os lábios do homem que eu estava desejando ardentemente que

desse aquele passo até mim há semanas. E eu os aceitei. Minhas mãos em seu peito, puxando-o para mais perto, como se possível, e sua língua veio para a minha, abrindo um caminho que fez todos e qualquer beijo que tivesse dado se tornarem um borrão. Mãos firmes em minha cintura, fazendo-me suspirar pela forma como meu corpo reagiu ao seu e implorou por mais. Mesmo ali, no escuro de um bar, eu poderia muito bem perder minha cabeça.

Eu já tinha perdido meu coração, certamente.

“E se eu te dissesse que nada foi por acaso?

E na primeira noite que você me viu, eu soube que queria o seu corpo?

Eu preparei o terreno e, como o mecanismo de um relógio

Os dominós desabaram em fila”[8]

GUTA

Domingos eram conhecidos como dias que eu sempre tentei evitar ao máximo. Porque era o dia de me lembrar que eu era uma Toledo, que eu teria que suportar os parentes por parte

materna, que nunca de fato se importaram com minha mãe ou comigo. Meu pai, como sempre, o bom e maravilhoso genro e todo o resto de nomeação que existisse para com o lado dos Toledo que foi ligado, fazia o seu melhor como anfitrião.

Eu achava um tédio ter de suportar tanta gente mesquinha junto, porém, não era como se tivesse me acostumado a apenas ignorá-los depois de vinte e quatro anos tolerando-os. Mas excepcionalmente naquela manhã de domingo, eu estava cantando alto no meu quarto as oito da manhã, escolhendo meu vestido favorito e relembrando cada detalhe da noite anterior.

Por mais que pudesse ser só um momento e eu não soubesse nada de real sobre o homem que fez com que um beijo marcasse minha alma de imediato, eu estava suspirando apaixonada. Talvez eu nunca mais o visse, e uma parte do meu coração parecia me avisar sobre isso. Ao mesmo tempo que não queria pensar que no próximo sábado, ele não estaria lá.

— Foi bom te conhecer, menina — ele falou, seus lábios se afastando dos meus, mas buscando-os novamente, antes de finalmente se afastar.

— Mas...

— Eu preciso ir — falou, e foi o mais perto de um sorriso dele que tive, antes de suas mãos se afastarem, e ele seguir em direção à saída do bar. Fiquei estática no lugar, os lábios formigando e tudo girando em torno de que ninguém poderia ignorar o que aconteceu ali. No caso, nenhum de nós.

Para onde ele iria?

Por que parecia uma despedida?

Não queria focar naquilo, mas no sentimento que pulava em meu peito. Talvez porque soubesse que eu tinha a chance de viver um amor real, nem que por semanas contadas e um beijo mais do que perfeito, seria aquilo. Não na realidade. Não na realidade, que poderia bater à porta a qualquer momento e eu estar comprometida.

Suspirei fundo, não querendo pensar.

Eu sempre era boa em colocar os sentimentos ruins para debaixo da cama, até que os esquecesse bem ali. Não deixaria que o fato de que eu seria a noiva de alguém que minha mãe escolheria, pesar sobre o fato de que tive a sensação de que alguém me escolheu assim como o escolhi, por alguns segundos.

— Um bom dia, querida?

Virei-me, para encontrar mamãe em sua cadeira de rodas e um leve sorriso no rosto.

— Bom dia, mamãe — falei, indo até ela, e me ajoelhando à sua frente. — Um ótimo dia, mesmo sendo domingo. — Ela soltou um pequeno sorriso, porque sabia exatamente o que eu pensava.

— Sabe que eles não são maus porque querem, eles só...

— Amam o fato de serem da elite, ricos e intocáveis, esnobes e uma lista infinita de futilidades... — falei, e me levantei, girando pelo quarto. — Mas como aprendi com a melhor mulher desse mundo todo, eu não tenho por que pensar o pior, mas sim, o melhor.

— A que devo essa felicidade matinal?

— A... — Sorri para o nada. — Ao meu *muso* pessoal — confessei baixo, sem querer explanar acerca disso. Não queria que ela descobrisse sobre minhas escapadas, em busca de algo que infelizmente, nada dentro daquelas grandes paredes me proporcionariam.

Eu tinha tudo, eu sabia.

Eu tinha tudo, e era grata.

Eu tinha tudo, mas ainda buscava mais.

Pelo menos, em sentir. E eu tive um vislumbre de como era, com ele...

— Precisamos conversar, antes de descermos — falou e seu tom era um pouco mais sério do que o habitual. — Sabe que eu sempre penso em como vai ser melhor, se tiver alguém que possa cuidar de você quando eu me for... para que seu pai não tome as decisões influenciado pela minha família, e muito menos, que te prejudiquem.

— Mamãe...

— Encontrei alguém que pode fazer isso.

— Como...

— Sei que é pedir muito, e eu sempre peço muito, mas... É para um bem maior, que vai ajudar não só você após se casarem, mas ajudará a filha de Pâmela.

Foi naquele momento que ela teve minha total atenção. Falar sobre minha prima que virou as costas para a família e escolheu a sua própria, mas infelizmente faleceu no parto, e o testamento de nossa avó deixou para ela grande parte das terras que quase toda a família mataria para ter, era um assunto quase que proibido.

Pelo lado de minha mãe, que eu sabia que era apegada à sobrinha e se culpava por não ter estado lá por ela, não era pela vergonha ou qualquer outra merda que os Toledo criaram sobre Pâmela, era porque queria poder recompensar de alguma forma.

— É um acordo, que nos firmamos em não mais intrometermos com os Esteves, e muito menos no que é por direito de Jasmine – a filha de Pâmela.

— Mas... Mas como?

— Lembra de Juan Esteves? O cara com quem Pâmela deveria ter se casado e tinha um acordo com minha família?

— Sim, o cara que eu sempre quis entender mais da história, que parecia triste e deprimido já que descobriu que ela se casou com o irmão do meio...

— Foco, Guta. — Cortou-me de minhas divagações e eu assenti. — Então, ele.

— Eu vou me casar com Juan Esteves? — indaguei, como se incrédula. — Esse acordo faz sentido na cabeça de qual Toledo?

— Bom, meu irmão que o sugeriu...

— Sabe que Vicente Toledo é um canalha, né, mamãe? Um de primeira.

— Ainda é meu irmão, querida.

— Um péssimo. — Não poderia esconder os passos, e ela suspirou fundo, batendo com a mão no braço da cadeira e fui até ela, segurando-a. — Tem certeza disso?

— Não seria eu que deveria perguntar isso?

— Eu sei que casamentos por contrato são os únicos que acontecem nessa família. — Dei de ombros. — De qualquer forma, por que me rebelaria?

— Por que ama alguém?

Olhos tão claros quanto gelo vieram em minha mente, penetrantes como a noite anterior.

— Eu amo você, mais do que qualquer coisa. Sabe disso — falei, e sua outra mão pousou na minha. — Não é como se eu fosse me mudar tão cedo para a casa do tal Juan e odiar o casamento. Ainda tenho duas faculdades para terminar nesse ano, e tenho você.

— E quando não me tiver, querida?

— Eu tenho você. — Ela suspirou profundamente, e me abaixei o suficiente para que beijasse minha testa. — Vai ficar boa logo, eu sei.

Era a frase que eu dizia a ela, desde os meus dezesseis anos, quando uma visita de rotina ao médico, tornou-se o nosso pesadelo. Um pesadelo que a gente tentava conviver desde aquele momento até ali.

— Tem certeza de que quer fazer isso?

— Jura que vai ficar me perguntando sobre algo que nós duas sabemos como vai terminar? — rebati sorrindo, para que ela

não pensasse tanto. Nós já tivemos várias conversas sobre aquilo e eu não tinha por que ir contra.

— Obrigada por entender, filha.

— Obrigada você vai me dizer quando eu te ajudar a trocar esse pijama...

Ela sorriu e assentiu. Era melhor focarmos apenas no melhor do pior que nos acontecia, e foi exatamente aquilo que ela me ensinou.

Minutos depois eu respirava fundo, antes de seguir o caminho que minha mãe deixou para trás, enquanto apenas a parede da cozinha, tampava a visão perfeita que eu teria de toda minha família ali, e no caso, do meu noivo por contrato. Olhos azuis límpidos se passaram por minha mente, quando fechei os meus, e respirei fundo – eu sempre soube que o amor verdadeiro talvez não fosse para mim.

Quando os abri novamente, soltei o ar e saí de dentro daquela parte, e quando o sol da manhã me tocou, surpreendi-me que os olhos que encontrei, eram os mesmos que estavam em

minha mente e alma desde a noite passada. Eram os olhos que eu pensei que nunca esqueceria, mas que deveria fazê-lo, já que estava prestes a conhecer o meu noivo. E de repente, eu só conseguia indagar: o que o senhor mistério fazia ali? Vestido de terno e gravata?

“Boa menina, menino triste, cidade grande, escolhas erradas

Tinha algo rolando entre a gente

Eu juro que tinha algo, porque eu não me lembro de quem eu era

Antes de você pintar todas as minhas noites de uma cor que eu procuro desde então”[9]

GUTA

— Senhor Mis...

— Esse é Juan Esteves, querida — meu pai falou, tomando a frente, e apontando para o homem que eu mal acreditava que estava à minha frente e que aquele era o seu nome.

Juan?

Aquele Juan?

O tal Juan que queria se casar com minha prima e foi rejeitado?

Juan Esteves era o meu Senhor Mistério?

— Essa é Augusta. — Meu pai então me apontou, como se eu fosse nada além de seu peão. E eu já estava acostumada que ele agisse de tal forma. A vida inteira foi assim. A vida inteira não só ele o fez. Como eu sabia desde muito cedo o que ele queria de mim, o que minha mãe queria de mim. Mas seria mentira dizer que não me incomodava, por mais que já estivesse acostumada. Ainda mais, à frente do homem que eu tanto pensei que era o escape daquela realidade.

Ele não o era?

Quem ele realmente era?

Queria conseguir ler em seus olhos.

Entender o que estava por trás deles.

E daquela vez queria todos as respostas das perguntas que ele nunca me deu. E muito mais.

— A gente já...

— É um prazer, senhorita Toledo.

Sua voz já gritava familiaridade, e eu queria gritar que tipo de brincadeira era aquela? O que realmente estava acontecendo ali?

— Bernardes — corrigi-o, quando aceitei sua mão e o mesmo arrepio que apenas ele me causava, me acertou em cheio. O toque de sua pele como um lembrete que eu não estava maluca. — Desde quando isso foi decidido?

— Acho que devia ser educada à frente do seu noivo.

— E você deveria estar na sua casa, tio Vicente. — Rebati de imediato, e senti um leve aperto em meu braço e era minha mãe, parando-me. Forcei um sorriso, afastando meu toque do de Juan. — Mas já que ele é meu noivo, posso ter um momento a sós com ele? — indaguei, voltando meu olhar para minha mãe que assentiu, franzindo o cenho, e em seguida, para meu pai.

Meus outros primos, tios e parentes, estavam concentrados em apenas assistir a cena, e eu conseguia encarar o desgosto claro no rosto de muitos deles. Ao mesmo tempo, que pareciam satisfeitos por mais uma vez, manipular tão facilmente minha mãe.

— Podem conversar no meu escritório — meu pai falou, e eu lancei um leve olhar para o homem que agora, de repente, parecia um completo desconhecido e eu estava tão assustada com tudo aquilo, que sequer consegui olhá-lo de fato, até chegarmos ao cômodo fechado. — O almoço vai ser servido daqui a dez minutos, querida.

— Ok, papai.

Ele saiu, fechando a porta atrás de si, enquanto eu olhava para a janela que ficava atrás da grande cadeira em que sempre me lembrei de ele se sentar. Bati com os dedos na mesa, e então foi como se não pudesse raciocinar de fato.

— Desde quando sabe? — não quis virar, porque aquilo estava a ponto de me machucar, e eu não queria.

Era aquilo?

Era se apaixonar para quebrar seu coração na manhã seguinte?

Já não bastava que ele seria quebrado porque eu não poderia ter o homem por quem me apaixonei?

Mas então eu o tinha, e ele era uma mentira?

— Seu tio entrou em contato há alguns meses...

— Sabia que era eu? — virei-me, finalmente buscando seus olhos, que estavam mais escuros do que o castanho a que eu me acostumei. — Por isso estava lá? Por isso foi todos esses sábados?

— Isso muda alguma coisa, Augusta?

Eu não era mais “sua menina”.

Talvez eu nunca de fato tenha sido.... Ri sem vontade, vendo que algo sobre ele não mudava. Ele claramente não iria me dar respostas, e pelo menos, algo sobre ele não mudou.

— Eu tenho várias perguntas, talvez dezenas... — falei, e passei a mão levemente por meu rosto, dando passos para perto dele. Ao mesmo tempo que ele me era familiar, de repente, era

um completo estranho. — E pelo jeito, hoje não seria o dia que iria respondê-las.

Ele apenas ficou em silêncio, e eu dei um passo para mais perto, o salto alto me ajudando a ficar tão próxima que seus lábios estavam muto perto dos meus.

— Ao menos uma... Por que está nesse casamento, Juan? — indaguei, sentindo minha língua nem acreditar que toda a fantasia sobre o homem que me apaixonei caía por terra. Ao mesmo tempo que sabia o seu nome, mas ele permanecia um grande mistério. — Por que?

— Porque é necessário. — respondeu simplesmente, e eu tentei encontrar qualquer sentimento por trás.

— Está feliz que seja eu?

A minha pergunta mal saiu, quando ouvi duas batidas na porta, e mesmo que eu soubesse que as respostas ficariam para ele, como sempre, eu queria que ninguém tivesse interrompido.

Eu gostaria de que não fosse ele ali.

Eu gostaria de que não fosse um peão manipulado. Não por ele. Não no amor.

— Vejo que estão até mais próximos...

— Dispenso a falsidade, papai — falei, engolindo em seco e dando passos atrás. — Vou sorrir e acenar na mesa, como sempre me disse que eu faria para o noivo que encontrariam. E espero que isso faça jus a dor que mamãe tem por Pâmela. — Nesse momento notei a expressão no rosto de Juan se modificar por completo, e era clara a sua tensão.

Seria aquilo?

Seria por ela que ele estava ali?

Para fechar algum buraco que outra Toledo abriu?

Era aquilo.

— E eu quero ir conhecer Jasmine e Franco o mais rápido possível...

A tensão no homem à minha frente apenas piorou e o encarei, notando que se eu nunca havia observado nada em sua expressão, a dor era evidente ali. Contudo, não era sobre ele aquele momento. Nem aquele casamento. E por mais que eu quisesse perguntar e entender, não era como se fosse ter alguma resposta.

E por um segundo, vi-me perguntando se teria alguma, em algum momento...

“A minha cidade era uma terra inútil

Cheia de gaiolas, cheia de cercas

Rainhas de concursos de beleza e grandes impostores

Mas, para alguns, era o paraíso”[10]

JUAN

Olhei ao redor, apegando-me ao que me fazia estar ali.

De todas as pessoas do mundo, teria que ser justamente ela?

Permaneci apenas calado, analisando o que acontecia e tentando não adentrar qualquer assunto que envolvesse ainda mais minha família. Era um dia que não esperava que chegasse, mas eu já tinha ido longe demais.

O barulho alto de um celular na mesa, fez com que a conversa sobre ações parasse, e eu ainda sentia o olhar afiado de Augusta sobre mim.

Augusta... Agora eu tinha um nome para dar a ela. E combinava perfeitamente com a imponência clara em seu ser.

— Infelizmente, tenho que pedir licença e me despedir... — Vicente Toledo, o grande causador dos problemas daquela família e o qual a ambição nunca chega ao fim, anunciou e fingiu uma expressão triste a todos.

Era tão claro que ele fingia, que me surpreendia a forma como conseguiam, todos naquela mesa, conviverem em um ambiente tão montado. Era assim que as pessoas com dinheiro ficavam? Ou as que não tinham noção que existia mais do que aquilo?

Quem dera o Juan mais novo tivesse noção daquilo, ou até mesmo, alguém para lhe mostrar outro caminho. Não que eu pensasse que realmente existisse outro. Não na forma como tudo sucedeu.

— Que peninha, tio. — A voz de Augusta tomou a mesa, e eu poderia sorrir da sua clara afronta. Parecia que tínhamos mais uma coisa em comum: não suportávamos o homem mais velho que se vangloriava sempre que podia. — Mas não faça quem quer que seja esperar...

— O que Augusta quer dizer é que fará falta no almoço.

Notei-a engasgar com a água que bebia, e rir de lado. Os outros primos espalhados pela mesa pareciam segurar a risada também, a não ser aqueles que poderiam muito bem ser confundidos com uma versão mais nova daquele homem.

— É sempre um prazer, Bernardes. — Fez um leve aceno para o pai de Augusta, que sorriu abertamente. E tentei não pensar tanto a respeito do fato de que aquele homem seria meu sogro a qualquer momento. — Fico no aguardo do convite de casamento, Esteves.

Apenas o olhei, e não lhe dei resposta alguma. Não que eu pudesse fugir de convidá-lo, mas ainda assim, era um terreno completamente novo. Eu já quase estive no mesmo, mas não de uma forma tão conclusiva como o era com Augusta.

Ela tinha uma careta no rosto e trocou um breve olhar com a mãe.

— Ouvi dizer que a fazenda de Pâmela está abandonada... — parei com o suco que levava à boca, e notei Vicente deter seu passo para longe. Ele sorriu para o filho mais novo, que parecia pronto para assumir seu lugar de intragável naquela mesa. — Que a filha dela está...

— Você já foi até lá? — indaguei de imediato, e repousei o copo na mesa com força. — Algum de vocês? — olhei para a toda a mesa, mas em nenhum lugar em particular. Contudo, no final, busquei o olhar de Augusta, da menina que estava longe de ser uma, mas que parecia a única com alguma verdade ali. — Eu estar me casando com uma de vocês, não dá direito a ninguém de falar sobre a família do meu irmão. Não na minha frente, pelo menos. Então, seria bom saber os limites.

— Os limites são claros, Esteves. — Notei Vicente voltar e tocar o ombro do filho, que parecia chocado por obter uma

resposta.

Eu não era de falar muito.

Eu não era de rebater de fato.

Não quando se tratavam das três razões que me levaram até ali.

Ninguém falava o que queria de Franco, Oscar ou Flávio. Não à minha frente. Não se eu soubesse.

— Faça a nova fazenda dos Toledo maior e mais rentável do que a que seu irmão roubou de nós, então...

— Franco não roubou nada — falei, e senti o exato segundo que dedos quentes chegaram de forma disfarçada até os meus, que estavam em torno do copo, quase o quebrando.

Olhei para a mulher à minha frente, que negou levemente com a cabeça, como se me avisando que não valia a pena. Eu sabia que não. Mas, mesmo assim, eu sabia tolerar muitas coisas, mas não que o acusassem. Ou qualquer um dos meus irmãos.

— Roubou sua noiva, peãozinho — o filho de Vicente falou, e senti os dedos de Augusta se afastarem dos meus, e apenas encarei aquele garoto que deveria ter dezesseis anos ou nem isso, que parecia achar que sabia sobre tudo. O que ele

realmente sabia? As mentiras que o pai lhe contava? As armações que ele lhe ensinava?

Ele não sabia nada.

Então eu apenas dei de ombros, sem querer adentrar um assunto que não lhe dizia respeito. Nenhum deles, além da mãe de Augusta poderia falar algo. Muito menos falar sobre uma pessoa que não estava mais ali para se defender. A memória de Pâmela merecia mais do que isso. Porém, era claro que nem aquilo eles sabiam respeitar.

— Se direta ou indiretamente falarem sobre Pâmela nessa mesa, vou convidar para que quem quer que seja... — Fabiana Toledo se pronunciou, e encarou friamente o sobrinho, que pareceu cair em si. — Ótimo! Até mais, irmão! E agora, vamos continuar comendo.

Eu apenas me concentrei na comida por alguns segundos, mesmo que a fome já tivesse passado e tudo o que se passava em minha mente era em como queria ter conseguido proteger cada um deles de forma mais efetiva. Principalmente Franco.

Só queria estar com meu chapéu na cabeça e esconder a expressão que não poderia me abandonar – a tristeza de ter

falhado com meu irmão. De ter falhado de tantas formas, que estava há muito tentando consertar, como fosse.

E mesmo que o jeito fosse me casar e entregar uma mentira para a pessoa que entre tantas, foi a única a me trazer a vida em noites contadas. Levantei meu olhar e ela estava ali, tão perto, mas tão distante, que sabia que o certo era deixar assim.

Ela merecia mais.

Todos eles mereciam.

“Eu vejo a grande fuga, até mais, Daisy Mae

Eu arranquei as pétalas, malmequer

Algo diferente floresceu, estou escrevendo no meu quarto.”[11]

GUTA

“Então ele se sentou na mesa

Entre mentiras e impostores

Talvez ele fosse o mais falso

Então o nome dela veio para a mesa

Entre verdades nuas e cruas

Talvez esse fosse o mais real.”

Parei com o lápis no papel amarelado e me vi respirando fundo algumas vezes. Eu sempre fui tão curiosa sobre a história de amor complicado de minha prima, mas nunca imaginei que estaria na posição oposta dela, e destinada a um período de tempo com o homem que ela rejeitou.

Neguei com a cabeça e encarei meu reflexo no espelho da penteadeira. Eu poderia jogar bem-me-quer malmequer, pra talvez me iludir um pouco. Mas eu sabia que qualquer ilusão tinha acabado no momento em que ele se reapresentou pra mim naquela manhã.

Por que tinha que ser ele?

Dentre tantas pessoas no mundo, justamente ele?

Eu sabia que tinha o lado da culpa de minha mãe, mas que nenhum Toledo, incluindo ela mesma, agia apenas de forma emocional. Nunca apenas sentimental. Era praticamente uma marca registrada da família, e eu sabia que felizmente, o meu

lado que vem do meu pai, sobressaía aquilo. Só não poderia dizer se era realmente bom sentir assim.

Levantei-me, de mãos vazias e rumei em direção à sala de estar, onde havia deixado meus pais mais cedo, quando apenas terminei de comer e Juan teve uma emergência com um de seus irmãos. Qual deles seria? Franco?

— Por que ele? — perguntei, no momento em que avistei meus pais aconchegados no sofá, assistindo algo aleatório que passava na televisão naquela tarde. — Por que Juan Esteves?

— Querida, eu pensei que...

— Sem a parte de Jasmine e Franco, mamãe — pedi, aproximando-me e me sentei no tapete à frente deles. — Sei que o meu casamento por contrato seria por algum interesse maior do que pessoal, foi para o que sempre tentaram me preparar...

— Ele é um homem decente, que construiu o próprio nome e criou os irmãos... — minha mãe começou e apenas abri os braços, como se não fosse sobre aquilo. Não era por eles estarem me casando com alguém honrado, era a respeito do porquê Juan Esteves ser o escolhido.

— O lado comercial da coisa, mamãe, por favor.

— Ele é bom no que faz — meu pai foi quem tomou a frente. — Ele fez uma fazenda que sequer produzia algo, em uma das maiores do agronegócio da região.

— Então, ele será um bom administrador ou fazendeiro, ou sei lá como se chama, a ideia de os Toledo voltarem a ter influência no agro? É isso?

Meu pai assentiu e eu enxerguei a leve culpa nele. O lado bom de sermos parecidos na transparência, era que sempre o podia ler.

— Basicamente — mamãe continuou. — E poderá focar apenas na sua música e dar as aulas que sempre desejou, não ficar à frente de algo que nunca quis...

— Não que tio Vicente fosse me permitir estar à frente de qualquer coisa que fosse. — Ri em desgosto.

— Continua sendo mais velha e herdeira direta das outras Terras que nos foram deixadas...

— Espero que Juan consiga fazer um grande milagre, porque há tanto interesse nessas terras que duvido que elas

produzam o suficiente para os Toledo.

— Augusta... — mamãe fez uma careta e eu dei de ombros.

— Desculpe, mamãe. Mas eu sei que é tão ambiciosa quanto eles, talvez seja de família — falei, num tom mais ameno e me levantei, indo até os seus braços. — Pelo menos não joga baixo para tal coisa.

Senti seu leve carinho em meus cabelos e me afastei no momento seguinte.

— Vou deixar que assistam esse programa terrível — brinquei, e pisquei um olho. — Vou dar uma volta no condomínio e já volto.

— Tome cuidado, querida.

— Eu sou o cuidado, mamãe.

Pisquei um olho e rumei em direção à saída de casa.

Assim que cheguei do lado de fora, senti o frio me acertar um pouco, mas não queria voltar para dentro. Já tinham sido emoções demais para um único dia. De uma sonhadora apaixonada, para uma noiva perdida. Caminhei pelas ruas, sem

precisar me esconder como fazia sempre que queria fugir realmente dali.

Eu só queria ficar ali, ao redor.

E felizmente, não cairia na tentação de ir àquele mesmo bar naquela noite. Andei algumas quadras, e me sequer sabia quanto tempo estava do lado de fora, em uma tarde ensolarada tão boa, que gostaria de poder apenas ficar ali, fazendo nada.

Pensando em nada.

Mesmo que estivesse pensando em tudo.

— Eu já te disse que não deveria ter vindo. — Ouvi a voz que poderia reconhecer entre milhares, e paralisei, bem ao lado de uma árvore. Sem conseguir evitar, vi-me entrando atrás da mesma, mas deixando meu rosto para o lado de fora. — Você e Flávio não eram assim nem quando crianças!

Vi o homem que estava cravado em minha mente, falando com outro praticamente do seu tamanho, claramente mais novo, que tinha um sorrisinho de lado e passava a mão pela cabeça quase totalmente raspada.

— Está se esquecendo de todas as vezes em que te perseguimos para lugares desconhecidos e você não sabia? — ele levou a mão ao ombro de Juan, numa intimidade clara, mas o homem à sua frente permanecia frio. Vi-o então afastar a mão do outro, e só agora notei que estava com seu chapéu branco na mão livre, levando-o à cabeça.

Quase sorri feito uma boba, porque ele era tão bonito daquele jeito. Uma camisa preta, calça jeans, botas e aquele chapéu de cowboy – do jeito que o conheci, e do jeito que eu queria me lembrar dele. Não como o cara de terno que almoçou conosco e me deixou com ainda mais dúvidas sobre tudo.

— Temos uma intrusa?

Dei um pulo no lugar e quando me virei, dei de cara com um homem tão bonito quanto os outros que pararam a discussão de repente. Ele tinha um sorriso interessado e olhos brilhantes. Se eu pudesse chutar alguma coisa, jurava que aquele era o caçula dos Esteves.

E ele me pegou espionando os irmãos.

Ele era meu futuro cunhado.

— O que faz aqui, Augusta?

— Augusta Toledo? — nem fiz questão de me virar para Juan, e apenas levantei a mão e dei um olá com ela para o homem à minha frente.

— Prefiro Bernardes. — Assumi, e estiquei a mão. — Você é?

— Sério que Juan nem mostrou a foto do irmão mais bonito?

— Por que ele mostraria uma foto minha? — então o que estava depois da árvore e à frente de Juan, empurrou o que estava ali, e apertou minha mão, logo levando-a até sua boca, dando um leve beijo. — Oscar Esteves, encantado.

— Por favor, Scar. — O outro se manifestou e empurrou o irmão. — O caçula e mais bonito de verdade — falou, e apertou minha mão também.

Sorri de toda a cena, porque era realmente algo que não esperava. Eles eram tão confortáveis e amáveis, que me senti familiarizada de imediato.

— Você é nossa futura cunhada...

— Onde está Franco? — perguntei, sem poder evitar e o olhar de ambos mudou por completo, e vi-me mordendo o lábio inferior, e realmente, caí em mim que não sabia nada sobre aquilo. — Podem me chamar de Guta, aliás — falei, tentando cortar a tensão que se formou, e felizmente, os homens à minha frente pareceram entender que o fazia.

— Vão para o hotel e esperem lá.

A voz de Juan soou como uma ordem, e só então ouvi seus passos se aproximarem.

— Ainda fala com a gente como se tivéssemos quinze anos.

— Vou parar de falar assim quando pararem de agir como adolescentes. — Juan claramente chamou atenção, e notei o mais novo baixar o chapéu preto que estava em sua cabeça e sorrir.

Por que ele parecia de fato que mandava em toda a situação?

— Boa sorte, cunhadinha.

— Vai precisar — Oscar falou e piscou um olho, antes de se afastar.

Assim que os Esteves mais novos se afastaram, e desceram de fato a rua, até dobrarem a esquina, levantei meu olhar e encontrei o de Juan. Ele estava um pouco escondido sob seu chapéu, mas ainda assim, era como se fosse o mesmo de sempre – impenetrável.

— O que faz aqui, Augusta?

— Se você não me responde nenhuma pergunta, por que deveria te responder?

Vi-o tirar o chapéu levemente, e passar as mãos pelos cabelos. Cabelos em que eu tive meus dedos envoltos na noite passada, e que parecia ter sido em outra vida. *Merda!*

— Desculpe pelos meus irmãos, eles...

— Está se desculpando por eles serem legais? — indaguei, sem conseguir ouvir o restante de sua fala. — Sério, Juan?

— Não sei onde eles são legais, mas...

— Você me parece como uma leoa protegendo os filhotes — falei, sem poder evitar, e ele piscou algumas vezes, como se

não esperasse por aquilo, ao mesmo tempo que poderia jurar que ele se acostumou com minha espontaneidade. — Desculpe por...

— Por ser sincera? — negou com a cabeça, e vi-me mordendo o lábio inferior para não sorrir. — Se puder ser assim, até tudo isso acabar, será o mais perfeito do que um casamento por contrato pode ser.

Sua fala foi como uma facada em meu peito que construiu um lugarzinho só para ele, antes mesmo de saber que ele estaria permanente, por certo tempo.

— Então é isso, não é? — afastei-me da árvore, que só agora notei que estava encostada por todo esse tempo. — Um casamento por contrato?

— O que achou que seria, menina?

Ri sem vontade e neguei com a cabeça, dei passos em direção para me distanciar da árvore, e para mais perto dele. O perto que não parecia o suficiente. Seria sempre assim? Nunca o suficiente?

Eu não era o suficiente?

— Uma ilusão bonita. — Assumi, encarando-o e neguei novamente com a cabeça. — E meu nome é Augusta.

“Você sabe que existem várias formas de matar a pessoa que você ama

A forma mais lenta é nunca a amar o suficiente”[12]

JUAN

— Ela é mais bonita do que nas fotos — Oscar comentou, e me vi apenas batendo com a toalha diretamente no seu peito. — Ciúmes, irmão?

— Eu já disse para sossegarem o facho! — falei, e bati com a toalha em Flávio, para que saísse da minha cama.

Ele apenas foi mais para o canto e fingiu que eu não estava pedindo para que saísse.

— Ela não sabe nada sobre Franco, não é? — indagou de repente, e me surpreendia o quanto mesmo sendo o mais novo de nós, Flávio muitas vezes era mais observador.

— Nem nós sabemos muito, irmão — Oscar respondeu, e não precisei olhar para saber que tinha uma careta no rosto. — Uma hora a gente vai ter que encarar a realidade sobre isso.

— Por que mesmo vieram até aqui?

— Porque o sensor de irmãos mais novos apitou tão forte, que tinha certeza de que estava se metendo em alguma fria. — Ele continuou, e Flávio assentiu, assim que me joguei na cama ao seu lado.

Cansado daquele dia, mas fingindo que ele não me acertou em nada. Era algo que estava acostumado a fazer, desde que os três se tornaram meu mundo. No caso, olhando ao redor do quarto, sentia a falta gritante de um deles. Bem ali.

Se eu pudesse tê-lo protegido...

— E entrou. — Oscar complementou, e o encarei, vendo-o tirar os sapatos, e se deitar melhor na cama ao lado. — Acha mesmo que isso vale a pena, irmão?

— Quando foi que ele ouviu a gente sobre algo? — Flávio indagou, bufando ao meu lado, e bati a toalha em seu peito exposto novamente. — Que diacho!

— Eu não vou falar com vocês sobre isso novamente. — comentei de uma vez, ajeitando-me melhor na cama, e deixando uma distância clara de Flávio, que já vinha com o travesseiro para o meu lado. — Eu já disse a vocês que está mais do que na hora de buscarem seu irmão.

— Franco é seu irmão também — Oscar falou, levantando-se e sentando-se na beira da cama em que apenas eu deveria estar. — Acha que não seria justo ele ou Jasmine saberem do que está fazendo, agora?

— Eles estão bem sem mim. — Minha voz quase não saiu e engoli em seco. — Podem só ir para suas camas e dormir.

— Como se a gente não tivesse dividido a mesma cama por anos... — Flávio reclamou e bateu com o travesseiro em meu peito, levantando-se.

Oscar riu, foi até a dele, e se jogou, ficando por lá. Mas de repente, a sua fala ficou em minha mente e eu me vi perguntando, sem conseguir pensar antes.

— Onde viu fotos de Augusta?

Oscar riu mais alto ainda, e pude ouvir a risadinha de Flávio do canto esquerdo na outra cama, que assim que o encarei, fingiu estar emburrado.

— Talvez o fato de eu ter uma melhor amiga que tem parentes que fazem parte da máfia...

— Pediu para Talita investigar Augusta? — indaguei incrédulo, e Flávio assentiu. — Como ela fez isso?

— Eu sei lá! Eu que não vou questionar os métodos da máfia... — ele fez aspas com as mãos para a última palavra, e revirei os olhos. — Aliás, ela descobriu coisas como Guta adorar...

— Guta? — perguntei incrédulo diante da forma como meus irmãos pareciam tornar qualquer assunto o mais simples possível. Eles haviam conhecido a mulher naquele dia, e de repente, já tinham a cunhada favorita. No caso, era a primeira e talvez a única com quem eles teriam contato.

— Enfim... — Oscar quem continuou. — Guta... — frisou a palavra, encarando-me, e fingi que não estava tendo que lidar com aquilo. — Gosta de música. Ela está para se formar daqui a alguns meses em Música e em Administração. Não entendi como ela fez os dois, mas ok.

— O relatório de Dove diz que ela participa de projetos para ensinar música nas partes mais carentes da cidade, e está lá sempre... Lembrei-me da escola da nossa cidade, que estão tentando ter um professor de música há tempos...

— Foi Dove Kang que fez o relatório? — Oscar indagou, como se fosse uma novidade para ele. — E não ficou com medo de ler mesmo assim?

— O que está insinuando, Scar?

Aquele apelido caía tão perfeitamente para Oscar, que nunca poderia refutá-lo.

— Que Dove é a mulher que você mais tem medo, e que apontou uma arma para sua cabeça quando se conheceram, e agora... O que tá rolando, Simba?

Os apelidos só iam ladeira abaixo. E não podia nem os culpar, porque foi algo que inventaram espontaneamente quando ainda eram pequenos.

“— Eu caí primeiro, por que está ajudando Flávio?

— Eu estou te ajudando, cabeção — Franco falou, olhando o joelho de Oscar, enquanto eu aguentava o drama que renderia um prêmio para Flávio se ele fosse ator.

— É igual naquele filme que fomos obrigados a assistir na escola... — Oscar falou de repente, e Flávio até parou de chorar, o encarando. — Eu era o primeiro da fila, até que nasceu a bolinha peluda.

De repente, eu só ouvi a gargalhada de Franco e Flávio, como um estrondo, e tive que rir baixinho da forma como Oscar era um completo ciumento. E desde então, eles nunca mais pararam de se provocar como Scar e Simba do filme Rei Leão.”

— Boa noite, crianças — falei apenas, e segurei no fundo de minha alma, o sorriso que queria lhes dar.

Eles eram tão preciosos, que sempre me surpreendiam.

Eles estavam ali porque se preocupavam. Eles tinham ficado ao meu lado porque se culpavam. Eles vasculharam a vida de uma desconhecida, e agora a tentavam encaixar em nossa realidade, porque eles se importavam.

Em algum momento, eu sabia que tinha acertado com eles. Ao menos, sobre aquilo.

Ouvir bufares e alguns “diacho”, mas apenas desliguei a luz ao lado da minha cama, e fechei os olhos. De tudo que me aconteceu, vê-los adultos tão responsáveis e sensíveis, me mostrava que cada passo até ali valeu a pena. E queria que de alguma forma, pudesse compartilhar algo assim, com nós quatro.

Que um dia pudéssemos sermos nós contra o mundo novamente.

“Você pode deixar pra lá

Você pode dar uma festa cheia de todo mundo que você conhece

E não convidar a sua família, porque eles nunca te mostraram amor

Você não precisa se desculpar por ir embora e crescer”[13]

GUTA

Os dias que antecedem um casamento são tão rápidos que você só percebe o dia especial quando está vestida de branco à frente de um grande espelho, e lhe dizem que estão te esperando do lado de fora?

Era algo simples.

Uma cerimônia simples de formalização de um negócio.

Nada mais.

Nada mais do que eu queria.

Eu só não contava que sentisse meu coração bater tão forte, por saber que o homem que me aguardava no altar, montado ali mesmo no jardim de minha casa, fosse ser alguém que me despertasse algo.

Eu esperava apenas uma mentira. E talvez eu a estivesse recebendo, só não quisesse aceitar.

Passei a mão por meu pescoço, suspirando fundo, tudo tão igual quanto eu imaginei que seria, mas tão diferente porque era ele.

Por que eu era tão atormentada pelo pensamento de ser Juan Esteves ali?

Porque você gosta dele.

Por que eu gostava?

Era uma briga de minha mente e eu, com perguntas sem respostas, e perguntas com inúmeras respostas, que escolhia ignorar.

Apenas a segunda vez que o veria após aquele encontro na rua, e que deixou claro o que seríamos, e de repente, todas as esperanças, mesmo que devastadas, iam sendo recriadas. O que eu poderia culpar?

Eu mesma?

Minha mente romântica?

Minha ilusão do que poderíamos ser?

Saí de frente do espelho e fui até minha penteadeira, encarando minhas malas já prontas e a forma como sairia daquela casa, sem ter ideia de onde iria e de como seria, me acertou.

Eu sabia que era um negócio, mas nunca pensei que seria tão friamente calculado. Como se não importasse de fato para onde era levada, mas sim, que seria levada. E os Toledo teriam alguma chance na área do agro.

Saí descalça de meu quarto, pois sabia que minha mãe separaria os sapatos que usou em seu casamento para que eu finalizasse, e pudesse finalmente descer e encarar a nova realidade. Que eu seria a senhora Esteves.

Assim que pensei em bater na porta do seu quarto, notei-a semiaberta, e a voz do lado de dentro me fez parar com a mão no ar.

— Ela ainda acreditava que sou o bicho papão? Que abandonei minha irmã no pior momento?

— Você me abandonou, Vicente. — A voz de minha mãe soou baixa, e era com o se fosse um segredo. — Eu estava doente e você queria terras. O que eu poderia considerar de fraterno nisso?

— Pelo menos eu não finjo que me importo, Fabiana. — Estava pronta para entrar e fazê-lo engolir suas palavras, mas senti uma mão segurar levemente a minha.

Olhei de relance para meu primo, e filho de Vicente, que a segurou, pronta para socar a cara dele, mas as próximas palavras que soaram de dentro daquele quarto me paralisaram.

— Finge que se importa com Augusta a vida inteira, apenas para preencher o buraco de que não pode controlar Pâmela do jeito que gostaria. Não sei como ela sempre caiu no seu papinho, de que sente culpa ou algo assim... Você apenas queria fazer seu nome nas costas da neta favorita de nosso pai, e

fingir que era a mãe dela, já que Leda nunca se importou muito com a filha... E agora você conseguiu alguma coisa, manipulando a sua filha a vida toda...

— Não muito diferente do que faz com João. — Senti o aperto da mão de meu primo tremer, e ele também era acertado por cada palavra. — Filhos são para isso, não? Ou os abandonamos como Leda, ou os usamos para bem próprio.

— Pelo menos, não finja para mim. — Vicente falou e tentei olhar pela fresta, ainda incrédula. — Sei dos reais resultados dos seus exames, e que está curada.

O quê?

O que ele dizia?

— Guta não pode ter ideia sobre isso. — Senti tudo ao meu redor quase ficar preto.

— Usar seu infortúnio para controlar a filha... Parabéns, maninha. Há momentos que realmente é uma Toledo.

Eu só queria vomitar.

Virei-me, e senti João me chamar baixinho, mas segui diretamente para o meu quarto, segurando-me onde podia para não cair. Vi-me sentada na cama, enquanto todas aquelas

palavras me acertavam em cheio e me perdi de mim mesma por alguns segundos, colocando-me como uma mera expectadora da minha vida.

Eu o era?

Eu era apenas um peão para ela?

Menor ainda do que imaginei que seria?

— Oi, querida.

Levantei o olhar marejado, e encontrei meu pai, com um sorriso que morreu em seu rosto no segundo em que fechou a porta atrás de si.

— Sabia?

— O que houve, querida?

— Sabia que mamãe está curada?

Ele pareceu levar um soco no estômago, mas não era como se eu pudesse acreditar em qualquer expressão. Não naquela altura do campeonato. Não depois de vinte e quatro anos sendo manipulada e pensando que minha mãe era o meu mundo.

Ela o era.

Mas eu não era nem de perto uma parte do dela. Era isso?

— Onde ouviu sobre isso?

— Sem fingir, papai. — Praticamente implorei em um tom mais baixo. — Sim ou não?

— Eu pensei que ela tivesse mais dois anos ou mais de tratamento... Os resultados dos últimos exames não foram tão bons assim... — A voz dele quebrou no meio. — Ela está mesmo curada?

— É o que tio Vicente disse e ela não refutou... É isso? Eu sou a substituta para o que Pâmela não fez? Uma forma de ter acesso fácil à herança dos meus avós?

— Filha...

— Depois que esse casamento passar, eu vou só fechar essa porta e não voltar — falei, e notei o homem à minha frente com os olhos marejados. — É a última vez que farei algo por vocês.

Aquilo era uma promessa que fazia a mim mesma, naquele momento.

— Não sabemos se é apenas seu tio tentando manipular tudo ou...

— Tio Vicente não é um santo, bem longe disso, mas... — ri sem vontade alguma. — Acabo de descobrir que as vezes é

melhor demonstrar ser um demônio, do que fingir ser um anjo.

— Sua mãe te ama, querida.

— Ama? — neguei com a cabeça, com tudo ao meu redor desabando. — Acha então que tudo isso é uma mentira de Vicente, e que ele sabia que eu estava do outro lado da porta ouvindo?

— Ele é capaz de qualquer coisa para ver essa família desestabilizar.

— Que família?

Batidas na porta me fizeram encará-la, e quando ela se abriu e minha mãe a adentrou a , sorrindo abertamente, senti uma vontade inexplicável de vomitar.

— Você me ama, mamãe? — indaguei, sem querer enrolar mais. Quem sabe eu estivesse enrolando por vinte e quatro anos e nunca houvesse encarado a realidade.

Talvez por isso eu sempre tive tanto interesse em saber da história por trás de Pâmela. Eu agora, percebia que não existia um momento em toda minha vida, que ela não era colocada na mesa.

— Ou ama a ideia de que pode fazer o que quiser comigo o que não pode com Pâmela?

— Do que está falando, Guta?

— Ouvi sua conversa com tio Vicente — falei de uma vez, e notei a cor desaparecer de seu rosto. — É isso? Está curada? Mentiu para mim só agora? Ou desde sempre?

— Filha...

— Apenas responda uma das perguntas. — Levantei-me e me segurei onde consegui, para não cair de cara, assim como todas as crenças minhas que despencaram. — Sou apenas um tapa-buraco?

— Não é como está pensando, eu...

— Está curada ou não? — cortei-a, e vi o olhar que trocou com meu pai, que parecia estar tão afetado quanto eu.

E de tudo que eu imaginei. Nunca pensei que meu pai e eu fôssemos estar no mesmo barco. Sempre fomos mais afastados, mas naquele instante, era como se reconhecesse que era o único que poderia me entender. Se ele realmente não soubesse.

— Está curada ou não, Fabiana? — ele perguntou, a dor clara em cada palavra.

— Sim...

Assenti e segurei um grito no fundo da garganta.

— Mas eu...

— Agora eu entendo por que Pâmela deu as costas para isso... — ri sem vontade alguma. — Quem com o mínimo de senso não o faria?

— Filha...

— Eu já avisei ao meu pai, então... Mamãe... — a palavra saiu como ácido de minha boca. — É a última vez que farei algo por vocês.

— Como assim?

A pergunta dela demonstrava sua preocupação, mas era como se finalmente entendesse que não era sobre mim. Mas sobre a situação em si.

Peguei o primeiro sapato que encontrei e coloquei nos pés, virando-me para ela.

— Vou me casar com Juan Esteves. — Notei-a soltar o ar com força, como se aliviada. — Mas eu não volto mais para cá...

— Guta...

— Prefiro uma vida com um estranho, do que encarar essa vida de mentira com quem pensei conhecer... — olhei-a com toda minha dor. — Apenas me deixem em paz.

Saí daquele quarto e tudo pareceu um leve borrão.

A cada passo que dava para fora da casa, era como se eu realmente não pudesse olhar para nada que realmente importasse. Então, senti mãos fortes me amparando, quando quase errei meu passo, e olhos claros que me faziam duvidar da real cor encontraram os meus.

— Só vamos acabar com isso, por favor.

Meu implorar quase não saiu, mas pela forma como me encarou, foi como se ele tivesse ouvido cada palavra. E então, eu me vi indo até o altar ao lado dele, sem me importar com qualquer outra coisa. Apenas em terminar meu maldito papel em todo aquele teatro e dar as costas para uma peça mal- feita.

Assim que o “sim” escapou de meus lábios, percebi que a mão de Juan permanecia na minha, como se ele estivesse me ajudando a ficar em pé naquele momento. E mesmo que ele não soubesse... E mesmo que ele fosse igual a eles... Que aquilo tudo fosse uma mentira... Eu estava grata por ser ele ali.

De alguma maneira, em meio a tanta mentira, eu conseguia me apegar à forma como aquele mesmo homem me trouxe a vida nas noites de ilusão que vivemos.

E talvez fosse para aquilo que eu servisse.

Ser uma ilusão.

Ser um fantasma.

Era como ele me via também?

O resquício da noiva que ele não teve, mas que agora se tornava sua esposa. Uma segunda escolha? Uma segunda opção?

Contudo, o que realmente me importava naquele momento não era o que ele ou qualquer outra pessoa via. Mas sim, o que eu enxergava ao encarar a aliança em meu dedo anelar esquerdo.

Eu via uma mentira.

Eu era a mentira.

“Desesperada, tão consumida por

Toda essa dor

Se você me perguntar o porquê, não

Saberei por onde começar”[14]

GUTA

O silêncio era o que pesava naquele carro.

Eu tinha apenas saído do altar diretamente para o carro de Juan, pedindo-lhe para que me levasse dali. Sabia que seus

irmãos, ao menos Oscar e Flávio também estavam, mas era como uma lembrança suspensa no ar.

Com a cabeça encostada no banco do carona, eu me sentia patética. Vestida de noiva, segurando as lágrimas de raiva e frustração, enquanto meu atual marido dirigia tão concentrado a sua caminhonete, que eu duvidava que me perguntaria o que houve.

E o agradecia por ser assim e respeitar meu momento.

O que eu poderia dizer?

— Talvez agora eu entenda o porquê de Jasmine nunca ter estado em nenhuma festa da família, ou Franco permitir que os Toledo se aproximem... — soltei de uma vez, e fechei os olhos. — Não sei qual é o problema entre vocês, como família, mas torço para que não seja fodido como na minha.

— Acho que os Toledo sempre se dedicaram em serem os piores, cunhadinha.

Oscar falou de imediato e me vi sorrindo tristemente, mesmo de olhos fechados, mesmo que ele nem pudesse ver.

— Não é um bom momento para piadas assim, Oscar.

Juan chamou sua atenção, mas neguei com a cabeça, e sabia que o homem ao meu lado estava com os olhos levemente sobre mim. Mesmo que não visse, eu podia senti-lo ao meu redor.

— Eu só... Só queria não fazer parte disso. — Admiti. — De ser uma Toledo.

— Que eu me lembre, você se apresentou como Bernardes. — Foi a vez de Flávio falar, e me vi intrigada com o quão fácil eles tornavam as coisas.

— E agora é uma Esteves. — Oscar complementou, o que me fez abrir os olhos e então notei que ele e o irmão mais novo brigavam por espaço entre os bancos para me encarar. — Não que sejamos perfeitos, bem longe disso, mas tentamos o nosso melhor.

— Às vezes o nosso melhor não é o suficiente.

— Talvez porque esteja depositando o melhor na pessoa errada. — Juan falou, e senti o choque claro dos irmãos, que o encararam e sorriram de lado, de forma tão sincera, que me assustou.

Eu poderia acreditar naquela sinceridade que enxergava?

Ou era apenas minha mente saindo de uma rede de mentiras para entrar em outra?

— Talita diz que é mais fácil mandar todo mundo se foder e ser feliz.

— Talita? — indaguei confusa.

— Minha melhor amiga — respondeu e eu assenti, enquanto ele me oferecia o telefone e notei ser uma foto.

Ela era bonita. Os traços orientais em seu rosto, o cabelo preso no alto da cabeça, com roupas assustadoramente bem-delineadas.

— Só melhor amiga? — tive que perguntar, e ele fingiu uma leve ânsia, ao pegar o celular de volta. — Desculpe, força do hábito de...

— Ela me fez ser noveleiro de primeira, até imaginei a nossa fanfic já, mas sério... Talita e eu somos almas gêmeas, só que não romanticamente.

— Digamos que Flávio goste de uma mulher que bota ainda mais medo nele...

— Para de falar de Dove!

— Mas ele não mencionou o nome de nenhuma Dove — comentei por cima, completamente perdida.

— Touché, cunhadinha — Oscar falou, rindo alto. — Até Guta já te pegou confessando.

— Apenas cale a boca, Scar.

— Scar como do Rei Leão? — perguntei, agora genuinamente interessada naquilo e notei o brilho no olhar dos dois.

— Eu era o primeiro da fila, até que a bolinha peluda nasceu. — Oscar falou e eu não pude evitar uma gargalhada alta, enquanto indicava Flávio. — No caso, chamo ele de Simba e às vezes de imbecil mesmo.

— Vocês não sabem ficar quietos? — a voz de Juan foi diretamente para os irmãos que riram ainda mais.

— Quem foi que nos criou mesmo? — Flávio quem provocou e apertou levemente o ombro do mais velho, que apenas focou na estrada. — Se somos o que somos, é tudo sua culpa, irmão.

— Sem apelidos para o mais velho dos Esteves? — indaguei curiosa, e eles se olharam, enquanto Juan soou com um

estrondo.

— Nem pensem nisso!

Os dois levantaram as mãos em sinal de rendição e Oscar piscou um olho em minha direção, como se dissesse: *a gente ainda inventa um*. Ri para ele, enquanto se acomodava melhor no banco de trás, e Flávio ainda sorria em minha direção.

Por alguns segundos, toda aquela inteiração entre eles, me fez esquecer um pouco dos acontecimentos mais recentes. Meu celular vibrou novamente e me vi desligando o aparelho. Era minha mãe, se é que poderia chamá-la assim.

— Por que a gente não escuta música? — Flávio perguntou, e poderia jurar que era a melhor ideia que eu ouvi em toda minha vida.

Precisava de música mais do que nunca.

Precisava recarregar por completo.

E era uma longa viagem até estarmos na Fazenda Esteves, então...

— Pode colocar sua playlist, Augusta.

Pisquei algumas vezes, surpresa pela forma como Juan apenas ofereceu aquilo, mas não me neguei.

— Talvez não gostem, mas... — dei de ombros.

— Flávio é influenciado por Talita, o que acaba influenciando até Juan a ouvir Blank Space de vez em quando.

Arregalei os olhos, sem conseguir acreditar.

— Vocês todos aqui conhecem Taylor Swift, então?

— Quem não conhece a indústria musical, cunhadinha? — Flávio rebateu e levantou a mão em minha direção, na qual bati com a minha, fazendo um perfeito high five.

— Bom, me surpreendi porque são cowboys, e nem sei se é realmente assim que se denominam...

— Gostosos. — Oscar me corrigiu e eu ri de lado. — Por que gostosos não escutam Taylor Swift?

— Na verdade, acho que deveria ser um pré-requisito. — comentei, entrando na dele. — Ele é um 10, mas ele é swiftie... então ele é um?

— 13, com certeza.

E era como se eu estivesse com amigos de infância que eu nunca realmente tive, bem ali. Fiz um high-five com meu outro cunhado e conectei minha playlist ao carro.

— O que quer dizer que Juan é um 13, cunhadinha...

Flávio deixou aquilo no ar e foi no momento que encarei o homem que dirigia em silêncio. Ele era realmente um 13? O meu número da sorte que era o mesmo da cantora que comentávamos?

— A braba! — Flávio gritou, e então começou a cantar.

Eu ri sozinha, e não pude evitar fazer o mesmo.

Era bom entrar naquela bolha por alguns segundos, e esquecer-me da que eu tinha estourado momentos antes. Talvez, como na música, eu deveria estar bem ali e não deveria perder.

Eu poderia perder?

Eu me permitiria perder?

Era tão estranho que eu tinha feito exatamente o que todos esperavam de mim, todos que acreditei se importarem ou não, e eu me sentia vazia. Ao mesmo tempo que ali dentro, daquele carro, cantando alto uma das minhas músicas favoritas, era como se um pouco começasse a se encher.

Eu poderia escolher, então?

Eu poderia escolher estar ali? Mesmo que não fosse minha escolha a princípio?

Eu teria que descobrir.

Porque se existia algo sobre o homem sentado ao meu lado, concentrado na estrada, era o mistério não revelado que eu desejava. Mesmo que não fosse para ser meu, se eu desejasse que o fosse, seria o bastante?

Eu era o bastante?

Apenas me concentrei em cantar alto junto a meu cunhado que parecia tão conectado àquela música quanto eu.

“As piadas não tinham graça, eu peguei o dinheiro

Meus amigos mais antigos não sabem o que dizer

Eu olhei em volta em um vestido encharcado de sangue

E vi algo que eles nunca poderão tirar de mim

Porque as páginas tinham sido viradas e decisões foram tomadas

Tudo que você perde é um passo que você dá

Então faça pulseiras da amizade, agarre o momento e saboreie

Você não tem motivos para ter medo

Você está sozinha nessa, criança

Sim, você pode encarar isso

Você está sozinha nessa, criança

Você sempre esteve...”[15]

“E se era um caso fácil de resolver

Eu nunca saberia pela expressão em seu rosto

Perdida em sua corrente como um vinho inestimável”[16]

GUTA

— Aleluia! — Oscar praticamente gritou, quando Juan parou o carro, e fiquei absorta diante da grande casa à minha frente.

Era uma vida acostumada com mansões e pessoas ricas, mas aquilo ali, mostrava o porquê de minha família estar tão interessada em Juan Esteves à frente de seus negócios. Além de tudo, parecia realmente uma casa, quase como um lar.

Era aconchegante, mesmo imponente pelo lado de fora, completamente chamativa pelas janelas de madeira que apostaria serem maciças e a cor escura das paredes. No mínimo dois andares além do térreo da casa, e uma pequena entrada com tantas flores diferentes, que era completamente oposto do que pensei que seria.

— Essa casa é linda — falei baixo, tirando meu cinto, e então senti um olhar no meu.

Ouvi o barulho de portas sendo abertas e fechadas, e sabia que os irmãos mais novos estavam fora. Juan me encarou e assentiu com a cabeça, como se concordasse.

— É sua casa agora também — comentou, talvez mais para me confortar do que a realidade, mas não pude deixar de agradecer por tentar ao menos, ser um pouco menos frio do que antes. — Bem-vinda, Augusta.

— Eu acho que... obrigada? — perguntei sem graça e notei-o tirar o cinto e continuar a me encarar. — Acho que nunca vamos sair do estágio de perguntas e nada de respostas?

— Não posso te dar mais do que isso — admitiu como se precisasse dizer aquilo há tempos. — Mas esse lugar é um lar para nós, e quero que se sinta bem nele. Não se importe comigo ou com o casamento, apenas... Apenas com você.

— Isso é uma ordem? — rebati, sem poder evitar e ele negou de imediato com a cabeça. — Não iria segui-la de todo jeito, mas... agradeço a tentativa.

Ia descer do carro, quando senti sua voz me chamar tão baixo, que não sabia se realmente queria ser ouvido. Parei e o encarei novamente.

— Sinto muito pelo casamento, por... — notei-o respirar fundo, como se estivesse tentando ser aberto e quase sufocando por aquilo.

Eu conseguia lê-lo, afinal?

— Não precisa se desculpar por algo que nós dois concordamos. — Assumi, e ele me encarou profundamente. —

Vai ficar tudo bem, algum dia.

Ele então desceu do carro, e me surpreendi quando ouvi a porta do meu lado sendo aberta e Oscar sorrindo abertamente, esticando uma das mãos, como se para me ajudar para descer da grande 4x4.

— Senhora Esteves...

Ri de lado e aceitei sua ajuda, logo sentindo meus pés com os chinelos de dedo, experimentarem a grama que estava em todo canto. Uma imensidão de mato que me deixou perplexa por alguns momentos.

— Acho que é a primeira mulher que vejo com tamanho brilho no olhar, ao encarar essa fazenda...

— Não que alguma além de Talita tenha vindo aqui, mas... — Flávio pareceu provocar, e Oscar bateu contra o peito dele, que se aproximou e xingou-o em seguida.

— Eu preciso falar com Iago, mostrem a casa para Augusta, ok?

Olhei de relance para Juan, que apertou a aba do chapéu branco, antes de apenas sair. E ali estava eu, num lugar

desconhecido, onde o que menos o era, acabava de me deixar.

— Ele não é o melhor com palavras, mas acredite em dois irmãos que tentam fazer ele se abrir pela vida toda... Ela está tentando.

— Bom, se tentar é me deixar a cargo dos dois irmãos legais no primeiro dia de casamento... — não pude deixar a provocação de lado, mas a preocupação no olhar de ambos à minha frente era nítida. — O que posso fazer se não aceitar?

— Vai se dar bem aqui, tenho certeza. — Flávio falou, como se confiante o suficiente de que tudo seria um mar de rosas.

Mas no fundo, eu sentia que fosse realmente um mar, eu estava em águas misteriosas, e a cada passo que dava em direção à casa, eu temia mais do que tudo me afogar.

JUAN

— As coisas ficaram bem?

— Sim, patrão — Iago falou, descendo do seu cavalo e assenti, encarando o lago à nossa frente. — Nenhum sinal dos Toledo para perto do seu irmão e sobrinha. — Informou, porque era algo que tinha pedido para ser encarregado a alguém de sua confiança.

Alguém que ficaria de olho em como as coisas estavam ocorrendo dentre Franco e os Toledo. Sabia que aquele casamento era apenas um passo para tentar frear as falhas tentativas deles de afastarem pai e filha, mas temia que os dois sofressem ainda mais a cada visita de Vicente Toledo.

E ele sabia ser convincente e amedrontar, como o fez no passado comigo, e infelizmente, pelo desespero que me encontrava, acabei optando pelo que pareceu fácil. No final, me custou tão alto que todos os dias, me via relembrando de como gostaria de conseguir ter me aberto e contado a meu irmão as reais intenções.

Intenções que sempre convergiam para uma coisa – protegê-lo. Assim como, Flávio e Oscar. Tudo o que sempre

desejei e tudo que sempre fiz. Para no fim, não saber sequer como realmente lidar com aquilo.

— As pessoas comentaram, patrão — continuou, fazendo-me encará-lo. — Sobre a moça no carro dos Esteves e estão curiosos...

— Os boatos correm soltos por aqui, não é?

Ele deu de ombros, e apertou a aba do chapéu, como se envergonhado pelo nosso próprio povo. A língua das pessoas poderia ser afiada e realmente convincente. Eu já tinha perdido a conta de quantos boatos foram levantados sobre meu nome. E eram tantos e tão mirabolantes, que os acontecimentos reais ficavam encobertos ou geravam incredulidade.

— Bom, fofocas são o de menos por agora. — Suspirei fundo. — Estou casado, como avisei que voltaria, e é apenas isso.

— Se tiver alguma reação estranha ou comentário ofensivo, posso...

— Obrigado, Iago — falei, negando com a cabeça. — Mas não temos como controlar nada sobre isso.

Ele então logo apeou com seu cavalo e eu fiquei ali por alguns segundos, encarando o nada e ao mesmo tempo, o que era o meu tudo. Aquela fazenda pela qual dei suor, lágrimas e sangue... literalmente. Tirei o chapéu e coloquei-o ao meu lado, sabendo o peso que ele significava para mim. No sentido de que eu nunca escolhi que fosse meu, mas o aceitei.

E agora, eu assumia algo que não tinha sequer noção de como lidar. Talvez eu nunca tivesse.

Como poderia compartilhar um teto com a mulher que me fez querer voltar à vida, e permitir-me continuar morrendo um pouco a cada dia, e a mesmo tempo, matando-a lentamente?

Talvez fosse apenas minha mente.

Talvez ela não sentisse absolutamente nada.

E aquilo era o que me matava por dentro.

Porque eu vi exatamente como ela estava quebrada durante todo o dia do casamento, e parecia uma dor da escolha que ela jamais quis, mas aceitava. Era sobre aquilo – ela me aceitava porque fui imposto a ela.

Quando eu não seria algo imposto a alguém?

Eu não o fui quando a vi naquele bar. E se pudesse, ficaria preso aqueles dias por mais e mais tempo. Onde o mundo se resumia em apenas querer ver grandes olhos castanhos, sorriso encantador, covinhas dos dois lados do rosto e um moletom diferente a cada dia.

Neguei com a cabeça, tentando apenas me apegar ao que me era dado, e resolvi que precisava resolver alguns problemas da parte administrativa da fazenda, antes da primeira viagem para a fazenda quase falida dos Toledo.

Era para o que eu servia – fazer algo crescer, não importava o preço. E pelo menos, eu era bom em algo, mesmo que ninguém soubesse o real preço que paguei para ter chegado àquilo ali – a casa que fez Augusta ficar de boca aberta e claramente encantada.

O preço que foi construir aquele lar.

“Tempestade se aproximando, bom marido, mau presságio

Arrastei meus pés até o altar

Solitária em casa, bom dinheiro

Eu pagaria se você pelo menos me conhecesse

Parecia ser a coisa certa na época”[17]

GUTA

— Então passam o Natal aqui sozinhos e...

— Bom, a gente queria era poder fazer algo melhor que isso, mas... — Flávio falou, dando de ombros. — Acho que nunca saberemos até Juan e Franco se acertarem.

— Eu não sei se deveria perguntar, mas... Algum de vocês poderia me levar para conhecê-lo? — indaguei, e notei a surpresa no olhar de ambos, sentados em cadeiras diferentes, do lado de fora da fazenda, na qual também tinha uma rede, onde eu estava.

— Podemos até te levar, mas não...

— Não conseguimos falar com Franco — Oscar admitiu, sendo tão honesto que a dor era nítida. — Acho que nos sentimos tão culpados, por ambos, que não saímos do lugar há anos.

— Pelo menos conhecem a sobrinha de vocês? — indaguei e Flávio deu um sorriso enorme, assim como Oscar. — Sorrisos que significam sim?

— A gente sempre passa horas tentando encontrar o presente perfeito para ela, todo final de ano, e todo aniversário, e toda data especial que ela tem... — Oscar comentou, e passou a mão sobre a nuca. — É difícil se aproximar de uma sobrinha, se o próprio irmão quase se tornou um desconhecido.

— Eu consigo imaginá-los perfeitamente — confessei, assim que Flávio parou com o celular perto de mim, entregando-me. Olhei para o Instagram e sorri ao ver que era o da sobrinha deles. — Ela é tão parecida com Pâmela... — não pude deixar de comentar, e notei que os dois à minha frente concordavam. — Uma pequena cópia dela, para ser sincera.

Talvez por aquilo Juan não conseguisse se aproximar? Seria um dos motivos? A filha da mulher que ele amou no passado, ser a cópia fiel dela, e ainda, sua sobrinha?

— Seja lá o que está pensando, está pensando errado... — Oscar foi quem falou, e eu o olhei indignada, negando-me a ser tão óbvia. Vi então uma foto de Jasmine e tinha certeza de que o homem ao seu lado era Franco Esteves.

— Estou pensando que essa família não sabe ter homem feio? — indaguei, fugindo de meus pensamentos e da constatação correta do homem à minha frente.

Virei o celular para ambos e Flávio bufou, enquanto Oscar tinha o seu olhar de arrogância clara, que chegava a ser engraçado.

— Ele é muito parecido com Juan, acho que o mais...

— Eu digo que era o primeiro da fila até nascer a bolinha peluda... — Oscar apontou para Flávio, que bufou. — Mas, na verdade, a relação entre Franco e Juan sempre foi diferente. Eles se entendiam no silêncio um do outro, e eu sei que Franco sempre o viu com seu modelo.

— Nós dois o fazemos, mas mesmo assim, Franco sempre o admirou muito — Flávio comentou simplesmente. — Acho que ele se culpa tanto quanto Juan, e a gente sequer sabe a história toda. De nenhum dos lados.

— É tão difícil assim falar sobre? — perguntei talvez para o nada, mas Oscar acabou pegando-a.

— Eu acho que é uma história que machucou tanto a eles, que... Uma conversa talvez resolvesse tudo, mas Juan sabe consertar as coisas apenas doando tudo de si, e Franco se tornou pai e tenta fazer o melhor para Jasmine...

— Um dia se passou, dois, três... E então anos sem se falarem?

— Bom, eles sabem que precisam, mas ninguém dá o primeiro passo.

— Juan se casou comigo por ele, pela sobrinha... Se ele soubesse, talvez... — fiquei em silêncio, suspirando fundo. — Não que é eu vá contar, mas ainda assim, é catastrófica toda a situação.

— Eles são o famoso, água mole e pedra dura tanto bate até que fura...

— Estamos esperando que fure logo — Flávio complementou e eu tive que rir da comparação.

Um grito pelo nome de Juan me fez parar de rir e encarei os dois homens à minha frente. As horas tinham passado e a noite já caía, e fiquei me indagando quem apareceria por aquele horário, que era quase o jantar, que segundo Flávio, ele seria encarregado de fazer a melhor pizza caseira da região.

E quem seria eu para negar?

— Convidou alguém? — Oscar perguntou.

— Talita bate desde quando? — Flávio rebateu, fazendo o irmão bater em sua nuca, quase derrubando o chapéu de sua cabeça, e eu segurei a risada.

Segui-os para dentro da casa, e quando abri a porta da frente, por estar mais próxima que eles, notei uma mulher mais velha, completamente desconhecida para mim.

— O que quer, Janaína? — a voz de Oscar se tornou assustadora, e duvidei se ele realmente usaria aquele tom algum dia. Senti o corpo dele e tanto de Flávio passarem à minha frente, e fiquei apenas com os olhos dentre os dois, para ver a mulher.

— A esposa de Juan Esteves...

Tive um pequeno delay, mas lembrei que ela falava sobre mim, quando encarei minha mão esquerda e o peso da aliança estava ali, e meu olhar voltou para o dela.

— Sou eu...

— Eu sou...

— Senhora Vasquez.

Passei como pude dentre os dois homens à minha frente, e vi a mulher dar-me um último sorriso, antes de descer as escadas da varanda e ir até Juan, que chegava em seu cavalo.

Como um homem ficava mais bonito ainda sobre um cavalo?

Foco, Augusta!

— Querido...

Vi-o descer do cavalo e parar à frente dela. Tudo o que ele deve ter feito foi sussurrar, e fiquei encarando a cena como se fosse vomitar. Eu podia olhar aquilo e apenas fingir que não sentia nada? Sim! Poderia apenas dar as costas e ignorar a queimação na boca de meu estômago? Também!

Mas vi-me indo até eles, e não pude evitar o momento em que minhas mãos pararam sobre o braço de Juan, que me encarou de relance, mas não se afastou em nenhum segundo.

— Precisa falar com a esposa dele? — indaguei, fazendo um sinal com a cabeça, e sem ter ideia do que realmente fazia.

— Era um assunto apenas nosso, querida.

— Augusta — corrigi-a. — Augusta Esteves

O que diabos eu estava fazendo?

— Certo... — a mulher falou por fim e notei-a olhar por completo pelo corpo de Juan, e o aperto em seu braço ficou maior. O que ela estava fazendo olhando-o daquele jeito? — Uma boa noite aos casados.

Ela então apenas se virou e saiu andando, até um carro estacionado não muito longe dali. Fiquei com um sorriso tão falso no rosto, que assim que vi o veículo sumir, se tornou numa careta clara.

— Nem Janaína saberia lidar com alguém a enfrentando...

— Não tem um jantar para fazer, Flávio? — Juan indagou, e me perguntei em que momento ele soube que o irmão se encarregaria do mesmo.

Respirei fundo e só então percebi o quão quente minhas mãos estavam, quando levantei o olhar e Juan estava ali, me encarando profundamente. Soltei-me dele, do aperto que eu construí, como se me queimasse por completo.

E talvez ele o fizesse.

— Ela não parecia como boas notícias...

— Não precisa tentar me defender ou algo assim, Augusta — falou e olhei-a incrédula. — Sei lidar com más notícias.

— Bom, mas agora tem a mim aqui também, e eu não penso muito antes de agir, então...

— Apenas agradeça, irmão — Oscar gritou, e ouvi a porta batendo atrás de si.

— Não precisa. — Adiantei-me, e respirei fundo. — Faria isso por qualquer pessoa. — Aquela talvez fosse a primeira meia verdade que eu dizia a ele.

Eu faria por qualquer um? Sim!

Mas qualquer um que eu me importasse... e pelo jeito, ele não queria que o fizesse.

— Vamos entrar, antes que fique frio...

— Um ótimo dia de casados, não? — indaguei, e ri de lado, um pouco incrédula. — Não é tão ruim como imaginei que seria.

Ele ficou em silêncio, como sempre, tão misterioso que quase me frustrava. Ao menos antes, ele continuava a conversa e me deixava falar por horas, naquele momento, era apenas o silêncio.

Um silêncio que eu não sabia, mas seria quase tudo que teria.

“Querido leitor, queime todos os arquivos

Abandone todas as suas vidas passadas

E se você não se reconhece

Isso significa que você fez tudo certo”[18]

GUTA

“Coisas estranhas, palavras arranhadas

Vozes desconhecidas, ações inusitadas

Onde eu estava que eu não vi que aconteceria?

Onde você estava que não me viu o fazendo?

Mas como uma cavaleira da corte

A corte que era sua

Eu estava lá para defesa... e para o ataque”

— Quem é você?

Olhei para a garotinha à minha frente e meu coração quase explodiu. Eu estava encostada na entrada da Fazenda Jasmine há um tempo, e se eu tinha uma ou outra lembrança do que aquele lugar um dia foi, já havia se perdido.

— Com quem está...

— Oi, eu... — respirei fundo e tentei não parecer uma estranha sorrindo. — Sou Augusta Bernardes — falei por fim, e talvez aquilo não fosse tão esclarecedor, ainda mais pelo rosto confuso do homem alto à minha frente, e com olhos claros como os outros três irmãos. — Augusta Toledo, quer dizer... — ele então passou à frente da filha, como se eu fosse uma praga. — Augusta Esteves... — continuei... — Olha, eu tenho vários sobrenomes agora, mas se me der uma chance, posso dizer que não sou

como Vicente, na verdade, o detesto, e estou aqui porque sempre quis conhecer a família de Pâmela.

— Como Esteves?

— Eu me casei com Juan, há alguns dias... — confessei. — Seus irmãos me deixaram aqui, há alguns minutos e...

— Os titios vieram aqui? — Jasmine indagou tão animada, que me partiu o coração.

— Sim, eles... Queriam ficar mais, mas tinha um problema na fazenda e... — Engoli em seco, porque era péssima mentindo. — Flávio e Oscar me pediram para dizer olá e que gostariam de ter ficado. — Aquilo não era uma mentira completa, se eu pudesse explicar toda a situação confusa que nem eu mesma entendia para uma criança de doze anos.

— Juan te mandou? — Franco indagou, seu semblante sério, mas era como se notasse uma leve esperança ali.

— Tecnicamente, ele sabe quem vim, mas... — a decepção era clara no homem à minha frente, mesmo que por alguns segundos. — Eu não sou definida pelos meus sobrenomes, Franco. — Fui honesta. — Eu só queria poder conhecê-los, de verdade.

Ele assentiu, mesmo que desconfiado, e vi-o deixar a filha passar até mim.

— Conheceu a minha mamãe?

— Bom, Pâmela era dez anos mais velha que eu, praticamente... — comecei e senti os olhos dela surpresos. — Ela sempre foi uma inspiração por ser um espírito livre.

Notei a confusão no olhar da pequena, e me agachei, olhando-a de perto. Como alguém poderia querer prejudicá-la apenas pelo sobrenome que ela carregava? Pelo que era dela por direito? Nunca entenderia de fato a minha família, se era que poderia chamá-los assim.

Fui quando vi um pequeno caderno na mão de Jasmine e acabei levantando o meu, em que segundos antes estava escrevendo.

— Também usa um diário, titia?

Eu quase desmaiei ali mesmo, tamanha fofura.

Como os outros Esteves conseguiam viver longe daquilo?

Ou era muito apegada a crianças ou eles eram complicados demais. Confiava na segunda opção.

— É praticamente um diário onde eu componho... — ela me encarou ainda mais curiosa. — Tudo o que me inspira, eu transformo em música.

— A senhora é cantora?

— Eu amo música, na verdade — falei, e ela pareceu se iluminar ainda mais, cabelos ruivos brilhando sob o sol. — Então tudo que tiver música, eu amo.

— Eu escrevo todo dia, tudo que acontece e acho importante e...

— Desculpem interromper... — Franco limpou a garganta e ambas a encaramos. — Está um sol quente, e se quiser entrar para beber uma água...

— Almoçar com a gente — Jasmine falou animada, e vi-me trocando um breve olhar com Franco, que assentiu levemente, fazendo-me ter a mesma reação para com ela. — Eba!

— Vá tomar um banho primeiro, pequena.

A menina então pulou no lugar e correu para dentro, e vi-me encarando o homem à minha frente, que parecia completamente sem palavras.

— Obrigada — falei, sorrindo levemente. — Obrigada por não pressupor nada sobre mim, apenas por eu ser...

— Os Toledo não são sutis, ou de criar casos para tentar tirá-la ou tirar isso aqui... — apontou ao redor. — Mas eu só peço uma coisa, Augusta.

— Só me dizer.

— Não a magoe. — Não saberia dizer se era realmente um pedido, mas assenti, notando todas as similaridades que ele tinha com o mais velho. — E parabéns pelo casamento.

Queria dizer-lhe sobre o porquê aquele casamento realmente existia, mas algo dentro de mim se apertou, como se não fosse do meu direito, atuar como uma conciliadora e talvez piorar tudo.

— Se os Toledo fizerem algo ou tentarem algo... Por favor, me diga.

— Não precisa se indispor com sua família para...

— São minha família agora também — falei de uma vez, totalmente honesta. — Na verdade, sempre foram.

— Mesmo assim, tudo o que menos queremos é algum problema com os Toledo.

— Apenas pense em mim como uma prima de Pâmela, se puder.

Ele assentiu, como se dando aquela chance, e indicou com a cabeça o caminho. Segui-o animada, porque de alguma maneira, era como se firmasse laços novos e estivesse reconstruindo a vida. Uma vida que eu esperei tanto para poder ter, que me surpreendia que estivesse acontecendo.

JUAN

Parei o carro em uma distância suficiente para apenas ficar ali, olhando-a de longe, adentrando a fazenda ao lado do meu irmão. Para ter o vislumbre de minha sobrinha, que a cada dia parecia maior e pronta para descobrir o mundo. Como seria poder estar perto deles sem ser um fantasma que os rondava?

Eu me indagava toda a vez que vinha até ali, e ficava apenas encarando a fazenda, e esperando o momento em que

meu irmão voltaria para casa. Ele nunca voltou. Ele nunca me pediu para voltar. Eu nunca pedi para que voltasse.

Retirei o chapéu e deixei sobre o banco do passageiro, olhando para aquela estrada de terra, lembranças me atormentando ao pensar em como tentei, para que a história fosse boa para ele, mas ainda assim, tinha errado.

O barulho de um carro estacionando logo atrás, fez-me sair de meus devaneios e encarei pelo retrovisor central a imagem da mulher que não deveria nunca ter se deslocado tanto para me encontrar. E nem mesmo ter ousado aparecer na minha casa dias antes.

Apenas baixei o vidro do carro e fiquei sentado, sem olhá-la de fato.

— Quanto quer, Janaína? — indaguei de uma vez. — O que depositei na sua conta dias atrás não foi o suficiente para ficar longe?

Nunca parecia o suficiente.

— Quero você, querido.

Eu odiava aquela forma que ela me chamava, e toda vez que a olhava, era como se pudesse sentir o nojo de mim mesmo.

De fato, teria que ser grato por ela ter me dado uma chance, quando mais precisei, mas ainda assim, não conseguia apagar as lembranças que me atormentavam. Não foi algo que eu queria, era apenas o que eu necessitava, pelos meus irmãos.

Janaína Vasquez era a memória viva de que eu queria ficar o mais longe de mim mesmo, o quanto possível. E o quanto eu não me orgulhava de quem era.

— Querido...

Vi-me voltando ao Juan de apenas dezessete anos, parado em uma sala desconhecida, e sentindo-se perdido por não saber exatamente como chegou ali. Apenas do porquê.

— Querido... Sabe o quão bonito você é?

— Tem um preço. — falei de uma vez, e respirei fundo. — Como te disse...

— O que quiser.

Voltei à realidade no segundo em que senti a dor se alastrar por minha mão, devido ao aperto contra o volante.

— Só me diga o valor, Janaína.

— Nem todo mundo tem um preço, como você...

— Mas eu sei que não é diferente de mim. — Rebati, olhando-a e não deixando qualquer emoção transparecer. — Se fosse, não estaria usando o passado contra mim há tantos anos, em busca de dinheiro.

— Sua causa não é mais nobre do que a de ninguém.

— Posso não valer nada, mas pelo menos, eu sei disso. — Notei a sua expressão mudar por completo. — Último aviso, Vasquez. Fique longe da minha família, da minha mulher... — enfatizei e notei-a engolir em seco. — Se não, eu juro que não será apenas o dinheiro que encontrará na sua conta.

— Está realmente me ameaçando, garoto?

— Eu sou um homem de trinta e oito anos, Vasquez — cortei-a. — Mas ainda sou capaz de fazer o que tenho que fazer, para proteger os meus.

— Para lhes proteger da sua própria vergonha?

Ela sabia onde cutucar exatamente a ferida aberta, e vi-me negando com a cabeça, guardando o que sentia. Como aprendi a fazer, desde aquela noite de chuva.

— Apenas me diga o valor.

E como sempre, ela o fez.

E como sempre, eu tive que o fazer.

E logo após ela sair da estrada, acabei olhando para a fazenda de meu irmão do meio, que sequer sabia se me considerava seu irmão ainda, e soube que era mais uma resposta do destino de que eu não deveria estar ali.

Não mesmo.

PARTE II

“Você era aquele que eu amava

Não preciso de outra metáfora, é simples assim

Uma dobra no tempo como a ruga em seus olhos

É por isso que eles não deveriam matar o personagem principal”

Hits Different – Taylor Swift

“Mas uma coisa depois de outra porra de imprevisto

Circunstâncias, problemas de comunicação

E eu tenho que dizer, a propósito

Que gostaria de alguns esclarecimentos”[19]

GUTA

DOIS ANOS DEPOIS...

Se tinha uma parte da minha vida que se tornou talvez como uma comédia romântica – mais para uma tragédia – era o fato de que eu vivia um casamento por contrato. E literalmente, apenas como um contrato. Nunca pensei, depois do começo que tive com Juan, que as coisas parariam exatamente ali.

Comigo sozinha no que deveria ser a nossa casa, mas na realidade, estava mais para o lugar onde ele aparecia uma vez ao mês, e eu me tornei amiga dos seus irmãos. Nada mais. Todos os dias, eu riscava em meu caderno de inspirações, que a minha estava por um fio.

Eu tinha me apaixonado antes pelo homem com quem me casaria por contrato, e nada poderia ser mais perfeito que isso, certo? Errado! Porque a cada passo que eu dava até Juan no altar, naquele dia, era como se eu soubesse ou pudesse sentir, que estava dando dez passos para trás no relacionamento real que sequer construímos.

Suspirei fundo e abri meu caderno, encarando a folha em branco por alguns segundos. Nenhuma inspiração. Nenhuma palavra a dizer. Fazia dias e talvez meses que nada me vinha.

Mesmo num lugar lindo com a Fazenda Esteves, mesmo num momento em que eu sabia do amor que sentia. Mas a realidade era que estava tão esmaecido, e os olhos de Juan tão longe de mim, que nada parecia me encontrar – muito menos as palavras.

“Talvez fosse isso.

Talvez seja isso.

Um amor perdido pelo tempo.

Pela sua escolha.

Enquanto eu escolhi te querer, mesmo sem ter que o fazer.

Você escolheu me deixar, e é como se não fosse mais voltar.”

E tudo o que eu escrevia eram palavras tão desconexas e insatisfeitas, que me deixavam em alerta. Respirei fundo algumas vezes, ainda encarando o lago e deixei meu caderninho de lado. Em que momento você percebe que se apaixonar por alguém não é o suficiente? Que mesmo que você tente e tente e tente, não é o bastante?

Nós já estávamos casados há dois anos, mas mesmo assim, era como ter se casado com um estranho. Juan nunca mais foi o mesmo que antes de estarmos naquele altar. E eu, ainda era a mesma. Eu ainda sonhava acordada e queria transpassar meus sonhos. Como é possível viver uma guerra fria tão quieta que depois de um tempo, ela sequer dói?

Seria isso?

Seria o fato de que eu estava me desapaixonando por ele?

A realidade me batia, lembrando-me das várias noites naquele karaokê. No beijo que ele me tomou, roubando minha própria sanidade, para no dia seguinte, em que eu comemorava o fato de que estava completamente e perdidamente apaixonada, de que ele na verdade, estava fazendo sua ronda para saber quem era sua esposa por contrato.

Não era como se eu pudesse condená-lo para sempre sobre isso. Mas ainda assim, não existia uma resposta cabível para aquilo. De tudo que imaginei, saber que o homem por quem eu me apaixonei um pouco a cada noite, fugindo de casa e julgando músicas no karaokê, na realidade, sabia que eu era sua futura esposa por contrato.

Ele sabia?

Depois de dois anos e de tantas perguntas feitas e nunca respondidas, eu acreditava que sim.

Como disse anteriormente, uma guerra fria. Juan me ignorava quando simplesmente viajava a negócios e parecia disposto a resolver tudo, menos o fato de um casamento fracassado. Talvez o fracasso do casamento fosse uma vitória para ele. Juan me tolerava quando estava em casa e nunca de fato quis ser o meu lar. Talvez a ignorância sobre tudo, fosse a maneira dele de não me machucar ainda mais do que já o fez.

Mas por que então ele me beijou naquela noite? Naquela última noite, em que meu interior explodiu como fogos de artificio, para na manhã seguinte, explodir em pura descrença. Era um teste? Era uma forma de sabermos se éramos compatíveis para atuar?

Ri baixo de minhas próprias indagações.

Eu estava presa naquilo há dois anos e mesmo que quisesse tentar sair, eu me segurava ali. Segurava-me nas dúvidas e perguntas nunca resolvidas. Apoiava-me nos seus irmãos que se tornaram uma família para mim, mais do que ele

realmente sabia, e na sobrinha que eu finalmente pude conhecer. Segurava-me na promessa que eu fiz, e não poderia quebrar.

Contudo, pensar sobre só me remetia ao fato de que não eram mais meus próprios sentimentos que me firmavam ali. Não mesmo. Nem de perto. Suspirei cansada, e peguei uma pedrinha, jogando-a no lago, que logo afundou.

A realidade era que me sentia exatamente assim. Como se fosse uma pedra jogada em meio à imensidão da água, em que todos saberiam que ia afundar e ninguém estaria disposto a me tirar dali. A não ser eu mesma.

— Ei, perdida.

Virei meu olhar em direção a Oscar, que se jogou ao meu lado e se sentou. Um dos irmãos Esteves, o do meio, que tinha o semblante mais cafajeste, mas era tão gentil que assustaria qualquer mulher que ele já tenha quebrado o coração, se chegassem a conhecê-lo de fato. Se ele permitisse que alguém o conhecesse.

— Você me encontrou, então tecnicamente...

— Língua afiada a essa hora? — cortou-me, provocando e eu dei de ombros. — Juan acabou de chegar em casa, e eu tenho que viajar já já para a cidade vizinha.

Soltei o ar com força, dando de ombros, como se aquilo não me importasse. Porém, por que a simples menção do nome dele fazia meu coração errar uma batida?

— Veio me avisar que meu carrasco chegou e agora terei que ser uma grande esposa? — debochei, e ele bateu em meu ombro com o seu. — Acho que vou ficar aqui, até que dê fome ou algo do tipo. Meio que desisti de tentar conversar com Juan há algum tempo.

— Pelo que ele deixou escapar, vocês não trocam palavras há meses...

Franzi o cenho e arqueei uma sobrancelha.

— Juan falou sobre mim? Com você? — indaguei, rindo de lado, e debochando como podia. Fingindo que aquela simples informação não me atingia de alguma maneira.

— Estou apenas fazendo o meu trabalho como melhor irmão e melhor cunhado... — bagunçou meu cabelo, fazendo

minha franja ficar ainda pior do que já estava quando acordei. — Quero que as coisas deem certo.

— As coisas deveriam ter dado certo há tempos... — suspirei fundo, meio que derrotada. — Eu só quero poder continuar ensinando música e vivendo disso, enquanto seu irmão quer o mundo do agronegócio e ser o homem rico e intocável...

— Ele não é tão ruim quanto pensa — comentou, e eu dei de ombros.

— Não tenho muito além do pouco que ele me entregou nos últimos anos... Eu só... — suspirei fundo. — O melhor seria nunca ter me casado com ele.

— Por quê? — Oscar perguntou, e suspirei fundo, notando a clara preocupação em sua voz.

— Tudo mudou quando nos casamos. — Assumi, e neguei com a cabeça. — Esquece isso, não é bom tocar nesse assunto.

— Guta...

— Não vai mudar o fato de que o Juan por quem eu me apaixonei, talvez nunca tenha existido. — Assumi — Não vai

mudar o fato de que Juan Esteves é o homem que está me esperando em casa.

— Que é sua casa também, Guta.

— Porque você e Flávio me fazem sentir assim. — Deitei minha cabeça em seu ombro e suspirei. — Obrigada por serem os irmãos que eu nunca pedi.

— Vou fingir que não ouvi o nome de Flávio e assumir que apenas eu recebi todo esse amor. — Rebateu, e eu bati contra seu peito, rindo.

A realidade era que Oscar e Flávio Esteves preencheram um buraco aberto em meu peito há tano tempo, por ter sido criado absolutamente sozinha, que eu até agradecia em alguns momentos por estar exatamente ali. Por ter sido possível construir uma relação fraternal com duas pessoas tão incríveis, assim como, com Franco Esteves – o mais distante de todos, e o mais distante de Juan, e tudo dava voltas em torno do passado que ainda parecia pesar na distância entre os irmãos.

Um passado que incluía Pâmela – minha prima, e o fato de que ela escolheu Franco e não Juan para se casar. Parte daquela história ainda era tão confusa para mim, mas ao mesmo tempo,

tentava apenas fingir que não me interessava. Franco se tornou um amigo a cada vez que fui até a fazenda dele, que na realidade, foi deixada por Pâmela para a filha, e que ele criava com primor, mas era tão fechado quanto Juan. Era óbvia a semelhança entre eles nesse quesito.

Então eu tinha mais dúvidas, mistérios e reclamações em dois anos de casada, do que qualquer outra coisa. Porém, ainda estava presa àquilo, enquanto tentava discernir sobre o que era meu dever, e o quanto valiam meus próprios sentimentos.

— Vou ter que ir, perdida.

— Encontrada... — pisquei um olho, afastando-me de Oscar, e pegando meu caderno colocado no chão. Ele se levantou, esticando-me a mão e aceitei, levantando-me em seguida. — Tenho mesmo que ir para casa?

— O que eu, mero mortal, alguns anos mais velho posso fazer para obrigar uma mulher feita de vinte e oito anos a querer ver o marido?

— Nada — respondi rindo, e me afastei, suspirando fundo. — Boa viagem, Scar. — Ele revirou os olhos do apelido, mas

assentiu, dando um leve tchau com as mãos ao dar meia-volta e seguir seu caminho.

Eu fiquei ali, apenas parada por alguns segundos, enquanto me perguntava se deveria fazer como Juan, e apenas sumir de casa por alguns momentos.

“Meu sorriso é como se eu ganhasse um concurso

E esconder isso seria tão desonesto

E está tudo bem fingir até conseguir

Até que você faça, até que seja verdade”[20]

GUTA

“Por que voltar para casa?

Se uma casa não é um lar

Talvez não se devesse voltar

Mas eu já estava acostumada

Desde sempre”

Parei por um segundo, anotando as frases que me atormentaram todo o caminho de volta para a casa, encostando-me contra uma das árvores, e mesmo que fosse triste, eu estava feliz por alguma inspiração aparecer. E no caso, acontecia como sempre. Juan reaparecia em algum momento, e com ele, toda minha inspiração.

Nem mesmo o karaokê que ficava no centro da cidade, bem longe dali, me ajudava. E de fato, eu estava evitando ir a lugares que me remetessem à mentira que agora eu contava a mim mesma todos os dias – de que eu me apaixonei por um estranho que era meu marido, mas permaneceu um estranho completo.

Eu o conhecia mais quando sequer sabia seu nome.

Ouvi o barulho de piano e pisquei algumas vezes, seguindo o som para dentro de casa. Talvez Flávio tivesse voltado antes da

visita à sua melhor amiga, e era como um chamado. A música sempre era para comigo. Assim que abri a porta da frente, o sorriso que eu carregava, morreu um pouco quando me deparei com Juan sentado à frente do instrumento.

Algumas notas musicais, talvez perdidas entre si, mas a sua concentração não me passava despercebida. Ele parecia em qualquer outro lugar, menos ali. E era uma das coisas que mais me intrigavam sobre ele, o fato dele nunca parecer inteiro, mesmo no lugar que deveria ser sua paz. Aquela casa não parecia ser. E eu estava longe de ser também.

Fiquei em completo silêncio, enquanto ele apertava outras teclas, ainda concentrado no que fosse, e me vi engolindo em seco com toda cena. Parecia que eu o não o via há uma vida, mas foram apenas algumas semanas. Parecia que eu não o queria, mas foi apenas vê-lo para entender que nunca deixei. Parecia que eu ia esquecer aquele sentimento junto a mentira que ele foi, mas a realidade era que mesmo tão distante – a distância que ele construía e adicionava ainda mais a cada dia – eu ainda o queria perto.

Queria o cara daquele bar de volta.

Queria o cara que tocava piano como se seu coração tivesse sido esmagado.

Queria entender aquele cara do bar.

Queria entender o cara à minha frente.

O barulho do meu celular me delatou, fazendo-me parar o passo que dava em sua direção, sem realmente ter noção de que o fazia. Merda!

Seu olhar parou no meu, e eu sorri sem graça, pegando meu aparelho e levando-o à orelha – era minha mãe. Bloqueei o aparelho e me neguei a ouvir, mais uma vez. Algumas coisas tinham de fato mudado completamente, drasticamente nos últimos dois anos. E uma delas, era o fato de que eu me sentia tão usada por minha própria mãe, que eu sabia que sempre fui, mas a forma como ela o fez para me convencer de tudo, me fazia negar em encará-la por alguns momentos.

— Sua mãe?

A voz rouca e baixa me chamou atenção, enquanto eu guardava o aparelho.

— A mesma que me escondeu que tinha melhorado da sua doença há dois anos, para que esse casamento acontecesse... — falei, sentindo o ardor das palavras saindo de minha boca.

Eu sempre achei que o diagnóstico dela era um pesadelo. Era o meu pesadelo diário. Porque se tinha alguém que eu me lembrava de sempre estar lá, e sempre estar comigo, era ela. Uma verdade em meio a tantas mentiras. Minha mãe nunca fantasiou sobre o que queria de mim e o que deveria fazer, ao mesmo tempo que sempre me deu o espaço necessário para sonhar. Ao menos, eu podia. Ao menos, eu aceitava.

Até saber que ela usou o pesadelo que me matava um pouco a cada dia, para me manipular. E foi como uma bomba que caiu sobre meu colo, e me abriu os olhos de que ela não era muito diferente dos Toledo. No final, ela era um. Eu também seria assim, em algum momento? A mestra da manipulação?

No caso, como seria se não conseguia fazer o homem que me apaixonei olhar em meus olhos?

— Não que isso importe, de toda forma — falei com descaso, e apontei para o instrumento. — Desculpe atrapalhar.

Dei-lhe as costas e já iria para o segundo andar, quando sua voz me fez parar no lugar.

— Eu sinto muito. — Paralisei por completo, sem crer que ele estava expressando algo sobre isso. Não após tanto tempo.

— Não precisa, depois que me permitiu fugir da realidade e ficar aqui, como se fosse me fazer esquecer que sempre fui um peão para todos... — olhei-o sobre o ombro, e me referia a ele também. — Ao menos, seus irmãos me mostraram um lado diferente do que uma família é.

— Eles são...

Virei-me lentamente, não entendendo de repente como Juan falava sobre aquilo. Ele sempre parecia fugir das conversas, ainda mais sobre pessoas que ele amava. E eu sabia que ele fazia, porque era claro em cada pequena ação dele. Ele poderia não amar muitas coisas na vida, mas amava os irmãos de uma forma assustadora.

Ele então soltou o ar com força e negou com a cabeça.

— Sabe que pode falar comigo? — perguntei, sem conseguir me conter. — Eu sempre estive aqui para quando

quisesse fazê-lo, Juan. — Fui honesta, abrindo meus braços. — O que perde em deixar algumas palavras saírem?

Ele parecia ter a resposta na ponta da língua, e eu poderia jurar que ouvi um sussurro de “você”. Vi-me dando alguns passos para perto, me encostando no piano, e o encarando.

— Não vai falar, como sempre?

— Por que você insiste em algo que sabemos que vai acabar e não mudou nada? — e ali estava ele soltando uma pergunta em meio às outras milhares sem resposta que eu tinha. E sem poder evitar, eu acabava sempre o respondendo.

— Ao menos ajudou Franco, com isso. — Fui honesta e senti seu olhar mudar por completo. — Não? Pelas vezes que o vi e a Jasmine, eles sempre estavam bem, e sei que Vicente não foi mais até eles.

— Outra fachada. — Vi-o trancar o maxilar e desviar o olhar do meu. — Sinto muito, Augusta.

— O quê?

A pergunta praticamente pulou da minha boca, tamanha minha incredulidade.

— Sinto muito.

Então seus olhos estavam nos meus novamente, e não conseguia entender.

— Se eu perguntar o “por quê” disso, vai entrar para a lista de perguntas que você nunca me respondeu?

— Eu queria ter te dado mais...

Uma lembrança do que ele foi, antes de tudo simplesmente se desencarrilhar, me atingiu. Parecia a mesma frase dita de formas diferentes, porém, com o mesmo objetivo de anos atrás. “*Eu não posso te dar muito, mas...”* e então aqueles lábios foram meus, e me tomaram para si como se lhe pertencesse.

Ele já sabia que eu lhe pertencia?

Ele já sabia que eu não iria embora tão cedo?

Por que ele não podia me dar muito, naquele momento?

Por que parecia arrependido de não ter me dado mais, durante aquele casamento?

— Não é como se ainda não pudesse dar. — Admiti, e minha mão foi para a dele, parada sobre as teclas, num toque que

não acontecia há tanto, que me surpreendeu o fato de que meu corpo o reconheceu tão fácil e gritou por lar, imediatamente. — Que tal... Sem perguntas até o fim dessa noite? E depois, amanhã a gente tenta encarar o que somos e não fugir?

Então senti sua mão passar por sobre a minha e apertá-la.

— Obrigado.

Dei-lhe um leve sorriso, sem poder evitar.

Eu tinha parado de esperar alguma coisa de Juan há certo tempo.

Não era mais a mesma do primeiro ano daquele casamento, aguardando esperançosamente que ele parasse apenas de me tolerar.

E quando eu não esperava mais nada, ali estava ele, me entregando algo que eu não sabia nem como classificar.

— Karaokê? — perguntei, sem poder evitar e o vislumbre de um sorriso de lado me atingiu. Um que eu não via há tempos. Que parecia ter ficado preso há uma vida. — Em casa?

— Vou te levar ao karaokê da cidade, Augusta — falou, levantando-se e sua mão se separou da minha, o que me fez

querê-la novamente ali. — Não se esqueça dele...

Então apontou para o caderno que só agora eu notei que tinha deixado sobre a tampa fechada do piano.

— Agora?

— Quando você quiser — falou, e eu queria dizer que pensaria a respeito e tinha muito a fazê-lo esperar. Contudo, a realidade era que eu estava mais do que ansiosa para aquele plot twist em meu casamento. Talvez eu estivesse esperando por ele, mesmo que subconscientemente.

— Só vou pegar um moletom.

Vi-me correndo escadas acima, um sorriso emoldurando meu rosto e um rastro do que fomos me acertando. Era possível que eu me apaixonasse por ele novamente? Era possível que o nosso casamento não tivesse sido nosso fim?

Assim que coloquei um dos meus moletons novos favoritos sobre o vestido preto que usava, e encarei meu reflexo no espelho, eu cheguei a uma conclusão. Não poderia desperdiçar o que me soava como a última chance de mim mesma para aquilo.

Uma vírgula para que continuasse.

Ou um ponto final que eu deveria enxergar.

“Então eu te disse que nada foi por acaso

E que na primeira noite que você me viu, nada iria me parar

Eu preparei o terreno e logo vi um sorriso feroz

No seu rosto, você sabia o tempo todo”[21]

JUAN

Ela sorria.

E talvez tudo que eu precisasse naquele momento fosse vê-la exatamente assim.

Acreditar e me arrepender do que não podia me pertencer, mas ao mesmo tempo, deixar que meus olhos tivessem a sorte de tê-la apenas à frente deles.

Ela estava concentrada, sorrindo de um dos peões que cantava um sertanejo bem alto e apontava para os amigos, enquanto bebia. Lembranças me invadindo, de quando ia naquele exato lugar para tirar meus irmãos dali, antes que dessem ainda mais trabalho para o dono. No caso, Flávio sempre foi o que me fazia estar ali para levá-lo.

— Eu amo esse lugar.

A animação de sua fala contida e baixa, enquanto parecia desenhar em círculos em mais um dos seus cadernos, que parecia durar mais que os anteriores, fazia com que um sorriso se instalasse em minha mente, mesmo que não o devesse deixar sair.

Porque eu sabia que ela entrou naquela por um motivo – para cumprir sua obrigação.

Porque eu sabia que ela estava ali por um motivo – para fugir.

Porque eu sabia que ela não tinha por que ficar – e eu não podia condená-la.

Poderia?

Poderia ser diferente?

Poderia dar-lhe com o medo me aterrorizando a cada segundo?

Eu tinha falhado tanto.

Eu tinha errado tanto.

Não queria que Augusta fosse mais uma das pessoas que se arrependeriam de me conhecer, e que não pude proteger. Ela também não.

Levei o uísque à boca e fechei os olhos por alguns segundos.

Então por que eu a trouxe ali? Então por que eu não conseguia apenas fingir que não ouvi ou senti nada, como antes? Então por que eu não fugi dela, como sempre?

A resposta para três perguntas e muitas das quais ela me tinha feito, era tão simples que poderia ser até assustadora: eu estava cansado. Na realidade, eu estava exausto.

Por uma noite apenas, eu gostaria de ser o homem desconhecido que ela olhou com tamanha admiração e brilho, que estava lá todos os dias seguintes. Todos os sábados que foram nossos. Todas as canções que foram gritadas para nós. Todas as frases inteligentes de seus moletons. Até a canção que ela me entregou naquela noite, que me fez esquecer por um segundo de que não era digno daquilo.

Não dos seus olhos brilhantes e sinceros.

Não da sua bondade e segundas chances.

Não da sua transparência e perguntas inquietantes.

Eu ainda não o era. E talvez nunca seria.

Grandes olhos castanhos nos meus, sorrindo abertamente, enquanto apontava para o seu moletom e estivesse pronta para me jogar a frase. Eu poderia ter certeza de que meus olhos brilharam novamente, por ela. Da mesma forma que ela me trouxe

a vida há dois anos, e me trazia se eu concedesse qualquer chance ao azar.

Ao azar de querer fazê-la ficar.

Ao azar de ter que vê-la ir.

— “Eu fiz de você meu templo, meu mural, meu céu

Agora estou implorando por notas de rodapé na história da sua vida...”

Ela então falou, e eu senti o peso de cada palavra, que estavam escritas tão pequenas no moletom de cor bege, que mesmo que ela não soubesse que entendia o inglês, a minha visão ruim não me ajudou tanto.

Eram palavras que a remetiam a mim?

Ela achava que eu a tolerava?

Sendo que na realidade, ela quem teve que me tolerar por todo aquele tempo?

— É triste. — Admiti, e seu olhar voltou para o meu, as pequenas mãos presas em suas pernas, como se controlando seus próprios passos. — Obrigado por aceitar vir, Augusta.

— Preferia quando me chamava de menina — falou, e levantou a garrafa de cerveja à sua frente. — E se alguém me disser que sou eu falando, não sou, é a bebida. — Provocou, piscando um olho, e eu sabia que estava muito longe de estar bêbada. Era sua primeira garrafa em todo aquele tempo sentados ali. — Preferia quando éramos estranhos próximos, e não quando nos tornamos conhecidos distantes... Eu sinto sua falta todo dia, Juan.

Ali estava ela – sua sinceridade inabalável.

E eu sentia falta dela, todo dia.

De toda ela.

— Eu sinto falta do que fomos por aquele pequeno curso de tempo. — Olhou-me e respirou fundo. — Eu sinto falta do que poderíamos ter sido... É pedir muito que o homem por quem me apaixonei não seja apaixonado por outra?

— Augusta...

Olhei-a completamente aterrorizado com tal pergunta.

— Não me responda essa pergunta, essa não — falou, e notei que ela parecia ter se segurado muito para estar ali. —

Posso perguntar por que escolheu hoje para me trazer aqui? Por que agora?

Você pode tudo.

Você pode ter tudo.

Mesmo que meu tudo não significasse nada.

Nunca o faria.

— Tentando não sentir sua falta — admiti, e pelo seu olhar surpreso, sabia que não esperava por aquilo.

— Então não sinta...

Antes que eu pudesse prever seu próximo passo, senti-a se encostar sobre o estofado do grande banco onde estávamos sentados, e seus lábios vieram para os meus.

Os lábios que eu não merecia.

Os lábios dos quais eu senti tanta falta que queria poder morar.

Os lábios que me fizeram querer rever todos os meus planos.

Os lábios que eu queria merecer.

“E eu acordo com a sua memória sobre mim

Este é um legado do cacete, legado (era bordô)

E eu acordo com a sua memória sobre mim

Este é um legado do cacete para deixar”[22]

GUTA

Girei pela sala de estar, sorrindo abertamente.

Era a primeira vez que o fazia, estando apenas nós dois.

Antes que Juan pudesse dizer qualquer coisa, eu girei em sua direção, parando à sua frente, e meus braços ao redor do seu pescoço. Eu sentia sua leve resistência, como se ele se segurasse e fosse me afastar a qualquer momento.

Era realmente pedir demais?

Era realmente um erro tentar tê-lo?

Era realmente uma verdade de que ele nunca me olharia daquela forma?

Então por que os olhos dele brilhavam?

Então por que o vislumbre do seu sorriso estava ali?

Então por que eu sentia seu coração disparado sobre minha palma?

— Já dançou com alguém antes? — perguntei, mesmo que a resposta fosse clara. Contudo, eu sabia que eram as perguntas óbvias que ele me entregava alguma resposta. E eu queria cada uma delas. Ele assentiu, e suas mãos firmes em minha cintura, apenas me parando. — Já quis dançar com alguém antes?

Então ali não tinha uma obviedade, e vi-me buscando uma resposta em sua expressão, já que não esperava por uma

resposta. Há tanto tempo eu não esperava.

— Uma vez — respondeu simplesmente, e o encarei surpresa. — E agora.

— Por que não dançar agora? — indaguei, levando minhas mãos até as suas e fazendo-o soltar um pouco, como se para me permitir me mexer. E ele o fez.

Encostei minha cabeça contra seu peito, e entreguei o que tinha no meu, mesmo que inconscientemente.

O silêncio ao redor foi se tornando tão alto, mas não mais do que as batidas de nossos corações.

Suas mãos me puxando para mais perto, como se para garantir que eu estaria ali. Como se para me impedir de correr e meu olhar buscou o seu. E minhas mãos traçaram seu rosto, enquanto eu fechava os olhos e aproveitava aquela sensação.

A sensação de que eu poderia ser amada de volta.

Era assim que o amor acontecia? Não te dando pistas de quando vai explodir e te fazer duvidar de todas as convicções que criou sobre um coração quebrado?

JUAN

Seus lábios estavam nos meus.

E eu queria poder negar. E eu gostaria de poder livrá-la. Contudo, depois de tanto tempo contando a mim mesmo a mentira de que não desejava aquilo, nem mesmo assim se tornou verdade.

Eu queria.

Eu a queria desde o primeiro momento que seus olhos pararam nos meus.

— Augusta...

— Não é o vinho... — falou, e seus lábios ficaram a centímetros dos meus. — Não é qualquer bebida que me faz querer você.

— Augusta...

— Depois de dois anos como se vivendo á espera disso... — ela baixou a cabeça e senti seu nariz contra minha bochecha. Minha respiração já perdida por toda aquela proximidade. Como eu poderia explicar racionalmente o poder que ela tinha sobre mim? Sobre meu corpo? — Você não me quer?

— Augusta...

— Você nunca quis?

Eu não era bom com palavras e sempre soube daquilo, e então meus lábios nos seus foram a resposta que eu poderia lhe dar. Pelo menos nos primeiros segundos, em que seu corpo se emaranhou no meu. Firmemente em meu corpo, eu a fiz subir suas pernas para minha cintura e engoli o gemido que saiu de sua boca, no momento em que sentiu o que realmente causava em mim.

— O que quer de mim, menina? — perguntei, assim que nos afastamos apenas para puxar o ar, o pouco que precisávamos e sua boca veio para a minha novamente.

Suas costas contra o tapete da sala de estar, pelo qual ela nos fez dançar por minutos e talvez horas. E eu poderia ter ficado ali, apenas dançando com ela a noite toda, e seria o bastante.

O suficiente para não ter que vê-la ir. Mas não para o que restava de egoísmo em meu interior. Um sentimento que aparecia em raras ocasiões, e com ela, estava em quase todas.

— O que quer me dar? — indagou, no segundo em que minha boca pairou sobre a sua, suas mãos tirando o chapéu de minha cabeça e se emaranhando em meus cabelos.

Tudo.

Respirei fundo, sentindo o seu cheiro já misturado no meu, e fechei os olhos talvez por um milésimo, para saber que nem que o mundo desabasse do lado de fora, eu poderia evitar aquele momento.

Mesmo que eu não pudesse lhe dar tudo, já que eu não significava praticamente nada.

— O que quiser.

A resposta saiu sem que eu pudesse evitar alguma, como sempre o fazia, e notei a clara surpresa em seus olhos. E antes que sua boca esperta pudesse formular qualquer contragolpe, minha boca foi diretamente para seu pescoço, marcando-a da

forma como sempre quis, e seu suspiro profundo, quase um gemido em seguida, eram o que precisava.

Para continuar.

Para continuar e endeusar aquela mulher como ela merecia.

“Eu fiz de você meu templo, meu mural, meu céu

Agora estou implorando por notas de rodapé na história da sua vida

Desenhando corações na assinatura

Sempre ocupando espaço ou tempo demais”[23]

GUTA

Se eu pensasse muito sobre como seria fazer amor, eu nunca chegaria àquela conclusão.

Não era como a primeira vez catastrófica que tive, que acabei mais rindo quando o meu crush da época acabou gozando tão rápido quando começou, e desde então, entendi que uma simples atração não era o suficiente para minha curiosidade sobre sexo.

Sexo era sobre curiosidade para a Guta de 19 anos, que só queria sair da zona de conforto.

Sexo era sobre querer cada pedaço da outra pessoa, para a Guta de 26 anos. E aquela pessoa era Juan Esteves.

Rolei nos lençóis que tinham seu cheiro. Talvez o nosso cheiro? E tentei balançar as pernas como se estivesse tão feliz, que todo meu corpo precisasse comemorar. Uma falha minha, ao perceber o quão dolorida cada parte de mim estava. Talvez um tempo todo como aquele sem ter alguém, tivesse sua consequência. Ou talvez eu não devesse ter pedido e implorado por mais, ou mais forte...

Levantei-me pulando, e gemi da dor que se instalou em todo meu corpo e ri de mim mesma.

Com calma, Augusta!

Parei à frente do grande espelho do quarto, que até então eu não tinha entrado, mas de alguma forma, Juan o tinha escolhido para me trazer ali. Olhei ao redor e parecia um lugar tão genérico, que sequer poderia dizer que ele realmente dormia ali. Todas as coisas nos lugares e quando me encarei no espelho, eu parecia a única coisa divergindo.

Marcas roxas e vermelhas por todo meu corpo, e vi-me como a memória de cada uma me fazia querer reviver cada momento com ele. Seria uma realidade a partir dali? Seria algo que nos uniria?

De repente, as perguntas desceram com toda força e engoli em seco. Peguei o lençol cinza jogado no chão do quarto e me enrolei nele. Eu poderia ligar para ele, certo? Ou apenas encontrá-lo no andar debaixo da casa, na verdade?

Parei atrás da porta e repensei a forma como estava saindo. Não poderia simplesmente sair de lençol numa casa em que Oscar e Flávio, que eram praticamente irmãos para mim, também moravam. Mas eles estavam viajando, então...

Coloquei primeiro a cabeça para fora e gritei o nome de ambos, e como nenhuma resposta relâmpago me acertou, e o

silêncio reinava por cada canto, soube que eles não estavam. Não tinha como uma casa ser silenciosa quando os dois estavam presentes.

E Juan?

Onde ele estaria?

Desci as escadas ansiosa, e repensando todas as perguntas que eu tinha para fazer. E eu sabia que não poderia apenas aceitar o silêncio ou outra pergunta como resposta. Eu queria mais.

Eu queria que a gente não fosse uma mentira. Não que a gente o tivesse sido em algum momento. Juan sequer nos deu a chance de fingir. E nunca seria tão boa naquilo.

Eu queria *ele*.

Eu queria noites como aquelas.

Eu queria sair e ter seus olhos me encarando como se eu fosse a coisa mais linda em que já colocou os olhos.

Eu queria voltar para a casa e vê-lo tocar piano, e quem sabe, fazer amor ali mesmo.

Eu queria aquele amor que parecia estar morrendo a cada dia, mas que em uma noite, voltou com tamanha força, que eu estava pronta para tentar. Existe uma segunda chance para uma história que nunca teve a primeira? No nosso caso, eu estava disposta.

— Juan?

Chamei seu nome já na sala de estar, ainda bagunçada e com minhas roupas jogadas sobre o sofá. Caminhei até a cozinha e vi-me procurando por algum resquício dele. Contudo, não tinha nada.

Absolutamente nada.

Respirei fundo algumas vezes, porque aquilo não fazia sentido. Mesmo que Juan fosse me dizer que foi apenas uma noite, ele diria na minha cara. Nós éramos sinceros um com o outro, mesmo com a guerra fria que se instalou entre os sentimentos. Não o éramos?

Peguei meu celular e pela quinta vez em dois anos, disquei seu número. A caixa postal como resposta foi como um soco no estômago, e tentei não pensar demais. Juan nunca estava com o

celular ativo de fato, o que levava Oscar e Flávio a saberem dele pelo capataz da fazenda.

Isso!

Era isso!

Voltei correndo para a sala, tentando ignorar a dor em meu corpo e principalmente nas pernas, e coloquei a minha roupa da noite anterior. Parei rapidamente à frente do espelho antes de chegar à porta de entrada da casa, e tentei dar um jeito na franja que definitivamente, já teve dias melhores. Contudo, o motivo para estar tão arruinada, sequer me abalava.

Eu estava feliz por ele.

Eu continuaria?

Sem querer pensar e criar teorias sem fim, vi-me saindo de casa, e como uma resposta do destino, Iago apareceu cavalgando, com certeza em direção ao outro lado da fazenda.

— Patroa! — gritou de longe, tocando na aba do chapéu.

— Sabe de Juan? — gritei, e ele franziu o cenho por um segundo, parando o cavalo e logo mudando seu destino para perto de mim. — Sabe se ele saiu hoje cedo ou...

— Ele saiu bem cedo, patroa. — Engoli em seco, e tentei não transparecer. — Ele não parecia muito bem quando saiu.

— Algo das fazendas ou...

— Que eu saiba, ele só tem uma viagem na próxima semana, mas se quiser, eu posso...

— Não — falei educadamente e forcei um sorriso. — Ele deve chegar até a noite.

— Com certeza, patroa.

O homem à minha frente me encarou com tanta pena, que eu só queria um buraco para me enfiar e ficar por lá. Sorri para ele e desejei-lhe um bom trabalho, voltando para dentro de casa.

Juan tinha saído.

Juan não tinha um compromisso.

Levei as mãos à cabeça e fiquei ali, incrédula de que aquilo poderia estar acontecendo. Ele não estava fugindo, certo? Ele não fugiria da esposa por contrato que sempre lhe entregou toda sinceridade?

Sentei-me em uma das poltronas, a qual ele sempre usava quando raramente parava em casa, e fiquei ali, encarando a porta. Sem poder crer que eu tinha sido completamente otária daquela forma.

Acordei assustada com o barulho de um vento forte, e janelas batendo. Pisquei algumas vezes, notando que a noite chegou e só então notei que acabei adormecendo toda torta naquela poltrona.

— Juan? — perguntei para o nada, e senti a dor se instalar em meu peito.

Eu não chorava há muito tempo.

Eu não era de chorar.

Mas depois de ter me livrado de ser um peão para a minha família, que eu mal tinha contato naquele meio tempo. Eu era então, um peão para o homem por quem eu tinha me apaixonado,

quase desapaixonado, e que tinha me feito acreditar no amor novamente em uma noite?

Eu era tão fácil assim de usar e descartar?

Juan era mesmo como eles?

Uma lágrima desceu e senti tudo se acumular sobre mim. Todas as mentiras que me levaram para aquela noite sozinha, deixada ali, como se eu não tivesse valor algum. Eu tinha acreditado que o encontrei, ao menos, um sentido.

Flávio e Oscar eram realmente uma família, e me faziam sentir a irmã mais nova mais adorável, sem pedir nada em troca a não ser estar com eles, o que não me deixava pensar na família que eu nunca realmente tive.

As crianças e adolescentes da escola, as quais compartilhavam a mesma paixão que eu sobre a música, faziam-me tão viva, que era possível ignorar que o amor romântico não seria meu.

Mas por um momento...

Mas por uma noite...

Mas por uma mentira...

Eu tinha acreditado que o era.

E não era.

Subi as escadas, sentindo as lágrimas descerem com força, mesmo querendo brigar contra elas. Mesmo querendo me negar a deixá-las descerem. Eu precisava. Precisava deixar ir, de alguma forma, toda aquela raiva que se apoderava de mim. Aquela dor.

Ou eu podia me permitir ir.

Podia permitir-me ir e decidir quando precisasse voltar das férias, o que faria.

E quando encarei cada canto daquela casa, e pensei em tudo que se passou naqueles dois anos, eu sabia que eu tinha que ir.

Eu precisava me desprender do que não imaginei que me seguraria em algum momento – a ilusão de que Juan Esteves era meu. E de que de alguma forma, eu também era dele.

“Eu acordo gritando depois de sonhar

Que um dia vou te ver ir embora

E a vida perderá todo o sentido

(Pela última vez)”[24]

JUAN

Eu tinha cavalgado tanto, mas era como se sempre parasse exatamente ali – naquela terra.

Olhei para as flores ao redor dos túmulos vazios e com os nomes dos meus pais. Eu não sabia ao certo o fim que cada um teve, se estavam vivos ou mortos, se eram felizes ou tristes, se pensavam em mim ou em meus irmãos, se talvez um dia tivessem se importado. Contudo, eu me importava. Eu fiz aquele lugar para deixar o passado enterrado, depois que percebi que nenhum deles voltaria. E nenhum deles voltou.

Tudo o que me fazia pensar que eles realmente existiram eram meus irmãos, e o chapéu que estava em minha cabeça. Nada mais. Não tinha mais tempo para relembrar o pouco que nos entregaram, ou como nos deixaram, mesmo que a ferida estivesse aberta há tanto tempo.

Parecia que eu era feito para ser abandonado.

Era aquilo?

— Eu nunca sei como paro aqui — admiti para o nada, e um dos poucos lugares que conseguia deixar algo sair. — Mas eu encontrei uma coisa pela qual vale a pena ficar, mesmo que eu não seja digno. E ela me faz pensar que mesmo que me abandone, valerá a pena. Valerá a pena ser totalmente honesto e deixá-la escolher. Mas por que ela me escolheria?

Respirei fundo, passando as mãos pelos cabelos.

Meus pais não me escolheram.

E eu parecia ser o real culpado. No que tocava ou mexia, e algo se estragava. Eu tinha quebrado parte do que tanto amava tentando proteger e salvar, e por aquilo, eu era um expectador na vida de um dos meus irmãos, e via os outros dois também sofrerem por aquilo. Eu não podia ser próximo da minha sobrinha, pela vergonha... Eu simplesmente não conseguia.

— Como eu poderia fazer diferente com Augusta? — perguntei para o nada e soltei o ar com força. — Como eu poderia não errar e fazê-la escolher ficar e não ir?

Senti uma gota de chuva cair sobre minha mão e parei no lugar, e de repente, o tempo despencou.

— Diacho!

Corri até meu cavalo, que estava bem-acomodado na velha casa, onde um dia nós todos moramos. Uma lembrança de que tudo que aconteceu ali, ficou enterrado ali. Ao menos, era o que gostava de acreditar. Mesmo que as lembranças e alguns pesadelos ainda me atormentassem.

Olhei para o relógio em meu pulso e vi que tinha me perdido no tempo, como sempre o fazia, quando ia até ali. Era como se precisasse de um tempo até algo sair. E não era a primeira vez que estava ali para falar exatamente sobre ela.

Eu relembrava perfeitamente como foi, há dois anos, quando eu precisei ir ali para julgar a mim mesmo porque eu queria acreditar que era possível não ir para um casamento por contrato, mas conhecer de fato a mulher que me encantou em um bar de karaokê que eu nunca de fato pensei em entrar.

Eu entrei, e era ela lá, me esperando.

Eu escolhi minha família, e mesmo assim, ela também estava lá, me esperando como a noiva por contrato que eu nunca desejei. Mas eu a desejava, mesmo que não pudesse tê-la.

E eu a tinha agora.

Eu havia ido ao paraíso que neguei, para então, colocar-me no inferno que nunca me desliguei de verdade. Mas com ela foi diferente. A cada segundo, eu não pensava em como me livrar, mas sim, em como queria marcar cada parte dela e não pensei em momento algum nas minhas marcas. Queria deixar-lhe a marca de algo bom, alguma coisa digna.

Que apenas nós poderíamos cultivar.

E foi.

Como poderia dizer que era a primeira vez, aos trinta e oito anos que eu fazia amor com alguém? Mas era. E o significado daquilo para mim, era ainda maior. Porque me mostrava que eu não estava errado em uma coisa, em me permitir ficar perto dela em cada sábado que tivemos como desconhecidos, e acreditar que era possível alguém me querer.

Apenas me querer.

— Acho que vai demorar um pouco, Azulino — falei para meu velho cavalo, que mal se importava com a chuva que despencava. Ele parecia muito bem-acomodado no estábulo que a casa se tornou. — Talvez eu devesse correr para casa na chuva, para ela?

Indaguei para o nada, e peguei meu celular, buscando ver se tinha alguma área, mas não existia.

— Diacho!

Mexi em meu chapéu um pouco molhado e nunca desejei tanto uma rede de celular como naquele momento. Algo dentro de mim me dizia que eu precisava ligar para Augusta.

Talvez, de alguma forma, explicar que eu não estava em casa, mas eu teoricamente ainda estava.

Mas e se ela pensasse que eu tinha fugido?

A questão me acertou em cheio e vi-me encarando a chuva e considerando se deveria ou não sair dali. O que seria uma chuva por vinte quilômetros?

— Eu mando alguém te buscar, garoto — falei para meu cavalo, tocando levemente sua cara. — Mesmo que esteja bastante acomodado aqui.

Foi então que resolvi correr a princípio e no segundo seguinte, notei que estava a ponto de afundar minhas botas ou escorregar, e tive que diminuir um pouco o passo.

— Esse é o tipo de coisa que se faz por amor? — perguntei para o nada, e ri de mim mesmo.

Eu poderia chamar de amor livremente, não era? Mesmo que ainda fosse algo que eu nunca tivesse encarado de frente.

Talvez uma hora e meia, ou quase duas foram o necessário para eu finalmente chegar próximo à minha real casa. AO meu lar. Um lar que eu queria compartilhar com Augusta, e queria que ela pudesse escolher. Escolher-me.

Senti cada parte de mim fria e com certeza, sairia daquela com um resfriado forte, mas honestamente, não estava me importando. Assim que abri a porta de casa, encontrei apenas a luz da cozinha acesa, e o silêncio me assustou.

Uma casa com Augusta e silêncio – não combinavam.

Não importava onde ela estivesse, estaria cantando.

— Augusta? — chamei seu nome e o silêncio me respondeu, assim como janelas batendo como vento forte. — Menina? — insisti alto, e engoli em seco, diante do silêncio.

Um guardanapo bem dobrado sobre a bancada da cozinha me chamou atenção e fui até ele. A letra dela. A que ela usava para criar, e agora, estava em um pedaço diferente dos seus cadernos.

“Talvez a dor seja realmente um alimento para poesia

Era isso que queria ouvir?

Era isso que esperava?

Que eu desistisse e facilitasse ao ir embora?

Mas eu quis ficar.

Eu quis tanto.

E eu quis tanto você.

Para no fim, ser mais um peão e escolher o que você queria

Eu desisti e facilitei

E nunca imaginei que seria para o homem que amo”

Então eu quase me vi caindo para trás no meio da cozinha.

Ela... Ela tinha me deixado?

“Você reservou o trem noturno por um motivo

Para você poder sentar aí nesta dor

Multidões agitadas ou dorminhocos silenciosos

Você não tem certeza de qual é pior”[25]

GUTA

Eu estava em um hotel numa cidade que sequer conhecia direito.

Pela primeira vez em toda minha vida, eu estava tomando alguma decisão que ninguém mais poderia opinar ou interferir. Mas por que doía tanto?

Talvez porque crescer e entender que o mundo não é cor-de-rosa, ou seja, o sinônimo de aprender de fato um pouco das coisas na dor. Se eu não aprendi no amor, com certeza, aquele outro sentimento foi o que me levou até ali. Ou uma mistura dos dois.

Meu celular estava desligado propositalmente, e permiti-me ignorar qualquer explicação que eu gostaria realmente de dar a Flávio e Oscar. No fundo, me doía deixar para trás duas pessoas que me acolheram tão bem, sem qualquer aviso prévio.

Contudo, eu precisava respirar.

Precisava daquele momento ali, apenas comigo, e repensar de onde eu estava com a cabeça por acreditar que as coisas poderiam simplesmente fluir com o homem que me casei. Existia uma linha tênue entre nós dois, que não era um mistério para ambos.

Talvez uma hora aquela atração constante fosse explodir, e ela tinha chegado no seu momento. O meu problema foi acreditar

que estava pronta para a realidade de tudo aquilo. De que nós dois não tínhamos apenas ultrapassado uma linha, mas que ela ainda existia, separando-nos.

E ali estava eu, encarando a janela do quarto de hotel, numa estrada que eu mal reconhecia, mas que sabia onde me levaria logo mais. Sempre era um momento, estar com Jasmine e Franco. Por mais que ainda estivesse longe de compreender a relação tumultuosa de Franco e os irmãos, principalmente a respeito de Juan, desde que nos casamos, fiz questão de estar presente por eles.

Jasmine era um doce. Franco parecia uma cópia mais nova de Juan, só que amolecido por completo pela filha. O assunto sobre a fraternidade praticamente interrompida entre eles, sempre foi algo que quis abordar, mas era clara a dor nos olhos de Franco sempre que mencionava Juan, e poderia dizer o mesmo sobre o mais velho.

Então eu deixei lá, para o hall de perguntas de respostas que já preenchiam quase um caderno das anotações com minhas canções. Cadernos esses que eu larguei para trás, como se mostrando a mim mesma que eu parava ali, de escrever sobre ele, pelo menos. Compraria algo novo e me dedicaria a escrever

as histórias de amor dos outros, como sempre fiz no passado e como sempre me imaginei fazendo para sempre.

O amor dos outros não me machucava.

Meu amor por Juan Esteves, sim.

No entanto, ainda agia como uma criminosa, me escondendo de tudo e de todos, como se uma parte de mim soubesse que Juan viria me procurar. Não porque ele se importava, mas sim, porque ele tinha essa obrigação. Eu estava sob seus cuidados nos termos do casamento que tínhamos, e ele poderia ser qualquer coisa, mas sempre o vi cumprindo sua palavra, ao menos, a assinada em um papel.

Levantei-me e caminhei para fora do quarto do hotel, e desci até a parte do café da manhã que já tinha sido servido. Cumprimentei as pessoas que estavam por ali, e poderia ser péssima observadora ou boa fanfiqueira, mas jurava que quase todos pareciam estar procurando algo de si ao se hospedarem assim.

Estar perdido nunca me pareceu algo tão familiar, não com os olhares que encontrava.

Peguei apenas um pão de queijo e água, sentando-me ao fundo, e sabendo que não era muito fã de comer algo pesado pela manhã. Estava sentindo um leve enjoo pela manhã naqueles dias, e não queria abusar. Queria poder ir visitar Franco e Jasmine logo, ao menos porque aquele lugar não seria um objetivo de Juan, e ele jamais iria aparecer lá apenas para me buscar.

Era melhor que ficar mais três semanas naquele hotel, ou fugindo. Logo menos eu teria que o parar, já que minhas férias vencidas e acumuladas da escolinha, acabariam. Eu poderia deixar para trás muitas coisas, mas não o que amava fazer.

— Alguém aqui?

Ouvi a voz conhecida e pisquei algumas vezes, dando de cara com uma conhecida que me fez quase perder a cor, tinha certeza.

— Talita?

— A melhor Kang — respondeu simplesmente, olhando-me.

Ela era a melhor amiga de Flávio, tão próxima quanto ele explicou no passado e realmente, a sua alma gêmea não

romântica. Ela era um respiro feminino na fazenda Esteves sempre que o visitava, e sua espontaneidade era um muito bem-vinda.

Contudo, ela estava ali, na minha frente.

— Máfia? — perguntei, e ela riu baixinho, levando um copo de água à boca. — Foi com algum dos seus parentes que conseguiu me achar?

— Flávio adora falar da minha família mafiosa, né? — assenti, sem poder negar e ela deixou o copo sobre a mesa. — Mas não é sobre como te achei, mas porque te achei.

— O que houve? — perguntei, como se em alerta.

— Você sumiu. — Apontou, como se fosse óbvio. — Eu já tinha pedido um relatório de onde estava, mas precisava ver pessoalmente se estava tudo bem.

— Obrigada, eu acho — falei, e sorri levemente.

Por mais que fosse difícil confiar em qualquer pessoa depois que a que eu mais amava no mundo desfez o pano cor-de-rosa de meus olhos, eu não conseguia simplesmente parar de fazê-lo. Eu sempre tinha uma chance para dar. E Talita era uma boa pessoa, e não estaria ali à toa.

— E também, eu tenho um melhor amigo surtando porque a cunhada favorita dele sumiu. — Sorri de lado, já imaginando como Flávio estaria. — Não sei o que houve, Guta, mas... Só queria mesmo te ver e saber como estava. Não é uma visita para te delatar ou algo parecido. Se me pedir segredo sobre saber que está aqui, eu guardarei.

— Obrigada por se importar comigo, com Flávio... — soltei o ar com força. — Ainda não estou 100%, mas vou ficar.

— Sempre imaginei essa quebra na história de vocês, para ser honesta. — Olhei-a um pouco chocada com a admissão. — Juan estava pedindo para ser deixado há um tempo, e... Você até que demorou para ir.

— Me sinto como uma criminosa, escondendo-me de todos como se eles soubessem ou não onde estou, mudaria algo. — Fui honesta.

— Acredite, não é um crime pensar em si mesma.

Piscou um olho e levou a mão ao copo de água, terminando-o.

— Se precisar, sabe que pode me ligar e eu te levo para onde quiser.

— O lado bom de ter conhecidos na máfia? — ela soltou um xingamento em coreano, que eu já conhecia porque era algo que ela sempre fazia quando estava perto de rir ou se estressar por algo.

— O lado bom de ser uma mulher incrível, Guta. — Olhei-a totalmente grata por aquilo. Há muito tempo eu não sabia quem era, e talvez ainda não soubesse de fato, mas era bom saber que alguém ainda me enxergava. Que sabia que eu existia de fato não para ser um peão. Eu poderia considerar a visita repentina de Talita Kang como aquilo. — E claro, ter uma amiga com uma família mafiosa. — Seu tom foi baixo e debochado, e eu tive que rir.

— Obrigada por vir, de verdade — assumi.

Ela então apenas ficou ali, encarando-me por alguns segundos e em seguida se levantou, encheu o prato com várias comidas, e se sentou novamente. O silêncio era bem-vindo entre nós, e estava feliz porque por mais coisas que tivessem sido quebradas durante todo aquele tempo, grande parte de mim seguia intacta.

Eu ainda sorria, sem precisar pensar no quanto doía meu peito. E não era forçado ou para me autoencorajar, era apenas eu

seguindo meu caminho, como senti que deveria.

O cheiro forte do bacon que Talita comia piorou a sensação de náusea e o enjoo. Comi o pão de queijo pedacinho a pedacinho e tentei não pensar que estava cada vez pior naquelas sensações. E eu temia muito por qualquer mudança do meu organismo, já que foi exatamente assim que minha mãe parou em um consultório médico com exames de saúde que lhe mostravam que tudo mudaria dali por diante.

Eu não queria pensar muito sobre isso, ainda menos sobre ela, mas era impossível.

Pensei a respeito daquilo e sabia que faria algum exame completo de sangue ou algo parecido, assim que tivesse a oportunidade. Por mais que fosse apenas para tirar um pouco de qualquer dúvida que se passava por minha mente. Cuidar de mim – um passo que há muito tinha deixado de lado. E minha saúde poderia estar em primeiro lugar depois de tanto tempo só ignorando.

“Todos os meus sentidos ganham vida

Enquanto tropeço pela casa mais bêbado do que eu

Jamais estive, e eu nunca mais vou embora

Porque você é única”[26]

JUAN

Arrastei-me pela casa, após beber mais do que podia e talvez mais do que realmente deveria. Sequer pensei em como

Flávio e Oscar ficariam chocados em me ver tão exposto assim, a realidade era que eu estava cansado de não me permitir sentir nada, e de deixar sair.

E o álcool corria para tentar amenizar a dor que me atingia. O mundo desabando do lado de fora, e nenhum sinal dela. Nada a respeito dela.

Entrei em seu quarto e senti falta dos seus gritinhos animados quando estava assistindo algo na madrugada e mesmo assim não conseguia se conter na animação, e eu a ouvia do corredor, ela chamando a própria atenção. De que não poderia acordar a casa toda só porque tinha alguma cena que ela estava surtando de uma série.

Não havia gritinhos nem dentro do quarto.

Olhei para a bagunça dele, que consistia em malas não mais presentes no armário e muitas roupas jogadas sobre a cama, como se ela tivesse escolhido rapidamente e só partido. Como se precisasse sair logo dali.

No entanto, por que ela faria diferente?

Eu a tinha praticamente obrigado a me deixar.

Se um dia pensei que não nasci para o amor, a realidade me caía como um tapa na cara – eu não o merecia.

Cambaleei um pouco até sua escrivaninha e encontrei os seus cadernos ali, o que partiu cada pedaço de mim. Ela tinha partido e deixado uma parte de si, como se não precisasse mais daquilo, não por mim. Vi-me levando a mão sobre eles, como se pudesse lembrar-me de como ela fazia sempre que algo lhe via em mente e escrevia.

Relacionei ali, que fazia muito tempo, dos raros momentos em que eu estava, que não a via escrevendo. Foi aquilo que eu fiz? Tirei-lhe a inspiração de algo que ela sempre amou? Tirei a graça daquilo que a fazia sorrir tão abertamente?

Dei um passo errado e minha mão esbarrou em um dos cadernos, fazendo-o cair aberto no chão. Minha cabeça estava um pouco embaralhada, mas consegui ler o que estava escrito.

Perguntas ao senhor mistério

Obs: ele é Juan Esteves

Obs2: ele é meu marido

Obs3: talvez as perguntas sejam infinitas.

Sentei-me no chão e me vi segurando o papel.

Número 1: Por que ele me olha como se eu fosse a coisa mais bonita que já viu?

— Porque você é — respondi para o nada, o que deveria ser para ela.

Número 2: Por que ele veio a um bar com karaokê e parece totalmente entediado, mas não vai embora?

— Por você.

Numero 3: Por que ele não sorri?

— Nem eu mesmo sei — falei e fechei os olhos. — Acho que eu só me acostumei a guardar cada emoção e animação ou felicidade, é uma delas.

Passei algumas páginas, até chegar a última pergunta, e senti parte de mim, quase se desfazer ali mesmo.

Número 1313: Por que ele sempre vai e nunca fica?

Obs: não é a primeira vez que faço essa pergunta, mas é estranho fazê-la, depois de dois anos casada com ele.

— Porque você merece algo melhor, mas descobri que sou egoísta demais para te deixar ir, mesmo que agora já tenha ido...

Uma lágrima desceu e ainda segurava o caderno, como se pudesse segurá-la, bem ali. Mas não podia. E quando pude, eu tinha deixado que meus monstros a levassem para longe de mim. Descobri naquele instante que não existia nada pior do que perder quem amava, justamente por não demonstrar o quanto aquele sentimento pulsava.

Era pior do que ser abandonado.

Porque eu a forcei a me abandonar.

E eu nunca me senti tão patético, amargo e perdido como naquele momento.

Levantei-me a contragosto do meu corpo e busquei um papel solto em sua escrivaninha e uma caneta. Foi então que voltei a primeira página dele, e vi-me começando a responder, uma a uma. Tudo o que não lhe dei, mas queria ter dado. Mas que deveria ter lhe entregado. E mesmo que fosse tarde demais, eu precisava fazê-lo.

Precisava me apegar ao que ainda era palpável entre nós, e aquele pequeno caderno, era o que me restava no momento.

Cambaleei pelas escadas, após passar horas dentro do quarto de Augusta e não me permitindo sair de lá, até que tivesse sanado todas as dúvidas que ela tinha, mesmo que ela nunca de fato se interessasse novamente em tê-las. Seria por isso que ela deixou os cadernos para trás? Como se para se livrar e deixar claro para si que não importava mais?

Parei ao lado do piano, que agora tinha a garrafa de uísque ali, na metade, e levei um pouco à boca. Tirei-a dali, e me sentei à frente do instrumento, que ela tanto adorava, e que infelizmente, eu não tinha conseguido compartilhar como ela merecia que o fizesse.

— Se você soubesse que sei suas músicas favoritas... — apertei algumas teclas e neguei com a cabeça. — Só porque você as toca e são uma parte de você, você teria ficado?

Eu me odiava naquele momento por não tê-lo feito e buscado desabafar depois. Mas eu sabia que não foi aquele exato momento que me condenou àquilo. Não. Foi muito além.

Foi o fato de ela estar sozinha ali, por dias e noites. Foi o fato de eu ter feito que ela desejasse estar, sendo apenas o silêncio quando estava. Foi o fato de eu não ter entregado um por cento de quem realmente era, para alguém que entregava mais do que cem por cento de si em tudo. Foi porque eu escolhi fazê-la ir, em vez, de lhe dar motivos para querer ficar.

Aquela falta após a nossa noite foi apenas o estopim.

E agora eu pagava o preço por não ter percebido o quão longe fui. O preço de perdê-la.

— Irmão...

Ouvi a voz preocupada de Oscar e Flávio, ao mesmo tempo, e olhei-os com pesar.

— O que... O que aconteceu?

— Ela foi embora. — As três palavras que eu nunca desejei dizer em voz alta, mas acabei forçando-as a ser uma realidade. — Ela me deixou.

E dizer aquilo, era como se eu tivesse percebido em voz alta, o quanto acabei me amaldiçoando.

“Me diga que você recusará o homem

Que pedir a sua mão

Porque você está esperando por mim

E eu sei, você estará longe por um tempo

Mas eu não tenho planos de ir embora

E será que você poderia levar meus sonhos e esperanças

E só ficar comigo?”[27]

JUAN

Olhei para o celular mais uma vez, incrédulo de que ninguém tinha qualquer informação. Ninguém.

Abri a garrafa de uísque e despejei o que pude no copo. Quando o líquido queimou toda minha garganta, soube que não existia dor pior que aquela que sentíamos ter causado em nós mesmos.

Peguei meu celular e encarei o número de Franco no visor, sabendo que aquela era uma opção para Augusta, mas ainda assim, eu sequer sabia o que perguntar para ele. Franco e eu nos tornamos tão distantes, que eu não sabia como agir para com meu irmão.

O que eu poderia dizer?

Você viu a mulher que acha que abandonei e que agora me abandonou de vez?

Mesmo sem saber de fato o que perguntar, toquei em chamar. Eram raras as ocasiões em que conversávamos, porque eu nunca sabia o que fazer após o “tudo bem”. E eu sempre desconfiava se estava tudo bem mesmo com ele, se eu poderia

ajudar em algo, ou se a forma que fiz no passado ainda fodia com tudo por ele.

Talvez fizesse.

Já que mesmo após o casamento com Augusta, eu tinha descoberto que os Toledo, principalmente Vicente, tinha agido pelas nossas costas e tentado levar Jasmine para a casa dele, de alguma forma. O lado bom daquilo, era que mesmo com tamanha falha de nem eu ou Augusta sabermos, era que eles permaneceram protegidos. E no fundo, para mim, era o que realmente importava.

— Juan? — seu tom era de surpresa, porque realmente, não era um hábito.

— Desculpe incomodar, irmão. — Comecei, sempre na defensiva ou sabendo o que dizer para ele. — Sei que não é da sua conta, mas gostaria de saber se viu Augusta por esses dias.

— Sua esposa? — era uma pergunta simples, mas o significado que explodiu em minha mente, nunca seria.

— Sim — respondi simplesmente. — A viu?

— Infelizmente não.

Poderia jurar apenas pelo seu tom que ele estava mentindo. Fechei os olhos por alguns segundos e considerei que aquele lugar, já que tinha feito meu primeiro balanço nos Toledo e depois nos lugares favoritos que ela tinha naquela cidade pequena, eu sabia que tudo se voltava para Franco.

— Se você souber de algo, apenas me ligue. — Pedi, sabendo que não tiraria muito dele.

— O que aconteceu, Juan? — sua pergunta me surpreendeu e parei com o copo de uísque até a boca. — Não é de ligar à toa. Nem mesmo de ligar.

— Soube que encontrou alguém especial... — comentei, sabendo sobre os boatos e em como a tal Carolina Reis se tornou uma tutora oficial de Jasmine. Contudo, era óbvio que não era uma armação, ainda mais, pela forma que Franco e ela se olhavam. — Acho que entende o que quero dizer.

— Sorte, eu acho. — falou e eu assenti para o nada.

— Mande um beijo para Jasmine. — Pedi, e ouvi-o dizer um simples “ok”, antes de desfazer a ligação.

Então ela deveria estar lá.

Suspirei fundo, caminhando até a poltrona e me sentando nela, com o copo de uísque em uma das mãos e a garrafa em outra. Já iria para uma semana, e eu tinha simplesmente entrado em um estado de inércia.

Cada lugar em que eu a procurava, era como se fosse assombrado pelas memórias que apenas eu tinha deles.

“Não é porque vou passar o Natal com Franco e Jasmine, que vou deixar a nossa casa como se estivesse sendo mais uma época do ano aleatória. — Vi-a brigar com Flávio à frente de uma loja de enfeites e ele bufou.

— Só viemos porque disseram que era uma árvore grande, não para questionar, Simba...

— Só tava dizendo que ela devia passar o Natal conosco...

— Vocês deviam voltar a passar o Natal com toda família reunida... — ela e sua boca esperta. — Respeito a escolha de vocês, mesmo a achando totalmente burra. E mais, farei muita inveja porque o planejamento de Jasmine para o Natal é perfeito.

Eu tinha ido até aquela loja, a qual sabia que ela poderia ficar por horas e mais horas, apenas olhando cada enfeite e cada

decoração. De Natal até o carnaval, ali tinha tudo, e Augusta tinha um brilho no olhar e admiração impagáveis."

Olhei para os cadernos sobre a mesa central da sala e sabia que ela nunca os abandonaria à toa. Na realidade, senti que ela pareceu querer deixar tudo o que realmente sentiu ali, como um ponto final claro de como tinha ido longe demais.

Por que eu tinha que ter saído para dar um jeito em minha mente naquela manhã?

Por que eu não tinha sido mais rápido e voltado a tempo de encontrá-la e explicar como me sentia?

Por que eu tinha uma mão que onde tocasse, não importasse a intenção, em algum momento, parecia apodrecer tudo?

Vi-me deixando a bebida e copo no chão, e indo até um dos cadernos, em que eu sabia que ela compunha, e mais, sempre marcava músicas importantes para si, em cada dia.

Sabia como a música era importante e essencial para ela.

Eu a havia procurado até mesmo na sala de aula da escolinha onde ela adorava trabalhar. Que eu a via brilhando e reluzindo sempre que estava em alguma apresentação com as crianças. E jurava que ela deveria estar assim todos os dias, já que apenas cantando pela casa, ela parecia deixar um pouco de felicidade por onde passava.

— Cinco seis sete oito...

— *Quem um dia irá dizer que existe razão, nas coisas feitas pelo coração? E quem irá dizer que não existe razão?*[28]

As crianças acompanhavam cada palavra com as diferentes vozes, e vi-a incentivar alguns que estavam com instrumentos a fazer o mesmo. E era claro o domínio total que ela tinha sobre aquilo. Como se ela tivesse nascido para estar exatamente ali.

E eu fiquei ali, dentro do meu carro, com a visão mínima que tinha da sala de aula de música, que felizmente sempre permanecia com as janelas abertas e bem camuflado dentre as várias árvores do lado de fora.

Seria uma ótima história para os fofoqueiros de plantão, e se existia algo que eu não suportava era isso. Porque nem sempre era a verdade, na realidade, quase nunca. Porém, a verdade comentada sempre era o que mais doía.

“E mesmo com tudo diferente, veio mesmo, de repente

Uma vontade de se ver

E os dois se encontravam todo dia

E a vontade crescia, como tinha de ser...”[29]

Nunca concordei tanto com uma canção como naquele instante.

E ela também não estava lá. Com certeza, eu tinha era descoberto que ela tirou férias acumuladas no dia em que as coisas mudaram completamente entre nós. E pelo que avisaram, ela pediu ainda mais alguns dias até poder voltar. Era como se ela fosse retornar, uma hora ou outra, mas não agora. E o “não agora” estava me matando.

Ainda mais porque sentia que eu não faria parte da razão de ela voltar.

Porque você não se permitiu ser, minha mente condenou e eu quis rir de mim mesmo. Era patético em alguns segundos.

Mas o peso do colar em meu pescoço mostrava que eu não poderia apenas deixá-la ir, mesmo que respeitando cada passo seu. Eu esperaria o momento de dizer que nunca a abandonei. Mesmo sabendo que nunca a mereceria de fato.

GUTA

— Exames de rotina...

Respirei fundo, sentada na recepção daquela clínica e sentindo que minhas pernas não parariam tão cedo. Peguei meu celular novo em mãos, cortesia da minha mente desconfiada em não querer ser achada, e disquei o número de meu pai.

Apesar de todos os pesares, depois que a bomba sobre os Toledo e minha mãe caiu sobre o meu colo, percebi que o mais perto de algo real naquela família, que eu tive era o meu pai. Pelo menos, ele não se fingia ou se fazia de algo diferente, não comigo.

Ele poderia ser o bobo da corte dos Toledo na frente deles, mas quando as cortinas se fechavam, ele era apenas o meu pai.

— Juan está atrás de você, querida. — Sua voz soou preocupada no mesmo instante. — Não contei a ninguém ainda, porque ele entrou em contato diretamente comigo e realmente pareceu crer que não veio para cá, mas sabe que se seu tio souber...

— Se a mamãe souber, talvez Juan descubra onde estou em qualquer momento.

A mágoa de ter sido tão enganada por ela, ainda me assombrava um pouco. Tanto pela forma como descobri, tanto porque ela também pareceu simplesmente parar de fazer questão de estar em minha vida. Ela só me ligava ou queria visitar, não por mim. Mas para saber se as coisas estavam sob controle, ou seja – se eu ainda estava em um casamento com um Esteves.

— Não vou dizer a ninguém que ligou. — Meu pai falou do outro lado da linha e agradeci-o internamente. — Por que ligou, querida?

— Porque eu... Porque eu precisava ouvir a voz de algo verdadeiro — admiti, e suspirei fundo. — Fiz vários exames, com os de rotina que sempre fazemos aí, e agora estou esperando para o médico me chamar e descobrir se tem algo errado... Lembrei-me de mamãe. — Finalmente consegui ser sincera. — Ela está mesmo bem, papai?

— Segundo os três médicos de minha escolha que a obriguei a ir, o quadro dela é estável e muito promissor, a cura praticamente batendo a porta. — Não pude evitar um sorriso. — Está com medo dos seus resultados?

— Acho que não tem como não estar. — Era quase uma confissão. — Lembro-me claramente dos nossos sorrisos morrendo à frente do médico e palavras e mais palavras complicadas sendo colocadas na mesa, para no fim o resumo ser: tratamento ou uma morte em x dias.

— O tratamento funcionou, querida. — Sua voz era como um bálsamo. — Isso é tudo o que importa. Não as preocupações,

medos, choros e tristezas que compartilhamos por essa razão. Mas sim, que cada um valeu totalmente a pena para ter quem amamos bem novamente.

— Acho que tem...

— Augusta Bernardes.

— Minha deixa, papai — falei, levantando a mão e ficando em pé. — Te ligo mais tarde com apenas notícias boas, certo?

— Essa é a Guta que eu conheço.

Sorri e desfiz a ligação, seguindo o homem da recepção e tentando dizer a mim mesma que nenhuma bomba cairia sobre mim naquele momento. Não.

Eu estava bem.

Eu tinha saúde.

Eu estava ali apenas por precaução.

— Grávida?

Minha voz saiu quase que engasgada, e a médica à minha frente rapidamente me estendeu um copo de água, talvez por notar que até minha boca secou do nada.

— Tem certeza de que esse é o meu exame?

— Sinto muito, senhora Esteves... — naquele momento, tamanho era meu choque, que sequer consegui corrigi-la. — Analisei todos os seus exames, e apontaram naturalidade, mas o HBCG... Bom, indica que está grávida de algumas semanas, ou seja, pouquíssimo tempo.

— Como que a gente engravida e sequer desconfia que engravidou? — perguntei para o nada, e notei o sorriso no rosto da médica.

— Isso é mais comum do que imagina.

Levei as mãos até minha barriga e não pude acreditar que existia um pedacinho meu e de Juan ali.

— Então, estou mesmo grávida?

— Sim, senhora Esteves...

Pensei em corrigi-la, mas o choque de ter aquilo confirmado novamente, me deixou estática.

— O que eu faço agora?

A pergunta foi para a médica e ela começou a me passar todas as respostas de acompanhamento do bebê e de toda gestação. Contudo, a minha pergunta não era especificamente sobre aquilo. Estava mais para um grito interno de: Eu vou ser mãe, mas... O QUÊ?

Eu estava grávida de Juan e choque foi a minha primeira reação.

“Eu encontro os artefatos, chorei por causa de um chapéu

Amaldiçoei o espaço que eu precisava

Eu procurei as evidências, tentando fazer tudo ter sentido

Por que a ferida ainda está sangrando?”[30]

GUTA

Jasmine tinha me ligado de volta, logo após eu lhe mandar uma mensagem pelo celular novo, falando para salvar o número.

Ela queria me ver, e meu coração ficou quentinho só de pensar que talvez aquela garotinha fosse uma respiração profunda que eu precisava.

E ela teria uma prima, em breve. Ou um primo.

Agora, uma parte de mim ainda em choque, enquanto caminhava pela fazenda de Franco, ouvindo Jasmine tagarelar sobre o quão legal era a sua titia Barbie, e eu estava mais do que feliz pelo fato de que ela conseguia interagir com mais pessoas e confiar nelas.

Muitas vezes, durante aqueles dois anos, consegui ver as semelhanças que existiam entre nós. Eu cresci sozinha e um pouco isolada de tudo. Segundo minha mãe, era para minha própria proteção. Já adulta, eu sabia que foi uma forma de querer me controlar. Já Jas, ela vivia assim justamente para que os próprios parentes não se aproveitassem do bom coração de seu pai.

Histórias parecidas, mas completamente diferentes.

E via a dela dando uma guinada, só pela maneira que sorria e contava animada sobre Carolina Reis – sua titia Barbie.

— Para você, titia.

Olhei de relance para ela, piscando algumas vezes, e notei-a estendendo-me um jasmim.

— Pode jogar malmequer e bem-me-quer com ela, eu deixo — brincou e eu sorri, enquanto ainda procurávamos por seu pai e sua titia Barbie pela fazenda.

Olhei com cuidado para a flor e sabia que já a tinha visto em grande quantidade, em outro lugar. Um dos motivos que me fez apaixonar de cara pela casa dos Esteves. Ao redor da imponência na casa, existiam muitas flores, e agora eu relacionava que muitas delas eram jasmins.

Seria uma coincidência?

Seria por que era a flor favorita de Pâmela?

Fechei os olhos, parando o passo e não querendo entrar naquele mérito, mesmo que não pudesse evitar. Era uma estrada sem qualquer luz no fundo, já que ninguém além do próprio Juan poderia deixar claro. E por que ele o faria?

E enquanto jogava malmequer, e Jasmine corria à frente procurando pelo pai, vi-me, puxando a pétala de acordo com a situação que me encontrava...

— Augusta que amava Juan... — bem-me-quer... — Que amava Pâmela? — não pude evitar fazer a pergunta, em vez de afirmar, porque aquela história era realmente um mistério – malmequer. — Que amava Franco... — acreditava naquilo, já que Pâmela deixou tudo por eles, mesmo que não fosse romântico, eu sabia pelo tempo que passei com Jas e ele, que o amor de Pâmela por ele estava em cada parte daquele lugar – bem-me-quer. — Que amava Carolina? — perguntei para o nada, já que agora era minha mente fanfiqueira funcionando – malmequer. — Que felizmente, o amava de volta... — tirei a última pétala, como boa fanfiqueira sobre o relacionamento de duas pessoas que sequer sabiam como eram juntas, mas ainda assim, torcia muito que fosse tão incrível quanto o que Jasmine descreveu, porque Franco merecia. — Bem-me-quer.

Neguei com a cabeça, guardando as pétalas e o cabinho da flor. Não tinha chance de ser um bem-me-quer em minha relação. Não mesmo.

— Péssima em ser bem-me-quer.

Foi quando me aproximei dos estábulos e por estar com meus óculos de grau, consegui vislumbrar perfeitamente duas pessoas se beijando dentro dele.

— Franco? — chamei, vendo-o congelar junto a mulher em seu colo. — Jasmine, eu... Eu acho que eles devem ter ido em direção ao lago. — Praticamente gritei, antes que ela se aproximasse, e felizmente, ela correu em direção oposta, que o lago ficava.

Adentrei os estábulos, orgulhosa da fanfiqueira nata que Jasmine era, já que tinha me falado sobre o pai e a tal Carolina, e era real. Tão real que eu os vi se atracando no meio dos estábulos

— O que... Eu fiz certo em despistá-la? Por que está escondendo... — indaguei meio confusa. — Ela? Oi, prazer, sou Augusta Este... quer dizer, Augusta Bernardes. — Corrigi-me rapidamente.

— Jasmine falou de você, ela te adora — abri um leve sorriso, porque não poderia esperar menos de alguém com o coração como o dela. — Eu ia te ligar hoje, para confirmar o convite pro aniversário da Jas.

— Ela me ligou hoje cedo — comentei, e sabia que não podia ficar enrolando sobre o porquê de estar ali. — Foi como se ela soubesse, Franco.

— O que foi, Guta? — por que a pergunta preocupada dele me atingiu tão certeiro — O que Juan fez?

— O que ele não fez, melhor dizendo. — Suspirei fundo, abraçando a mim mesma, e no caso, sentia abraçar o pedacinho dentro de mim. — Eu só preciso de um tempo longe dele...

Vi-o trocar um breve olhar com Carolina, que assim que saiu, foi como se eu pudesse não segurar mais ou parecia minha fanfic ali. A realidade que vi até ali, custou muito de mim, mesmo que tentasse negar.

Os braços de Franco estavam lá por mim e precisei ser honesta.

— Eu o deixei, Franco — admiti, e senti seu corpo tenso ao meu redor. — Eu cansei.

JUAN

— Estou mais do que feliz de te ver não vivendo para o trabalho... — Oscar começou, e logo senti as luzes solares tomarem conta de cada canto do quarto.

— Diacho!

— Mas não sei se prefiro o surtado por trabalho, ou o surtado pela bebida... Honestamente, irmão. Acha que Guta ia gostar de te ver assim?

— Ela não quer me ver assim, e nem de qualquer outra forma...

— Mas e se do nada ela resolver aparecer e te encontrar... — fez um sinal para meu corpo caído na cama, enrolado em lençóis, e uma garrafa caída no tapete do chão. — Ainda não entendi o que houve, mas sabemos que não é inesperado.

— O que quer dizer, irmão?

— Que uma hora ia empurrá-la o suficiente para longe, e ia se arrepender... — sua voz soou mais suave, enquanto se sentava na beira da cama. — Não precisava perder para dar valor a ela, irmão. Sempre esteve óbvio, pelo menos para Flávio e eu, que ela tinha algo especial. Você não a traria para essa casa, se não o fosse.

— Eu sei que fodi com tudo — admiti, ainda com os olhos fechados. — Mas há arrependimentos que a vida cobra com juros.

— Seja o que for, ela tem um bom coração.

— Que eu machuquei, Oscar. — Soltei o ar com força, colocando-me sentado desajeitadamente. — Eu quebrei o coração dela.

— Se sabia que ela realmente gosta de você, por que nunca tentou?

Eram tantos motivos que nublaram minha mente desde que nos conhecemos como noivos por contrato, que poderia passar horas listando-os.

— Porque... — suspirei fundo, sem conseguir admitir para ele. A questão era que nunca tinha admitido em voz alta para alguém aquilo, e sentia-me tão exposto, a ponto que não queria mostrar para aqueles que eu deveria ser quem cuidava, não ser cuidado. — Porque sim.

— Vai ter que fazer melhor que isso se a quiser de volta. — Eu sabia, mas não quis adentrar tal assunto. — Se quiser que ela te escute, nem que por alguns minutos.

— Minutos são o suficiente, eu acho. — Suspirei profundamente. — Mas não sei quando esses minutos virão.

— Não pode ficar mergulhado na bebida, no café, almoço e jantar... Isso não vai trazer Guta automaticamente de volta... — olhou-me profundamente. — Ela na verdade, ficaria puta de te ver assim, e jogaria todas as garrafas fora.

— Ela o faria, né?

— Sempre foi claro o brilho no olhar dela quando te vê, ou simplesmente te menciona... Só precisa não deixar de ver isso, e consertar as coisas, irmão.

Era tudo o que eu mais queria.

De alguma forma, consegui consertar o que tentei naquele tempo todo, não quebrar.

.

“Novos começos sagrados

Isso se tornou minha religião, escute”[31]

Cerca de dois meses depois...

GUTA

Eu pensei que ficaria extremamente sozinha. Ou quem sabe, me sentiria exatamente assim. Contudo, os planos da vida

eram realmente diferentes do que imaginava.

Nem mesmo quando achei que o estaria, eu já tinha um pedacinho novo dentro de mim. Como se um aviso, que mesmo que eu acreditasse que precisava da solidão, ela não seria minha companhia.

Tinha buscado alguma fuga de tudo aquilo ao ir até Franco e Jasmine, e não ficaria por tanto tempo, para não causar nenhum problema maior entre os irmãos. Eles já tinham um elefante branco na mesa há anos, e eu não queria adicionar mais nada àquilo.

Contudo, não eram mais apenas eles. Agora eles eram três, e eu podia ver o brilho da pequena família formada. Via claramente, como nos Natais que se passaram, e tínhamos fotos de Franco e Jasmine na frente da árvore de Natal, que eu sempre tirava, Carolina Reis.

Ela era evidentemente alguém que os dois amavam. Franco como sua esposa. Jasmine com sua mãe. No fundo, mesmo que não tivesse conhecido Pâmela o suficiente, poderia supor que ela estaria feliz, de onde quer que estivesse, se pudesse ver a forma como os dois ali brilhavam com mais um complemento.

E então, tinha Gael Fontes – cortesia da própria Carolina.

Como era a sensação de conhecer alguém aleatório, apresentado por uma recém-reconhecida, e se ver confessando sentimentos e todas as frustrações. Foi exatamente o que fiz, para o homem que jurava ter saído de um dorama. Ele era a personificação de um dos atores que sabia que Talita e Flávio adoravam, e mal via a hora de voltar a estar perto deles, de alguma forma, e contar.

— Eu sei que a irmã mais velha de Carolina pediu para cuidar de mim, mas...

— Vai me dizer que é uma mulher forte e não está desmoronando? — o homem rebateu, e fiquei um tanto chocada, parando meu passo no meio da rua. — Um jogador reconhece outro, Augusta.

— Só Guta. — Vi-me falando e ele assentiu, colocando as mãos nos bolsos das calças sociais. — Estou mais para um peão do tabuleiro.

— Então talvez por isso eu me veja um pouco em você... — admitiu, olhando-me profundamente. — Um peão reconhece o outro, mas não quer dizer que deixamos de estar no jogo.

— Um resumo do resumo... — abri os braços, levando a mão à barriga em seguida, como se procurasse certo conforto. — Minha família é uma mentira e me manipularam desde cedo, não falo com minha mãe há dois anos e ela era minha inspiração, me casei no meio tempo com o cara que me apaixonei sem saber que ele era meu noivo por contrato, e ele apenas me tratou assim, até que tivemos uma noite e ele me abandonou, e agora, descobri que estou grávida, e tecnicamente, estou me escondendo na casa do irmão com quem ele não conversa... E agora tô me abrindo para um desconhecido no meio da rua.

— Prefiro quando me chamam de garoto problema — comentou, dando um sorriso de lado e notei a leveza que ele transmitia, como se para me acalmar. — Ei, que tal... abraço? E depois um chocolate quente?

— Você saiu de um dorama mesmo, né?

Ele então riu de lado e vi-o abrir os braços, para os quais eu fui, e sequer sabia se confiava ou não, mas de repente, era mais abrir o coração para alguém que não conhecia e deixar-me ser abraçada, do que correr para os braços daquele que eu tanto queria conhecer, mas apenas me afastou.

E como se lendo meus pensamentos, o celular tocou e era o nome do Garoto Problema no visor. Celular aquele que era novo, e eu não me entendia porque agia como uma criminosa.

Contudo, uma família com os Toledo, poderia muito bem dar seu jeito e rastrear meu aparelho ou algo do tipo. Não seria uma novidade, já que me controlavam desde sempre, e com certeza, se Juan me procurou neles, eles já sabiam que de fato, eu não estava mais sob qualquer domínio.

Era estranho buscar a liberdade enquanto me escondia.

Nem eu entendia de fato porque me escondia de Juan. Talvez para evitar que eu caísse na mesma armadilha de antes, de aceitar tão pouco a ponto de acreditar que era o que merecia.

Eu merecia mais.

Assim como aquele pedacinho dentro de mim.

— Garoto problema — falei ao atender a ligação e sabia que Gael viria com alguma novidade. Ele não era de ligar à toa. — A que devo a honra da ligação?

— Sua voz está animada — comentou, e não poderia negar. Talvez o fato de que poderia descobrir qual o sexo do bebê

no dia seguinte, estivesse me deixando de tal maneira. — É um dia bom para vocês?

Ri sozinha, porque era engraçado ser tratada na segunda pessoa do plural.

— Estou ansiosa, na verdade — admiti. — Talvez eu consiga descobrir qual é o sexo do bebê amanhã, e estou quase pirando.

— E eu quero saber assim que descobrir, certo? — indagou e eu tive que rir dele. Ele poderia ter toda uma pose de intocável, mas parecia uma maria-mole se o conhecesse um pouco que fosse. Se ele se abrisse. — Preciso te perguntar uma coisa, na verdade.

— O que quiser.

— Podemos nos ver hoje, acho que seria melhor pessoalmente. — Estranhei a pergunta repentina, mas existia algum “mas” em sua voz que não me passou despercebido. — Estou há alguns quilômetros, mas chegaria no máximo perto do começo da noite.

— Claro que podemos, vai me ajudar a passar o tempo e a ansiedade — respondi animada, mas ainda desconfiada do que viria por ali.

Eu tinha me tornado uma ótima pessoa em confiar desconfiando. Era isso?

— Ainda na fazenda de Carolina, certo? — indagou e eu respondi que sim, logo ouvindo barulhos ao fundo e ele se despediu.

— Estranho... — falei para o nada, e sentei-me na poltrona, levando a mão à barriga que já aparecia um pouco. Era quase um nada de ondulação bem ali, mas um nada perceptível que valia por tudo.

Talvez valesse até mesmo por estar me escondendo daquela forma.

Respirei fundo, sabendo que por mais que adorasse estar ali, minha vida teria que voltar, da forma que eu gostaria. Meu tempo de férias mais um pedido de substituição por algumas semanas, logo chegariam ao fim, e sentia falta das crianças e adolescentes que ensinava.

E tocar ou ver Jasmine tocar, me fazia sentir ainda mais saudade daquilo.

Então vi-me saindo do quarto e descendo as escadas. O silêncio estava por toda casa, já que Carolina, Franco e Jasmine tinham um compromisso fora, que tomaria o dia todo e talvez até voltariam apenas no dia seguinte. Era um silêncio bom, mas ainda assim, tudo ficava melhor com música.

Fui até o piano que ficava na sala e me sentei, com a lembrança de Juan cravada em minha mente, de como o vi tão vulnerável naquela noite em que tudo simplesmente pareceu mudar de cabeça para baixo, até eu perceber, que paramos no mesmo lugar.

Queria apenas não pensar nele, não quando os meus planos consistiam em não o ter mais em minha vida. Não da forma como imaginei que seria. Ele era o pai do meu bebê, e nada mais.

Mesmo assim, ali estava eu, começando a tocar e pensando nele.

Sem poder mentir para a música que vinha gratuitamente para mim, sempre que parava para pensar sobre nós. Sobres os

dois anos ao seu lado. E de como eu realmente parecia presa em uma história que por mais que eu quisesse me apaixonar ainda mais, parecia buscar pelo fim daquele amor.

Um fim tão próximo e tão claro, que eu não sabia que não enxerguei. Até que estivesse esfregado em minha cara, e eu percebesse que tudo o que ele fez naquele tempo foi me tolerar.

“Eu sento e observo você lendo com a cabeça baixa

Eu acordo e observo você respirar com seus olhos fechados

Eu sento e observo você

Eu percebo tudo que você faz ou não faz

Você é tão mais velho e mais sábio e eu

Eu espero na porta como se eu fosse apenas uma criança

Uso minhas melhores cores para o seu retrato

Arrumo a mesa com as coisas chiques

E observo você tolerar isso

Se está tudo na minha cabeça, me diga agora

Me diga que entendi errado de alguma forma

Eu sei que meu amor deveria ser celebrado

Mas você o tolera...”

— Juan! — chamei-o animada, assim que ouvi o barulho da porta ao lado sendo aberta. — Flávio, Oscar e eu vamos...

— Eu tenho que viajar... — encarei-o incrédula e notei que apenas parecia pegar uma camisa e colocar na pequena mala, sem sequer desfazê-la. — Mas se divirtam...

— Queria que fosse com a gente, sabe? Viver é mais do que o trabalho.

— Não para alguém como eu, Augusta.

Senti o impacto de suas palavras e me calei, saindo em seguida.

As lembranças me acertando em cada palavra que eu cantava, e uma lágrima desceu, com toda mágoa que eu tinha acumulado e depois de tanto tempo, deixava sair. De forma que nem percebi o quanto doeu, até doer tanto que eu não pudesse evitar.

“Enquanto você estava construindo outros mundos, onde eu estava?

Onde está aquele homem que jogou cobertores sobre meu arame farpado?

Eu fiz de você meu templo, meu mural, meu céu

Agora estou implorando por notas de rodapé na história da sua vida

Desenhando corações na assinatura

Sempre ocupando espaço ou tempo demais...”

“— Como está, Augusta?

— Vou bem, querido marido — respondi, levando o café que sabia que Flávio sempre deixava pronto antes de sair. — Como foi uma das mais infinitas viagens que faz, e que parece ser para me evitar ou evitar a todos nós nessa casa?

— Não fale como se me conhecesse, Augusta.

— Não é como se eu não tentasse. — Rebati, e soltei a xícara sobre a mesa. — Um ano de casamento, celebrado como? Talvez um zoológico inteiro em cada canto da casa em que nos esbarramos a cada vinte dias? Ou comigo dormindo num quarto oposto ao seu, no fundo do corredor... Somos o quê, Juan? Uma piada?

Ele apenas permaneceu calado, enquanto eu desistia de tentar lutar. A cada dia, sentia parte de mim desistir, mesmo quando uma breve esperança reluzia.

— Não precisa responder, como sempre. — Suspirei fundo. — Somos um contrato.

Sorri sem vontade, parando com as mãos sobre as teclas, lembrando-me de como as vezes, aqueles dois anos pareciam

mais uma piada de mau gosto. Uma piada que eu não queria contar, porque talvez eu fosse a razão para ser tão engraçada.

Voltei então para as teclas e para a música, como se ela pudesse me salvar. No fundo e no final do dia, ela sempre o fazia.

“Você acha que estou bem, mas o que você faria se eu...

Me libertasse e nos deixasse em ruínas

Pegasse esta adaga em mim e a removesse

Ganhasse o peso de você e depois o perdesse

Acredite em mim, eu conseguiria

Se está tudo na minha cabeça, me diga agora

Me diga que entendi errado de alguma forma

Eu sei que meu amor deveria ser celebrado

Mas você o tolera

Eu sento e observo você...”

Finalizei a canção, e refleti pela milésima vez que a tocava, do quanto ela fazia sentido. Grande parte do que me restou naquele tempo foi sentar e observar, nos raros momentos que esteve por perto.

Então por que eu sentia tanta falta dele?

Como se sentisse falta de algo que nunca pode ser seu?

— É pedacinho... — sorri para o nada, limpando uma lágrima e suspirando. Uma das mãos já parada sobre a barriga, que era como se tentasse explicar para o bebê que a mãe só precisava desabafar um pouquinho e estava tudo bem. Que ficaria tudo bem. — Vamos torcer para que não seja tão cheio de perguntas como sua mãe, e não fuja de respostas como o seu pai...

“Pegue minha mão, meu coração e alma

E eu só terei olhos pra você

E você sabe, tudo muda mas

Vamos virar estranhos se nós dois continuarmos desse jeito

Você pode ficar entre essas paredes e sangrar

Ou só ficar comigo, oh, Senhor”[32]

JUAN

O álcool já maldizia minha boca.

Talvez ele não me suportasse mais.

Talvez eu sequer soubesse o que era estar bêbado, depois de tantos dias concentrado em apenas querer usar aquilo como uma fuga. A cada busca frustrada por Augusta.

Ela com certeza escreveria uma canção sobre eu ter perdido a conta de quantas bebidas tomei após ter quebrado seu coração, mesmo que não desejasse.

— Não, ela não escreveria... — falei comigo mesmo, finalmente me encaminhando até o carro, no qual ninguém ainda tinha se sentado.

Eu sempre amava dirigir, mas no estado em que vivia ultimamente, temia ficar à frente de qualquer volante. Até porque eu desejava dirigir até ela, mas nunca sabia de fato onde Augusta estava, por mais que tentasse.

— Pelo menos vamos de drama de Talita e não do seu... — Oscar brincou, estando no lugar do motorista, e o encarei friamente. — Irmão, vamos encontrá-la.

— Não vamos falar sobre isso...

Logo após mais uma briga e declaração de amores entre meu caçula e a melhor amiga, que apareceu de repente, depois de se casar, e o noivo apareceu na fazenda para vê-la, e toda aquela história parecia algum delírio bêbado meu, finalmente o carro já estava em movimento.

Encostei-me contra a janela e fiquei ali, tentando admirar alguma coisa.

No fundo eu entendia que eu não encontraria Augusta, até que ela mesma quisesse que o fizesse. Após tantas tentativas frustradas, eu sabia que estava forçando-me a estar perto. Forçando-me para que ela quisesse me escutar. E me restava, ficar em casa, beber e pensar em como buscá-la nos mesmos lugares, e torcer para que em algum deles, ela estivesse, e desejasse me ver.

Eu não a forçaria.

Jamais o faria.

E estava dando seu tempo. Mesmo que aquele tempo longe estivesse me matando.

Foi assim que ela se sentiu? A cada vez que eu negava abertamente ou não sobre o que nosso casamento se tratava, ela

sentia que um pedaço de si se desfazia? Como se pudesse ficar por horas e horas apenas relembrando os pequenos momentos de nós e querendo cultivá-los, para depois encontrar o silêncio de uma casa e nunca um lar?

Foi assim?

Foi assim que a fiz sentir naqueles dois anos?

Segurei com força o colar em meu pescoço, uma das memórias vivas de nós, e de que eu não estava criando algo que não existia. Uma lembrança de que eu jamais a esqueceria, mesmo que ela não fosse Augusta Toledo. Ela sempre seria a minha menina.

A menina que eu acabei empurrando para longe, a ponto de me abandonar. A ponto de fazê-la escolher me abandonar.

Apertei o pequeno pingente no colar, que estava comigo desde aquela primeira noite, e agora, eu não sentia mais que deveria escondê-lo. Talvez o certo fosse nunca o ter feito. Vi-me relaxando sobre o estofado e permitindo que meus olhos se fechassem, sem ter ideia para onde estava seguindo com meus irmãos e Talita.

A realidade era que eu não conseguia dormir direito, não até o álcool me derrubar, contudo, eu conseguia sonhar acordado – e sonhava conosco.

— Eu posso dizer que amei te conhecer ou vai parecer que quero te ver de novo?

Olhei-a novamente surpreso com tamanha sinceridade. Nada parecia sair dela se não fosse de tal forma, e tudo de mim gritava para não permitir que aquela mulher à minha frente, fosse embora.

— Ok... — falou, levantando-se e batendo a mão na minha mesa. — Eu espero te ver de novo... — ela riu baixinho, enquanto eu não sabia como reagir a cada parte de mim que estava tão admirada para com uma estranha.

Nunca ninguém me fez sentir assim, e nem imaginei que faria.

— Eu acho que você também espera isso, portanto...

Ela então levou as mãos até os cabelos e os jogou para trás, piscando um olho e se virando para ir. Vi-me levantando-me no minuto seguinte e parando o passo, reconsiderando se devia ou não a seguir. Contudo, quando baixei o olhar e vi algo

brilhando contra o chão escuro, agachei-me e agarrei o colar com um pequeno pingente de nota musical.

Sabia que era dela, porque tinha reparado em cada detalhe da mulher ao meu lado, que eu tentei ignorar, mas queria decifrar por completo. Peguei-o e senti-o como uma resposta, quando o trouxe para o meu bolso e o guardei.

Talvez fosse a desculpa que eu precisava para estar novamente naquele bar de karaokê assim que pudesse.

— Ta...

Vi-me então abrindo os olhos e logo notei que conhecia muito bem aquela estrada e aquele lugar. Na realidade, cada pedacinho dali, já que eram anos e mais anos parado a certa distância, olhando meu irmão e sobrinha crescerem.

Sabia que Talita estava seguindo a localização do próprio carro, que emprestou para o atual marido, que na hipótese de Flávio, poderia estar traindo-a. Mas por que diabos a localização dele era na Fazenda do meu irmão?

Respirei fundo, tentando me manter alheio ao que fosse, já que estivera ali por dias e mais dias anteriores, acreditando que Guta apareceria. Talvez, magicamente?

E como se eu tivesse bebido demais, eu vi um vislumbre de um corpo que eu jamais esqueceria. Um corpo que estava agora sobre o de outro homem, que eu tinha conhecido mais cedo naquele mesmo dia – o marido de Talita. Mas não era ele que me importava, era a mulher em seus braços.

Augusta estava ali.

Ela sempre esteve ali?

Eu sequer conseguia pensar, quando finalmente eles se afastaram e a reconheci por completo.

— Diacho!

Foi tudo o que ouvi, antes de sequer pensar e meu punho encontrar o rosto do tal Gael Fontes. Por que diabos ele estava com os braços sobre ela? Por que ele estava ali, com ela?

Eles tinham algo?

Aquilo significava alguma coisa?

Eu sequer conseguia raciocinar, e também não queria parar.

E o fiz só quando senti quase todo meu ar se esvair, e sabia que alguém estava me parando de fato. Caí quase inconsciente, mas puxei o ar com força, e o grito de Augusta me fez quase paralisar.

Era ela ali.

Ela estava mesmo ali.

— Que merda pensa que está fazendo? — e eu poderia dizer que preferia ouvi-la gritando comigo naquele momento do que não ouvir nada?

Porém, parte de mim se quebrou mais um pouco ao vê-la se ajoelhar ao lado de Gael, tocando seu rosto e pedindo desculpas, como se ela realmente se importasse com ele. E talvez, eu estivesse mais do que atrasado. E um soco ou dois na cara daquele homem não mudariam isso.

— Com que direito aparece e soca a cara de um amigo meu? — Augusta explodiu, assim que me levantei e senti suas mãos sobre meu peito. Eu só queria poder gritar o quanto sentia muito. Por tudo aquilo. Por estar ali daquela forma. Por foder com tudo que poderia existir. — Com que merda de direito você tem de

aparecer na minha frente? — eu sabia que ela estava perto de desmoronar.

Por mais que ela achasse que não e eu não demonstrasse, a conhecia. Ela estava por um fio e não era o momento para deixar nada de mim sair, e fazê-la perder a cabeça de vez.

Eu tinha feito o suficiente.

— Sou seu marido, Augusta — foi tudo o que me veio em mente, e eu realmente acreditava naquilo.

Ela acreditava?

Ela ainda acreditava naquela possibilidade?

Mas em seus olhos não existiam certezas, apenas dor...

— Não passa de uma mentira, um casamento de mentira — falou, negando com a cabeça e senti o peso de cada palavra. — Foi o que sempre fomos, mesmo que eu te amasse. Mesmo eu tendo te amado com tudo de mim. Não tem o direito de nada, a não ser o divórcio.

E eu esperava o pior daquele reencontro, e ele acontecia, bem ali.

— Augusta, por favor, vamos... — eu tentei, mas vi-a levantando a mão, e não querendo minhas palavras.

Ela não as queria mais.

— E tem mais, nem pense em julgar ou brigar com Franco por ter me recebido aqui e me ajudado. — Apontou o dedo para o meu peito e me indaguei se eu era realmente o monstro pintado por todos para com ele. Ela acreditava que eu julgaria Franco por isso? Em seus olhos eu só via confusão e dor, e não sabia o que fazer e nem o que falar. O que se diz para alguém que quebrou o próprio coração para não ousar quebrar o dela, e o tinha feito de toda forma?

— Se fizer isso, eu juro que nunca vai ver o seu filho.

Paralisei por completo.

— Filho!

Minha voz se perdeu e sequer consegui acompanhar o que acontecia. Apenas vi o tal Gael se aproximar dela e falar algo, mas nada era claro para mim. Nada mais.

Só despertei quando senti o aperto de Oscar em meu ombro.

— Irmão...

— Não vou chamá-los para entrar, porque a casa é de Franco e ele saiu com Jasmine e Carolina — Augusta falou, afastando-se, como se o que dissera não significasse nada. — E eu não vou falar com você, Juan. — Olhou-me profundamente e era como um reflexo da dor que eu nem sabia ser capaz de causar, mas o fiz. — Outro dia, não hoje.

Não hoje.

Não agora.

Mas outro dia...

Eu aceitaria qualquer coisa.

Dei passos para trás, respeitando sua escolha, enquanto meu olhar ia para sua barriga e via a leve ondulação ali.

Caminhei o suficiente apenas para ter um vislumbre de meus irmãos indo até ela e a abraçando, e senti uma lágrima descer por meu rosto.

Eu seria pai?

“E talvez seja o passado que está falando

Gritando de uma cripta

Me dizendo para te punir por coisas que você nunca fez

Então eu me justifiquei”[33]

JUAN

Eu esperava o outro dia.

E outro dia parecia nunca chegar.

Respirei fundo, encarando o nada e tentando acreditar em tudo.

Parei novamente com a caminhonete na distância não suspeita e que me permitiria vê-la sair de casa, caso o fizesse. Agora entendia por que não a encontrava de fato na fazenda de meu irmão. Ela não saía, basicamente. A não ser que fosse diretamente no carro com eles.

Naquele dia, tinha algo diferente, pela forma como ela apenas andou pela estrada de terra, e fiquei perplexo dentro da minha 4x4, sem entender que destino ela tomaria.

Pelo menos agora, eu tinha uma visão sobre ela. Era algo que acalmava meu peito, mesmo que suas palavras ainda repassassem a cada segundo por minha mente.

Então veio o silêncio novamente e a indiferença. Augusta não tentou me contatar e tudo o que eu sabia de fato sobre ela, era que estava na casa do meu irmão e ajudando na festa de aniversário de Jasmine.

Vi-a seguir pelo caminho, até um carro finalmente parar ao seu lado, e ela sorriu em direção a quem quer que fosse que tivesse ali dentro. Ela sempre pareceu ter seu brilho próprio, e eu

a via o espalhando por onde fosse, sem medo algum. No fundo, eu estava muito orgulhoso dela, ao mesmo tempo que temia que a qualquer momento ela olhasse para alguém e encontrasse o que gostaria que eu possuísse.

Talvez ela já até o tivesse feito, e a culpa seria completamente minha.

— Titio!

O grito alto me fez piscar algumas vezes, após ver Augusta adentrar o carro já longe, e partir. Olhei para a porta do passageiro do meu, e conseguia enxergar apenas o topo de uma cabelereira ruiva.

Mas como?

Abri a porta, sem saber muito o que fazer, e Jasmine sequer esperou que lhe desse alguma dica, ela pulou pra dentro do veículo e me encarou.

— Sabia que era o senhor. — Olhei-a confuso. — Eu sempre achei que tinha uma caminhonete de longe, observando a gente em alguns dias. Achei que eram os Toledo, até que se tornou ainda mais presente, mesmo depois de titia Barbie colocar Vicente para correr... Então eu só pude pensar que na verdade, a

sombra de alguém que sempre nos observou e estava perto, era o senhor.

Pisquei algumas vezes, completamente incrédulo.

— Papai diz que às vezes eu observo demais, até crio coisa onde não tem — comentou simplesmente. — Mas fica tranquilo que não contei para ninguém sobre isso. Ninguém sabe mesmo.

— Por que guardou esse segredo? — tive que perguntar, diante da já praticamente adolescente diante de mim, mas que tinha uma leveza que não a abandonava.

— Porque o senhor sempre foi muito sério e quieto, e papai falou que era reservado demais por isso não vinha para as minhas festas e outras coisas... — vi-a apertar a mão na hora e doeu-me ver que mesmo não sendo a verdade, ela parecia compreender e aceitar. — Mas eu vou fazer quinze anos, titio.

Aquele titio sempre me deixava boquiaberto, pelo tanto que eu amava ser chamado assim. No caso, gostaria de sempre estar próximo a ela e nunca ter que me privar dela.

— Um aniversário grande, certo?

— Sim! — respondeu animada. — Eu queria muito que viesse... o senhor, o titio Flávio e o titio Oscar.

— Não precisa me chamar de senhor, Jasmine — falei, tentando dar-lhe um máximo de um sorriso que eu tinha. — E eu vou esperar o convite oficial para saber a data, local, horário...

Os olhos dela brilharam, e meu coração se aqueceu. Naquele pequeno instante, só me importava em realizar algum desejo dela. Diferente do que não fiz durante todo aquele tempo. Eu tinha me privado porque me culpava, mas ela não tinha que ter nada privado de si por minha culpa.

— Jura mesmo?

— Juro, pequena — falei, e ela soltou um gritinho, indicando-me o dedinho. — Juramento do dedinho ainda existe?

— Ele é sagrado — ela explicou e insistiu, e acabei indo com meu dedinho até o seu e os entrelaçando. — Obrigada, titio.

— Obrigado você, pequena — falei, assim que nossos dedos se separaram.

Ela não compreendia totalmente o meu agradecimento, mas se um dia pudesse lhe explicar, eu o faria. Agradecia por ela não me detestar, apesar de tudo.

— Vou correr para casa, antes que notem que eu sumi e isso te exponha...

— Ok, pequena. — Ela riu baixinho, dando um leve aceno com a mão, antes de praticamente pular da caminhonete.

Via-a voltar para a fazenda agindo como se estivesse num filme de ação e precisasse se esconder a cada passo, e sorri sozinho da cena, de dentro do carro.

Assim que ela saiu da minha visão, a realidade me atingiu de que eu tinha concordado em estar na fazenda do meu irmão e ir à festa de aniversário de minha sobrinha, depois de perder anos e mais anos deles, acreditando que fosse o melhor. Melhor para quem? Para o inferno pessoal que eu vivia?

E agora eu me tocava de que não só eles estariam lá, mas também, Augusta. A mulher que eu queria de volta. A mulher que eu queria que me quisesse. A mulher que carregava meu filho.

GUTA

Seria uma mentira tamanha dizer que eu não estava abalada após vê-lo. Depois de enxergar uma dor tão clara e profunda em seu olhar, o desespero em cada canto de seu corpo, que me fazia duvidar da minha própria sanidade. Respirei fundo, após sair de mais uma consulta com a minha obstetra. Famosa na cidade por ser a causadora de ciúmes de um dos casais mais adorados dali – Inácio Torres e Mabi Gonçalo.

A cada dia naquela cidadezinha, não tão diferente da qual nós vivíamos, mostrava-me que eu nunca de fato gostei de morar em cidades grandes com capitais. Eu gostava daquela sensação de pertencer, que tanto aqui, quanto na que foi minha casa por dois anos, me traziam.

Passei a mão por minha barriga e sabia que fiz a escolha certa – a de esperar. Queria dizer que não me importava e que aquilo não me atingiria, mas após confessar a Juan que teríamos um filho, acreditava que ele precisava fazer parte também. E sabia que ele o faria.

Um homem que criou os três irmãos, era um pai nato no modo de tratá-los, mesmo que nenhum deles percebesse. Acreditava que todos seus irmãos o faziam e o viam como um pai

e mãe, mas Juan parecia tão concentrado em protegê-los, que sequer notou.

Ele merecia a chance de estar em cada etapa da vida do nosso filho. Mesmo que isso me custasse um pouco da sanidade a cada vez que o revesse. No fundo, eu teria que me acostumar. Talvez assim, eu pudesse superar aquele sentimento e em algum dia ia acordar e perceber que ele se foi. Simples assim.

Que Juan era apenas o pai do meu filho.

E eu era apenas a mãe de um filho seu.

Portanto, eu não sabia ainda qual era o sexo do bebê em minha barriga, e a ansiedade gritava porque eu era uma imediatista, mas sabia que foi minha melhor escolha. Caminhei pela cidade e vi-me parando à frente de uma grande vitrine da loja de instrumentos.

Tocar piano e violão, quando a casa estava em silêncio, não era o mesmo que eu amava fazer.

Precisava voltar para minhas crianças e compartilhar aquele mundo com elas. Um mundo que apenas quem sente lá no fundo o quão grandioso é, nunca consegue desejar outro.

Peguei meu celular para ligar para a escola, e ele vibrou em minha mão.

— Oi, papai.

— Oi, querida, bom dia — falou, e ouvi-o bocejar ao fundo. — Desculpe ligar tão cedo, é que...

— O que foi?

— Sua mãe está com saudades — anunciou, pisando em ovos comigo, mesmo depois de tanto tempo. — Já faz bastante tempo, querida.

— Eu sinto falta de vocês também, sabe disso — comentei. — Mas ela quer que eu volte para a casa de Juan, não é? Por isso a tentativa de apelar para esse lado novamente?

O silêncio do outro lado da linha era a resposta clara. Infelizmente, algumas coisas não mudavam. Fui entendendo aos poucos a forma como minha mãe me manipulava, até que ela não pudesse mais fazê-lo. Era um jogo que eu finalmente entendia as regras. Ela apelava para o meu lado emocional, não porque sentia algo sobre, mas porque desejava algo a respeito.

— Tenho que contar uma novidade para vocês — falei, levando a mão livre até a barriga e suspirando fundo. — Acredito

que alguns Toledo virão para o aniversário de Jasmine, já que não cansam de correr atrás do que não lhes pertence, então... Preferível contar por telefone a descobrirem por eles.

— O que houve, querida? Está tudo bem? Sua saúde está bem? — ele indagou e era clara sua preocupação.

Pelo menos, do seu jeito, ele tentava. Minha mãe já deveria ter se afastado daquela conversa, no momento que cortei sua tentativa de me manipular. Era estranho vê-la se tornar uma estranha porque agora a conhecia bem demais.

— Estou grávida.

Silêncio foi a primeira reação e poderia vê-lo em choque do outro lado da linha.

— Tudo bem aí, papai?

— Eu nem sei o que dizer, querida. — Pareceu suspirar fundo. — Você está feliz com a gravidez?

Sorri para o nada.

Alguém me perguntando sobre como eu me sentia, não como qualquer outra pessoa o fazia. Era sobre mim.

— Estou, muito — admiti. — Não estou mais com Juan, como sabe. Mas vamos ser bons pais, espero.

— Acho que o que posso dizer, é que a vida te ensina muito mais do que espera sobre ter um filho. De repente, a chavinha apenas vira e uma parte sua se transforma para dar apenas o seu melhor.

— Mesmo que o melhor da gente não seja o bastante? — perguntei insegura.

— Nunca sabemos se estamos fazendo o certo ou errado pelos nossos filhos, querida. Mas tudo o que podemos fazer é nunca parar de tentar estar lá por eles.

— Obrigada por isso, papai.

— Isso foi algo que sua mãe disse, quando você virou adolescente... — respirei fundo, tentando processar aquilo. — Parabéns, querida!

— Obrigada.

— Quando puder e se desejar, venha nos ver — convidou, como sempre o fazia, e eu postergava. — Será bom ter nossa filha, nem que por algumas horas, conosco novamente.

— Eu vou tentar, prometo.

Ele desfez a ligação e guardei o aparelho no bolso, ainda imersa em tudo aquilo.

Eu tinha muitas verdades não mais adiáveis para encarar. E colocaria uma data para mim mesma, para fazê-lo.

Após o aniversário de Jasmine, eu iria até a escola, depois até meus pais e depois até Juan. Um por vez, para colocar minha cabeça em ordem e não passar qualquer carroça à frente dos bois.

Tinha aprendido naquele momento, que o tempo não curava todas as feridas, mas nos ajudava a compreendê-las. Ao menos, era o que pensava.

PARTE III

“Eu encontro os artefatos, chorei por causa de um chapéu

Amaldiçoei o espaço que eu precisava

Eu procurei as evidências, tentando fazer tudo ter sentido

Por que a ferida ainda está sangrando?”

Hits Different – Taylor Swift

“Olhou para mim com honra e verdade

Quebrado e triste, então eu mandei as tropas recuarem

Aquela foi a noite em que quase te perdi

Eu realmente pensei que havia te perdido”[34]

Dias depois...

GUTA

Silêncio, após uma noite de festa.

Eu sabia que Juan ia aparecer naquele aniversário tão importante para Jasmine, mas ainda assim, não imaginei que ele me procuraria. Não depois da tragédia clara que nos tornamos após nosso reencontro terrível. Resultando em um olho roxo de um amigo e marido de uma amiga.

E por mais que aquele fosse um dos meus planejados, ir atrás dela após aquela festa de aniversário, senti que estava sendo demais. Principalmente pela forma que meu corpo e coração se prostravam perto dele.

Ele tinha que ficar por último na minha lista, como bem pensado. Mas ali estávamos nós, frente a frente. E ali estava ele, à minha frente, em um quarto da casa do seu irmão.

O jeito que a terra plana capotava era extremamente assustador.

— Você me abandonou, não? — a pergunta dele era tão baixa, que não sabia se estava fazendo-o de fato ou era retórica.

— Não se pode abandonar o que nunca se teve, Juan.

Notei a forma como cada palavra o atingiu.

— Precisamos conversar, Augusta.

— Não...

— Augusta...

— Não vai aparecer depois de dois anos querendo conversar, sendo que nunca respondeu uma pergunta minha. — Rebati e o encarei friamente. — E se quiser perguntar se eu iria contar sobre a gravidez, eu já resumo: sim, quando me sentisse pronta. E não, eu não estava pronta ainda. Não queria olhar para sua cara e me sentir patética pela milésima vez, porque não sei simplesmente resistir ao fato de que gosto de você. Ou me apaixonei por você. Ou te amo, se é que quiser contar com isso. Estou cansada! — admiti por fim. — Estou cansada das minhas escolhas serem tiradas de mim, e isso foi desde muito cedo. E não vou deixar, ninguém mais o fazer...

— Eu...

— Se quiser ser o pai dessa criança, ótimo — falei, e abri os braços como se fosse simples assim. E talvez fosse. — É ótimo com seus irmãos, os criou incrivelmente bem, e tenho certeza de que será um ótimo pai...

— Não há nada de ótimo em mim, Augusta. — Paralisei diante de suas palavras, porque soaram tão sinceras e cortantes, que quase me tiraram do foco. — Eu sabia que não me queria por

perto, quando deixou o bilhete naquele guardanapo, mas... Mas eu não posso te deixar ir sem tentar.

— Tentar pelo quê? — perguntei para o nada, e talvez o nada me respondesse, diferente do que ele sempre fez. — Por uma desconhecida do bar, um casamento por contrato, a mãe do seu filho...

— Por você — falou, dando um passo à frente, e pela primeira vez, vi-me de relance, afastando-me dele, mesmo que meu corpo todo quisesse reagir ao contrário. Eu precisava pensar, e pensar longe dele. Perto de Juan, tudo ficava ainda mais confuso e cego.

— Veio me procurar por que quer tentar pela menina que te abandonou após tê-la abandonado? — ri sem vontade alguma e vi-o abrir a boca para responder, mas me adiantei. — Não quero mais suas respostas, Juan. —Respirei fundo. — Esperei tanto tempo por cada uma delas, e não as tive. Agora, não é o tempo de tê-las.

— Eu nunca te abandonei — falou, assim que me virei de costas e tentei me concentrar em qualquer coisa que não fosse o olhar tão quebrado e exposto dele, que quase me quebrava junto.

Eu não podia.

Eu não devia.

Eu não queria.

Era aquilo. Eu podia mais. Eu devia mais. Eu queria mais. Por mim mesma. Não migalhas que alguém simplesmente resolveu me reservar.

— Eu não vou te abandonar. — Insistiu e podia sentir seus passos se aproximando, mas abracei a mim mesma, com se me segurando para não deixar que nada daquilo me afetasse. — Eu sinto muito, Augusta.

Pelo quê?

Era a pergunta que ficou engasgada em minha garganta.

Por não se abrir?

Por não me deixar conhecê-lo?

Por fazer-me sentir um peão no seu jogo?

Por querer tentar justamente quando o deixei?

Olhei sobre o ombro, e vi o exato momento em que sua mão caiu ao lado do próprio corpo, como se desistindo de me tocar, sabendo que eu não o permitiria.

— Como te disse, não se pode abandonar o que nunca se teve. — Engoli em seco. — E você me teve tantas vezes, sem nem saber, porque nunca quis me ouvir que... — respirei fundo. — Não sei como ficar perto de você depois *disso*.

— Eu vou esperar.

Pelo quê?

Novamente aquela pergunta me atormentou.

— É em vão, Juan — falei simplesmente, sabendo que era a segunda vez que escolhia proteger a mim mesma e deixar o meu lado sentimental me dominar, levando-me a ser manipulada novamente. — O melhor para nós dois, é simplesmente fazer esse divórcio acontecer, como já previsto. — Soltei o ar com força. — Dois anos e meio, foi o combinado no nosso contrato.

— Augusta...

— E foi um contrato, não foi? — ri novamente sem vontade, e me virei para ele, que daquela vez, ficou sem palavras. — Foi o que me disse várias vezes, e sabemos que contratos têm um prazo. Ou podem ser quebrados.

— Por favor, eu...

— Franco e Jasmine estão bem agora. — Respirei fundo, adiantando-me. — Não há o que qualquer Toledo possa fazer para tentar desviar do real sentido do testamento que Pâmela deixou, já que Franco está em um relacionamento sério e os Reis são uma família poderosa. E digo isso no bom sentido, de proteger os seus. Eles estão protegendo Franco e Jasmine, e não precisam mais que estejamos juntos para afastar Vicente ou qualquer um.

— Isso sequer funcionou... — falou como se precisasse colocar para fora. — Descobri na última viagem que Vicente tem atormentado Franco mesmo com o nosso contrato de casamento e...

— Por isso estava sensível naquela noite? — não pude evitar a pergunta e quis me chutar mentalmente.

— Se casou por mim?

A pergunta soou no fundo da porta, e paralisei, não sabendo se agradecia a intromissão por me livrar de uma discussão eterna comigo mesma e Juan, ou surtava porque era Franco ali, completamente congelado no lugar, e seu semblante incrédulo.

— Há coisas que ainda têm conserto, Juan — aconselhei, mesmo que ele não tivesse pedido ou alguém naquele ambiente precisasse. — E digo isso, para os dois.

— Juan...

Dei um leve acenar de cabeça para o homem que se concentrou por um segundo em minha barriga e parecia não conseguir olhar para o irmão mais novo, e vi-me caminhando em direção à porta em que Franco estava ainda parado, sem ter entrado.

— Só tente — pedi para ele, e toquei seu ombro, passando pelo mesmo, e saindo dali.

Era um momento em que ninguém mais poderia estar, a não ser os dois. E de repente, tudo colidia para que ao menos, alguma coisa em toda aquela confusão eterna que nos enfiamos de casamento, se resolvesse.

Torcia para que ao menos existisse uma real conversa entre os dois, e que de alguma forma, o passado não os assombrasse mais. Franco merecia mais. Jasmine também. Juan merecia mais, mesmo que meu coração lutasse a dizer pra mim mesma que ele não me merecia.

Quem era eu para alegar tal coisa?

Caminhei até a sala e dei de cara com Oscar e Flávio em pé, conversando animadamente com Jasmine, que parecia encantada com os tios.

— Eles vão conversar, eu acho — falei, e me sentei no canto do outro sofá vazio, respirando fundo. Vi o olhar preocupado de Carolina, que voltava da cozinha com um copo de água, e pareceu procurar respostas pelo corredor. Ela estava preocupada com o homem que amava, e queria dizer que não me sentia da mesma forma. Contudo, seria mentira.

Nem mesmo com o coração quebrado, ele parava de pulsar por ele.

— E vocês? — Oscar indagou, parando à minha frente, e agachando-se dando um leve sorriso ao encarar minha barriga. — Sabe que quebrou meu coração ao ficar longe todo esse tempo, não é?

— Quebrou o meu também — admiti e sorri tristemente para ele.

Sentia tanta falta de estar assim. Com ele. Com Flávio. E agora tinha Jasmine ali, e Carolina, que se tornava uma amiga.

Era como um combo completo e perfeito de pessoas ao redor, que se importavam. Contudo, ainda faltava algo. E eu sabia o que era. Mesmo querendo negar.

“Nós tomamos diferentes rumos e viajamos por diferentes estradas

Eu sei que sempre vamos acabar na mesma quando estivermos velhos

E quando você estiver nas trincheiras

E estiver sob o fogo, eu te darei cobertura”[35]

JUAN

— O que fez?

Suspirei fundo, diante da pergunta direta de Franco, mas eu não tinha como lhe dar uma breve resposta.

— Por que Augusta está dizendo que se casaram por causa de Jasmine e eu? Por quê?

— Porque é a verdade, Franco.

Notei o choque em seus olhos, não pela resposta, mas como se não esperasse resposta alguma. Naqueles momentos, eu me recordava do quanto Augusta odiava aquele lado meu, de nunca de fato responder.

— Os Toledo se tornaram um inferno na sua vida por minha causa, e esperei o momento que pudesse agir de forma que eles parassem. — Ele abriu a boca para me interromper, mas pedi com um aceno, que me permitisse continuar. — E quando me sugeriram de ficar à frente da nova fazenda que eles têm, e que gostariam que prosperasse tanto quanto a que pertence a você e Jasmine, eu não pude negar.

— Claro que podia. — Cortou-me. — Você não tinha que se sujeitar a isso, Juan. Nem mesmo por qualquer dinheiro que fosse lucrar junto.

— Era um acordo de que você não seria mais ameaçado ou perseguido, principalmente por Vicente. — Respirei fundo e notei o choque em seus olhos. — Nunca foi sobre dinheiro, irmão. — Seu olhar parou no meu. — Só que descobri, há algumas semanas, pouco antes de Augusta me deixar... — engoli o amargo de tais palavras. — Que Vicente nunca parou e na realidade, piorou nos últimos tempos.

— Ele então te enganou, e pelo jeito Guta também, porque sei que ela entrou no casamento pelo pedido da mãe sobre honrar algo para Pâmela e proteger Jasmine, mas ainda assim... — Ele levou a mão ao rosto, tirando o chapéu preto de sua cabeça, o mesmo que eu lhe dei quando ainda era bem novo e do qual ele nunca se livrou.

Parecia ser o seu favorito, e algo dentro de mim sempre se emocionava ao vê-lo o usando. Mesmo que não fôssemos mais próximos e nada parecido.

— O que mais sacrificou por mim? — indagou de repente, e engoli em seco. — Juan, eu sei que tem mais.

— O que quer dizer com isso? — fiquei em alerta.

— A história com Pâmela, por favor.

Ele quase me implorou por aquilo e vi-me encarando o chão, e retirando meu chapéu da cabeça.

— Eu só queria ajudar e fodi com tudo, Franco.

— Eu roubei a mulher que você amava. — Rebateu, sua voz quase quebrando.

— E acreditou que eu ia roubar sua filha também? — indaguei, e seu olhar mudou para ainda mais culpa. — Eu sei das histórias que rodam por aí, e principalmente, o que Vicente deve ter dito. Eu nunca iria assumir um papel que era seu, mas eu não permitiria também que assumisse um casamento e uma paternidade aos dezenove anos, completamente sozinho. Eu sempre estive aqui, para te proteger. Essa é a minha função. E eu troquei os pés pelas mãos, no desespero de conseguir que os Toledo não interferissem na sua vida, deixei-os fazer na minha, e acordei tudo. Mas Pâmela conhecia bem a família que tinha e foi mais rápida.

— Você a amava?

— Mais um dos boatos que correm por aí... — neguei com a cabeça. — Pâmela era uma conhecida distante, que eu via em bares e nada mais. As pessoas tinham mania de inventar sobre

uma moça rica de quem eu gostava... — respirei fundo, sabendo que não era a pior das invenções que fizeram. — Dizem que uma mentira contada mil vezes, se torna uma verdade.

— Por que não me disse antes? Por que agiu novamente para me proteger e não contou? Por que não deixou que Jasmine ficasse próxima?

— Porque eu não sabia exatamente o que estava fazendo, na época — admiti. — Porque eu estou tentando acertar e proteger vocês há tempos, e mesmo assim, em algum momento, eu acabo fodendo com tudo.

— Você nos criou da melhor maneira, irmão.

Ouvi-lo me chamar assim me atingia por inteiro.

— A ponto de que estamos distantes por anos? — rebati, e neguei com a cabeça. — Eu errei muito nesse meio tempo, Franco. E nunca soube exatamente como consertar, então o casamento com Augusta foi algo que pensei que poderia, ao menos, resolver parte dos problemas que tem que carregar...

— Eu tenho tanta culpa quanto — admitiu, pegando-me de surpresa. — Você não tentou, mas eu muito menos o fiz.

— Você tinha acabado de ter uma filha, perdido a sua esposa... Como poderia pensar em resolver algo com seu irmão?

— Pelo menos poderia ter permitido que entrasse e não o deixado para fora na chuva, quando apareceu, naquela vez...

Olhei para o chão, relembrando-me daquilo.

No segundo em que soube que Pâmela tinha falecido e Jasmine já estava em casa com Franco, eu fui até ele. Queria pedir pelo que fosse, que ele aceitasse ajuda nossa, para podermos protegê-lo e ajudar, no que fosse preciso. Mas ele negou.

— Uma porta na sua cara, sem deixar falar nada... — notei-o respirar fundo.

— Agiu dessa forma porque achou que eu era um risco para Jasmine, já que aceitou antes que queria assumir o seu lugar... Um animal machucado apenas revida, irmão.

— Por que sempre tem explicações e justificativas para os nossos erros, e nisso incluo Oscar e Flávio, desde sempre, mas nunca as usa para você?

— Porque não consigo encontrá-las, não para mim — admiti, e o encarei. — Eu só queria criá-los bem, e tentei o meu

melhor. Mas às vezes, apenas não é o suficiente. E estou tentando encontrar minha paz com isso, sem ter que envolvê-los em desculpas e mais desculpas que poderia contar a mim mesmo.

— Você nos fez quem somos, Juan. — Olhei-o de imediato. — Se tivemos uma vida, cada um de nós, foi graças a você.

— Eu só fiz o que tinha que fazer.

— Você fez mais e sabe disso... — suspirou fundo. — Eu tive Jasmine aos dezenove, mas o que Pâmela lhe deixou, facilitou parte do caminho. O que você tinha aos dezesseis, quando começou a nos criar?

— Nós quatro éramos o bastante.

— Juan...

— Não vou aceitar que fale de você e dos seus irmãos como um fardo para mim. — Fui honesto. — Eu faria tudo novamente, para vê-los bem e crescidos assim.

— Pode não fazer mais deixando de ficar tão longe? — indagou, como se cansado daquela confusão. — Posso estar perto do meu irmão mais velho que eu sempre admirei e quis ser como, e carrego o chapéu que é meu até hoje?

— Você sempre pode, Franco. — Fui honesto. — Me perdoe se eu não deixei isso claro, e na realidade, quase nada claro para você.

Notei o sorriso em seu rosto, mesmo que uma lágrima descesse, e logo senti braços ao meu redor. Tão fortes, que tive que me segurar firme no lugar, para lhe devolver o gesto.

Suspirei fundo, como se voltando no tempo e revivendo várias e várias vezes, em que Franco estava tão feliz que só sabia expressar-se por um abraço, e ele o fazia, mesmo que eu não fosse fã daquilo. Por causa dele.

— Senti sua falta, irmão.

Ele se afastou e notei que realmente, a cada ano, ele ficava mais parecido comigo, e de fato, era o Esteves com personalidade mais parecida.

Batidas na porta nos fizeram virar, e então Oscar e Flávio adentraram o ambiente.

— Só queríamos saber se as coisas...

— Eles descobriram só um bom tempo depois sobre Pâmela — comentei por cima — Descobriram por que foram fuxicar sobre minha vida, e daí, não sabiam como se aproximar de

você. Se culpavam por não ter feito antes, e priorizado outras coisas em suas vidas.

— Tem muita culpa para quatro pessoas de uma família só... — falou e notei o olhar profundo trocado entre os três.

— Eu concordo. — Flávio levantou a mão, como se precisasse fazê-lo para falar. — Então, está tudo bem por aqui?

— O que esperava? — indaguei, recolocando meu chapéu e ele bufou.

— Como sempre, nada — respondeu simplesmente. — Você nunca fala, irmão. Aí complica, né?

Vi Franco dar um peteleco em sua orelha, como geralmente faziam quando eram mais novos e o caçula reclamou alto.

— Hoje ele falou.

— Temos um recorde, então. — Oscar provocou, rindo de lado. — Então agora somos uma família de novo?

— Quando deixamos de ser?

A voz era baixa e feminina, e então todos nos viramos em direção à porta. Jasmine ainda tinha maquiagem em seu rosto, mas já estava de pijamas.

— Nunca, pequena. — Fui eu quem respondi, e ela deu um gritinho, batendo uma palma.

— Quero todo mundo no Natal. — Praticamente ordenou, olhando para cada tio, e depois semicerrando o olhar para o pai. — Sem mais desculpas, já que vieram para o meu aniversário.

— Podemos fazer o Natal na fazenda Esteves! — Oscar sugeriu e ela pareceu ainda mais animada. — Sabia que a gente planta suas flores ao redor da casa?

Ele se agachou para falar com ela, e Franco me encarou de imediato. Assenti para sua pergunta silenciosa. Sim, era verdade que eu plantava cada semente de flor que Jasmine enviava em suas cartas. Geralmente, elas chegavam em datas comemorativas, e eu as plantava em torno da mansão. Uma lembrança eterna de que éramos uma família, e um vínculo que nada quebraria.

Por um segundo, vendo a nós quatro, agora como cinco, em uma garotinha tagarela, eu agradeci.

Agradeci ao universo pela bênção do que estava acontecendo. Eu tinha, por alguns segundos, nós quatro contra o mundo de novo.

“Porque as páginas tinham sido viradas e decisões foram tomadas

Tudo que você perde é um passo que você dá

Então faça pulseiras da amizade, agarre o momento e saboreie

Você não tem motivos para ter medo”[36]

JUAN

Parei meu passo no momento em que me encostava contra uma árvore. Depois de tudo aquilo, Franco os tinha convencido a

passarem a noite ali, e eu iria me opor. Era clara a saudade que sentiam um do outro, e eu não estava diferente. Há muito tempo Senti falta de tê-los, os três juntos, para observar, no mesmo ambiente.

Estava do lado de fora da casa, mais afastado, e tentando me recompor. Parte de mim mais aliviada por Franco saber que eu nunca o considerei como um ladrão e muito menos que fiz aquilo por dinheiro, mas ainda assim, sentia culpa por ele se sentir um fardo. Nunca quis que nenhum deles se sentisse de tal maneira. Não por coisas que eu escolhi.

— Tudo bem?

A voz que eu poderia reconhecer em qualquer multidão.

Levantei o olhar e encontrei-a caminhando até mim. Ela não estava mais com o vestido da festa, mas sim com um pijama de botões, que tinha algo pequeno escrito em inglês no bolso.

— Todos parecem estar — respondi simplesmente e vi-a mexer na franja do cabelo. Um hábito que sabia que indicava que ela estava incomodada com alguma coisa. — O que foi, Augusta?

— Perguntei se você está bem, Juan?

— Quer mesmo a verdade? — rebati e seu olhar parou no meu, como se entendendo. — Não quero te afastar ainda mais.

— Digo, se você está bem em ter conversado com Franco? — detalhou e eu acenei com a cabeça.

— Não pensei que as coisas viriam assim, mas... — olhei para o nada. — Sinto que foi o melhor.

— Bom...

Ela chutou algo no chão, talvez uma grama, e meu olhar estava preso em cada movimento dela.

— Eu não queria me esconder como uma criminosa — admitiu baixinho. — Mas usei isso para tentar me preparar para quando fosse te ver de novo... E nas duas vezes, eu não estava pronta. Acho que talvez nunca esteja. — Olhei-a confuso. — Desculpe por ter gritado, xingado e me excedido tanto.

— Não é como se fosse realmente barulhenta, Augusta. Não dessa forma, no entanto. — Notei o vislumbre de um quase sorriso, mas ainda triste, em seu rosto. — Não posso te obrigar a me aceitar por perto, e tentei esperar, mas... De todas as coisas que já escondi, me esconder de você, foi uma das piores.

— Bom, eu acho. — Deu de ombros. — Posso conseguir uma consulta amanhã com minha obstetra...

Meu coração quase saiu pela garganta diante da sugestão.

— Eu planejava isso, de voltar para a escola, depois ver meus pais e depois... — apontou para mim. — Mas você mudou um pouco da ordem, e confesso que estou ansiosa demais para saber se é uma menina ou menino, e quero poder compartilhar isso com você.

— Posso ser honesto?

Minha pergunta claramente a pegou de surpresa, mas ela assentiu.

— Ainda não caiu minha ficha de que serei pai.

— A minha cai um pouco, a cada dia... — apontou para a própria barriga, que estava ainda levemente arredondada. — Dizem que é normal, demorar para compreender o tamanho disso... Acho que quando a barriga ficar maior ou sentirmos mexer... Tô com um medo do caralho — concordou, e eu quase sorri da forma como ela não filtrava nada e era simplesmente adorável. — Mas é um pedacinho meu aqui... — notei-a se

aproximar, e sua mão indicou a minha esquerda. — E um pedacinho seu também.

Então era como se ela me desse a autorização para tocá-la. E depois de tantos dias completamente cinza, eu me senti quase explodir em cores, quando toquei sua barriga. A sensação de que existia um pedacinho de cada um de nós ali, como ela disse, me acertou em cheio.

— Obrigado por me permitir estar perto.

— Obrigada por isso. — Rebateu, como se não quisesse adentrar aquele outro assunto, e a respeitei, assentindo.

Ela agradecia por nós termos aquele filho.

Eu agradecia por ela ter me trazido de novo a vida. E me dado, agora, mais um motivo.

Talvez eu tenha ficado algum tempo ali fora, mesmo depois de Augusta entrar, e ir dormir. A realidade era que minha mente estava cheia e não sabia ao certo ainda como encarar que eu poderia estar livremente naquele lugar. No lugar que era da minha família também. Franco e Jasmine nunca deixaram de ser.

— Vocês dormiam, como eu e meus irmãos... — levantei o olhar, para encontrar a namorada de Franco – Carolina Reis. Ela era a pessoa que o tinha protegido naquele meio tempo, de alguma forma que eu nunca consegui, e mesmo não a conhecendo de fato, eu era eternamente grato. — Sabe, todos juntos, em uma cama...

— É um bom jeito de puxar assunto.

— Eu sabia que ia ter um senso de humor parecido com Franco! — fez um sinal com o dedo se aproximando. — É um humor péssimo, aliás. — Ela sorriu e continuou. — Só vim com um aviso de que estão os três irmãos no quarto de hóspedes e não sei se vão dormir longe um do outro, depois de tanto tempo...

— Franco te contou mesmo sobre isso?

— Bom, ele ainda esconde muito, mas um dia, quando vi uma foto de vocês quatro sobre um colchão, ele me contou partes — comentou e eu assenti. — Por que não agora?

— Tenho quase quarenta anos, senhorita Reis.

— É algo de família? — rebateu, fazendo uma careta. — Jasmine me chamava de senhora e quase tinha um treco, toda vez.

— Eu realmente não sei como gostaria que a chamasse.

— *Cunhada mais bonita* está ótimo. — Piscou um olho, e sorriu. — Por enquanto, só existo eu, então não teremos brigas. Depois, a gente finge que não temos esse apelido interno.

— Certo, cunhada mais bonita. — Ela bateu duas palavras e pareceu animada.

— Adorei isso — Admitiu, e era completamente transparente. — Não quer mesmo entrar e ficar com eles?

— Vou fazer isso — ela assentiu, sorrindo ainda mais, e se virando um pouco, como se para sair. — E cunhada mais bonita? — ela parou e se virou, olhando-me com um sorrisinho no canto da boca. — Obrigado. — Seu olhar mudou e notei a seriedade em que se transformou. — Obrigado por protegê-los. Tenho uma dívida eterna com você.

— Quando citei que minha família fazia e às vezes ainda faz o mesmo de dormir todos juntos, é porque vejo um pouco dos Reis em vocês — falou, encarando-me. — Vejo Verônica, minha irmã mais velha e que nos criou, em você — continuou. — Não precisa me agradecer por proteger a nossa família... — notei a

forma como enfatizou a palavra. — Família se protege, Juan. Acho que sabe disso, melhor do que eu.

E eu sabia.

E estava sem palavras diante da minha cunhada, que era tão mais nova, mas sabia simplificar tudo perfeitamente.

Segui-a para dentro da casa e rumei até o quarto que ela indicou que Franco foi mostrar aos irmãos e acabou ficando. Desejei-lhe boa noite e bati na porta que me indicou, esperando resposta. Como não obtive, abri-a e tive uma visão que fez meus olhos se encherem de lágrimas imediatamente.

Franco, Oscar e Flávio espalhados todos na grande cama de casal que tinha ali no quarto, ignorando as outras duas de solteiro, e parecendo apagados pelo sono. Lembranças inundando minha mente.

— Uma cama! — Flávio gritou alto, enquanto Franco me ajudava a montá-la. — Vamos ter uma cama para o colchão?

— Em breve, cada um de nós vai ter sua própria cama, seu próprio quarto... — expliquei, enquanto aparafusava uma das madeiras.

Notei a expressão de tristeza em seu rosto e Oscar pareceu da mesma forma, enquanto nos observava.

— Qual o problema? — indaguei, virando-me para eles.

— Estamos acostumados a sempre ficarmos juntos — Franco quem disse, e me virei para ele, que parecia ter terminado sua parte.

— E se a gente acordar a noite e você...

— Eu não vou deixá-los — falei, olhando para cada um deles por alguns minutos. — Nunca!

Nós já estávamos acostumados a ser deixados. Contudo, eles tinham que saber, que não seriam, não por mim.

Sorri emocionado para a cena que se desenrolava à minha frente, e fiquei alguns minutos apenas analisando-a, antes de ocupar o lugar vazio no canto esquerdo, como se eles soubessem que eu iria até ali. Contudo, não era como se eu pudesse dormir. Não enquanto queria imortalizar aquilo.

E consegui me sentir em paz, por alguns minutos. Por conta deles.

“Você sabe o quanto eu odeio que todos esperam que eu me recupere

Fácil assim[37]

GUTA

— Bom dia, Guta — a doutora falou, sorriu em minha direção e vi o seu olhar mudar completamente quando encarou o homem que vinha ao meu lado. — Esteves?

— Como vai, Helena?

— Se conhecem? — indaguei, olhando de um para o outro.

— Acho que todo mundo conhece os irmãos Esteves por aqui — ela comentou simplesmente, sorrindo para ele e voltando a me encarar. — Ouvi os boatos sobre Juan ter se casado, mas como ele não é de vir muito a cidade, não interliguei... — olhou-me como se curiosa. — Desculpe por isso.

— Por não saber que a gente é casado? — indaguei ainda mais confusa.

— Só não sabia que era Augusta, mas agora sabe. — Juan se adiantou e vi-me olhando-o mortalmente. — Como eles estão?

— Ótimos — a doutora disse, seguindo pelo corredor e nos indicando a fazer o mesmo — Guta pediu para que fizesse cópias de todos os ultrassons, desde o primeiro momento e os deixasse separados, mas queriam essa consulta de encaixe, para que pudesse conhecer o filho de vocês, certo?

— Sim — assumi um pouco envergonhada, mas tentei não transparecer.

Era justo que ele tivesse toda a experiência de pai, correto?

Eu estava apenas tentando o meu melhor.

Assim que me ajeitei corretamente para o ultrassom, sentia a tensão clara que emanava de Juan, como se ele estivesse perto de ter um ataque. O chapéu branco estava em suas mãos e ele respirava profundamente.

— Preparados? — a médica indagou e eu assenti, olhando para a tela preta e branca, que ainda era um pouco confusa para mim. — Esses são os batimentos do bebê de vocês, Esteves...

Fechei os olhos no segundo em que o batimento acelerado ecoou pelo ambiente e mordi o lábio inferior, já querendo sorrir. Era naqueles momentos que sentia que era mãe de fato, sem qualquer dúvida. Era mágico saber que uma vida estava ali, crescendo e se tornando maior.

Quando finalmente abri os olhos, notei Juan embasbacado, encarando a tela que eu antes olhava, e seus olhos se fecharam por alguns segundos.

— É mágico, né? — sussurrei para ele, que me entregou os olhos claros, com uma alegria que eu nunca tinha encontrado ali.

— É mais do que isso...

Ele então deu-me aquele velho vislumbre de sorriso no canto da boca e eu acabei sorrindo para ele. Ao menos, quando se tratava do nosso filho, eu não precisava me proteger e me esconder. Éramos só nós três, e nós dois tentando nosso melhor para um pedacinho que ainda precisaria e muito da gente.

— Eu estou com o resultado do seu exame, que não quis que lesse no outro dia...

— Pode me entregar? — indaguei incerta.

— Você que me pediu para guardar, Guta. — Ela lembrou e eu ri baixinho. — Muitas mães fazem isso, não é nada estranho. — Esclareceu, como se lendo meus pensamentos. — Se quiser, posso falar para vocês...

Respirei fundo e dei um leve olhar para Juan.

— A gente tem o resultado que fala o sexo do bebê — comentei e ele piscou algumas vezes, como se perplexo.

— Pensei que demorasse mais para isso.

— Bom, eu também — assumi. — Mas existe esse exame que não é invasivo e estou na época certa para o fazer, e sou ansiosa demais para esperar depois...

— Sem nenhum chute do que é? — ele indagou, surpreendendo-me.

— Não — admiti. — E me sinto com um péssimo sexto sentido materno por isso. — Fiz uma leve careta.

— Acho que seria bom saber...

— Ok, doutora. — Olhei para a médica ansiosa. — Pode dizer.

— Ok... — ela sorriu para nós, abrindo o exame, e logo seu olhar se voltou para mim. — Terão uma menina.

O grito ficou preso na minha garganta, e senti tudo girar.

Uma menina!

— Meu pai do céu! — sussurrei, procurando os olhos de Juan. — É uma menina...

— Já pode pensar em nomes.

— Não. — falei e só então caiu minha ficha. — Como vou decidir um nome entre tantos que existem?

— Eu vou te ajudar, Augusta.

Notei a paciência em seu olhar, que só então pude reparar mais e encontrei um certo brilho. Como se ele estivesse

segurando as lágrimas para si. Ele estava emocionado por saber que seria pai de uma menina?

Sorri para o mesmo, e não pude evitar sentir vontade de me levantar e ir até os seus braços, para comemorarmos juntos. Eu gostava de abraçá-lo, e por um longo tempo, os braços dele foram meu sonho particular.

— Acho que estava na hora de ser uma menina, não? — provoquei, lembrando-me dos três irmãos mais novos e ele negou com a cabeça.

— Será tudo ainda mais novo para mim — admitiu. — Obrigado por isso — sussurrou em minha direção e senti meu coração bater freneticamente.

Um coração que gostaria que não o fizesse, mas ainda pertencia a ele, mesmo que não devesse.

JUAN

— Você não tinha que estar viajando ou trabalhando? — a pergunta direta de Augusta não me surpreendia.

— Não tenho feito isso nos últimos tempos... — assumi, e continuei a caminhar ao seu lado, em direção à sorveteria que ela tanto queria de repente. — Não desde que foi embora.

— Vou fingir que não ouvi isso...

Quase sorri de seu tom, mas ela parou de repente e me encarou.

— Não quero mais brigar ou te ignorar, então... Só vamos evitar o assunto “nós” entre nós, tá bem? — perguntou e eu assenti, enquanto ela ainda fazia aspas com os dedos.

— Fui bom evitando isso por dois anos, certo?

— Está fazendo de novo — falou claramente nervosa, e eu sabia que ela tinha suas razões para evitar o assunto. — Quando for o momento certo, vamos falar sobre o divórcio e tudo mais.

— E sobre voltar para casa e para o seu trabalho? — indaguei, enquanto ela respirava fundo.

— Eu olhei alguns lugares para alugar perto da escola e...

— A Fazenda Esteves é sua casa também. — Adiantei-me. — Se somos casados ou não, Augusta, nunca importou. Desde

que entrou naquele lugar, você é parte da família.

— Obrigada, eu acho. — Ela mexia na franja, parecendo extremamente confusa. — Não é como se fosse esbarrar com você a cada segundo dentro de casa? — era uma piada, que ela riu ironicamente, mas sabia que foi mais uma direta do que qualquer outra coisa.

— Posso não ficar lá, se isso foi melhor.

— Você nunca esteve. — Ela falou tão baixo, como se para si mesma. — Agora sou eu que estou fazendo isso... — foi dar um leve tapa na própria testa, como se punindo por aquilo, e de reflexo, minha mão parou na sua.

Ficamos nos encarando por alguns segundos, até ela se afastar como se meu toque queimasse. Seu corpo sempre reconhecia o meu, e não parecia saber parar aquilo.

— Desculpe, foi por...

— Tudo bem, estamos agindo como dois malucos, mas melhor do que agir como indiferentes, certo?

— Qualquer coisa — assumi.

— Juan...

— O quê?

— Eu posso lidar com sua indiferença, seu mistério e sua ausência... Mas a forma como está me olhando agora, eu não faço ideia.

— É como sempre te olhei, mas escondia — admiti, e ela negou com a cabeça.

— Sabemos que o que passou passou — falou simplesmente. — No final de tudo, não fizemos bem um pro outro. — Olhei-a incrédulo. — Oscar me contou o quanto andou bebendo e quão mal ficou, e não sei exatamente porque fez isso, mas foi logo após eu partir, então, tem alguma relação...

— Se quiser me ouvir, em algum momento, posso explicar as coisas...

— Acho que o tempo das explicações pode ficar lá, no passado. — Suspirou fundo. — Vamos só seguir em frente.

— Posso ser honesto?

— Como sempre pediu para que eu fosse — respondeu e eu retirei meu chapéu, encarando-a.

— Não posso fingir que não sinto nada por você, Augusta. — Olhei-a profundamente. — Não mais.

— O famoso só dá valor quando perde?

— O famoso burro que não percebeu que em algum momento empurraria a pessoa que amava para longe demais, e não suportaria que isso funcionasse...

— Só vamos... — ela suspirou pesadamente. — Só quero tomar meu sorvete e depois a gente vê o que acontece, ok?

Assenti, sem querer pressioná-la ainda mais.

Eu aceitaria qualquer coisa dela, mas ainda assim, cheguei ao ponto de que eu não conseguia mais agir como antes. Como indiferente. Como ausente. Como indecifrável.

Queria que ela me conhecesse.

E quem sabe, de alguma maneira, ainda existisse uma chance de gostar do verdadeiro Juan Esteves.

“Porque as páginas tinham sido viradas e decisões foram tomadas

Tudo que você perde é um passo que você dá

Então faça pulseiras da amizade, agarre o momento e saboreie

Você não tem motivos para ter medo”[38]

GUTA

— Obrigada — falei, talvez pela milésima vez, dando outro abraço em Carolina, e meu olhar voltou para Franco.

Ele aceitou meus braços e senti o momento em que sussurrou para mim: obrigado por trazê-los de volta.

Olhei-o com cuidado e neguei com a cabeça. Não era eu., mas parecia ser o momento certo. Fazia tanto tempo que eles estavam presos em algo do passado, que eu ainda não tinha ousado perguntar, porque era uma história que lhes pertencia, não a mim.

Mesmo que um lado meu quisesse saber dos reais sentimentos que entraram em conflito no passado. Mesmo que não mudasse nada, saber se Juan amou ou não Pâmela. Não era algo que mudava a realidade, de que nós dois éramos uma bagunça que não funcionava.

E eu temia acreditar, a cada momento em que seu olhar encontrava o meu.

Por que ele estava ali?

Por que ele tinha bebido tanto?

Por que ele parecia ter tanto a dizer?

Por que depois de eu ir embora, e não antes?

Mais perguntas para o meu caderninho que ficou para trás, apenas destinado para anotar as perguntas que eu fiz e não

tinham resposta, ou as que guardei em minha mente, negando-me a ser ignorada novamente.

— Boa viagem, titia — Jasmine falou e a abracei com força. — Cuida bem dos titios e os traz de volta...

— Pode deixar — falei e baguncei seus cabelos ruivos.

— Tchau, priminha.

— Pronto, é agora que eu choro de vez. — Carolina reclamou, sendo abraçada por Franco, que não se continha diante da situação. Era óbvio que ele adorou os dias daquela casa cheia. E acreditava que não demoraria muito para Flávio ou Oscar, ou os dois, aparecerem de novo ali. Talvez até Juan, se ele voltasse a trabalhar.

— Sem choro — pedi, respirando fundo e me afastando de Jas. — Lembra que a gente se vê na próxima semana, na casa do seu...

— Na nossa casa — Juan falou e dei-lhe um leve cutucão com o cotovelo, que felizmente, Jasmine não notaria e talvez ninguém mais. — Fiquem bem, por favor.

Todos assentiram e vi o exato momento em que Juan tomou o lugar do motorista na sua 4x4.

— Temos um milagre acontecendo...

— Cale a boca, Oscar — ele bradou, enquanto eu iria me colocar no banco de trás, mas Flávio praticamente me ordenou a ir no da frente. — Eu juro que se abrir essa boca...

— O quê? — o do meio provocou, sentando-se atrás e colocando a cabeça entre os bancos. — Eu posso fugir para a casa de Franco agora, e sabe, ele é um irmão menos carrancudo.

Segurei a risada enquanto Flávio ria baixinho.

— Será que se formos parados, ainda vai dar positivo para o bafômetro, pelo tanto que ele bebeu nos últimos...

— Os dois! — a voz de Juan era realmente brava, e eles gargalharam.

Sequer pareciam dois homens adultos no banco de trás. Mas na realidade, eram irmãos mais novos que adoravam tirar a paciência nada longa do mais velho. Olhei pelo retrovisor e Oscar piscou um olho.

— A playlist é por sua conta, Augusta.

— Eu? — indaguei, olhando-o finalmente.

— Sempre foi você quem escolheu, quando esteve nesse carro...

— Estive talvez cinco vezes... — tentei contar com os dedos da mão. — Tenho o celular conectado até no carro dos meninos, mas não nesse.

— Não que a playlist sua não esteja salva no perfil dele, já que ficou tocando ela durante todos esses...

— Flávio!

— Ok, por que eu não posso saber da sua fossa? — indaguei, enquanto ele já adentrava a estrada de terra, e eu me ajeitava melhor no banco.

— Então está admitindo que eu fiquei na fossa por você? — rebateu e eu fiquei boquiaberta.

— Touché, cunhadinha.

— Por essa nem eu esperava — Oscar complementou e os encarei incrédula.

— Estão do lado de quem?

— De quem junte vocês dois em uma sala e faça conversar, e sair de lá com mais cinco filhos, se possível...

Revirei os olhos da resposta de Flávio.

— Você que perguntou, cunhadinha — ele pareceu se explicar. — Mas sério, coloca logo a playlist dela que você ouviu

todos esses dias, irmão.

— Vocês...

— Eu estou quieto. — Oscar rebateu, parecendo concentrado em seu celular. — E até quieto, estou levando esporro.

— A sorte de eu não ter irmãos — provoquei, enquanto Juan mexeu rapidamente em algo do painel, e vi que era mesmo a playlist que montei no spotify que começava.

— Está dizendo que não somos seus irmãos? — Oscar fez o seu drama, e Flávio pareceu indignado pelo retrovisor.

— Vamos fingir que não estamos tentando essa conversar, por favor.

Ousei mexer na tela do carro e selecionei para a próxima música, que eu tanto gostava e amava cantar, e não poderia negar que sempre me lembrava do homem ao meu lado.

Eu já a tinha cantado para ele.

Não que fosse importante naquele momento, mas sempre o seria para mim. Até mesmo quando ele não fosse mais parte de mim. Teria como ele não ser?

— Essa!

Olhei para trás, vendo Flávio praticamente delatar o irmão.

— Ele ouviu em looping, tocou e cantou...

Ri alto, enquanto Juan parecia só ter desistido e entrado no seu modo de ignorar os irmãos.

— Pera aí... — olhei-os confusa. — Como assim cantou?

— O quê? — Oscar quem rebateu. — Não sabia que ele canta bem?

— Inglês?

— Ele negocia com os figurões de fora do país, então...

Foi naquele momento que eu encarei Juan como o próprio meme da Nazaré.

— Eu te explicava as escritas nos moletons... — falei e seu olhar parou brevemente em mim, quando chegamos a um cruzamento sem muita visão. — Sabe inglês desde quando?

— Desde os vinte. — Abri a boca embasbacada. — Não me olhe como se tivesse te enganado.

— Vou olhar como?

— Era uma ótima razão para te ter falando comigo e adorável a forma com explicava cada música...

Senti o calor se concentrar em minha bochecha e quis afundar no banco do passageiro.

— Vou só cantar e me deixem...

— Faz ele cantar para você, cunhadinha. — Flávio encorajou e eu revirei os olhos, quando Juan finalmente conseguiu passar o cruzamento, e notei-o tenso no volante.

— Como se eu tivesse poder para tal coisa... — sussurrei para mim mesma, mas senti o olhar de Juan me queimar.

Neguei-me a encará-lo e saber e foquei na música.

“Ninguém queria brincar comigo quando criança

Por isso, eu tenho esquematizado como uma criminosa desde então

Para fazê-los me amarem e fazer parecer natural

Seria esta a primeira vez que sinto a necessidade de me confessar?

E, juro, eu só sou enigmática e maquiavélica

Porque me importo...”

E eu me importava, mesmo que não fosse de fato uma mestra da manipulação, e ainda me sentisse perdida por ali. Mesmo assim, eu escolhia estar naquele lugar, e me sentia em casa. Naquele carro, com aquelas pessoas, bagunça e gritos, eu me sentia em casa.

Era um recomeço, mesmo que não romântico. E eu estava contente em fazê-lo, por mim.

“Você saiu da casa dela no meio da noite?

Você gostaria de ter resistido mais?

Quando ela disse que era demais, você gostaria de ainda poder tocá-la?

É só uma pergunta”[39]

GUTA

— Tem certeza de que precisa ir agora? — Juan perguntou, como se preocupado e assenti.

— Vai ser rápido, avisei às meninas que viria.

— Ok, qualquer coisa...

Vi-o então descer do carro e olhei ao redor sem entender, notando o ponto de interrogação no rosto de Flávio e Oscar.

Quando ele abriu a porta do meu lado e estendeu os braços, olhei-o sem entender ainda mais.

— A internet fala sobre acidentes ao descer de 4x4... — explicou e considerei a situação, mesmo que desconfiada. — Não estou fazendo isso para te obrigar a ficar perto, posso pedir para um dos meus irmãos...

— Está tudo bem — falei, aceitando sua ajuda, e seu toque era leve, mas senti-me queimar sob o mesmo. — Não vou desfazer ou piorar algo se me ajudar a descer de um carro...

— Espero que não. — Rebateu, no seu humor indecifrável, e parei no instante em que ele me ajudou a estabilizar no chão e suas mãos pairaram ao lado da minha cintura. — Vamos te esperar aqui — falou, e eu me vi piscando algumas vezes, como se tentando voltar à realidade.

Que merda de poder ele fazia com que o tempo praticamente parasse por alguns segundos?

Balancei a cabeça e mexi em minha franja, caminhando em direção à escola, e tentando focar naquilo. Segui os corredores ainda silenciosos, pelo horário mais tardio, e senti falta de cada cantinho daquele local.

Eu amava tanto ali, que não me via em outro lugar. Mesmo que eu pudesse lecionar música onde fosse, ali, onde me aceitaram tão abertamente e me sentia em casa, tinha o gosto de que voltava para o lar.

Mesmo que Juan e eu não tivéssemos construído um juntos, ao meu redor, eu percebia que o fiz sozinha, por cada lugar que eu reconhecia pelo caminho e me sentia novamente bem-vinda.

— Com licença... — bati na porta entreaberta, alguns professores estavam ali, e notei a diretora, que era a mais próxima de mim, dar um pulo no lugar.

— Garota, você quase nos mata...

— Desculpe, eu...

— Voltou grávida! — foi a voz de Susana, uma das estagiárias nas aulas de música, que eu sabia que tinha segurado as pontas naquele meio tempo. — Mas voltou, isso que importa.

— Ainda levam bons meses para que eu tenha que me afastar, e sei que tirei as férias acumuladas mais do que deveria e podem querer me demitir, e não vou...

— Mulher, te demitir? — foi a vez de Roger, que revirou os olhos. — A gente tá esperando você voltar todo dia. Se bem que todo mundo aqui ficou feliz em ter Juan Esteves aparecendo a cada semana, trazendo novos instrumentos e andando pelos corredores...

— Juan veio aqui?

— Não sabia? — a pergunta de Luna – a diretora, me fez guardar as minhas próprias. — Enfim, ele já doa dinheiro para escola há tempos, mas ele raramente vinha aqui. Quer dizer, até quando se casaram, e nos últimos meses.

— Ele não me contou. — Tentei disfarçar meu choque. — Então, eu posso mesmo voltar?

— Por favor. — Susana fez um sinal como se implorasse com as mãos e veio para perto. — Sentimos sua falta, prof. — eu amava aquela forma de ser chamada, e assenti. — E isso porque não viu as crianças...

— Não sei o que fiz para gostarem tanto de mim ou das aulas...

— Mulher, você é você. — Clara fez um gesto com a mão com desdém. — Quem em sã consciência não gosta de você?

Todo mundo – segurei a resposta. Pelo menos, nunca sem desejar algo por trás que poderia realmente beneficiá-los. Não sabia ao certo nem se minha mãe tinha chegado a gostar de mim, quem diria os outros?

— Bom, acho que estamos te assustando mais em ser bem-vinda do que te demitindo... — Luna se aproximou, segurando meus braços. — Mas resumidamente, Susana vai te mandar sua agenda já para a próxima semana...

— Eu posso começar amanhã. — Adiantei-me. — Estou com saudades, demais.

— Ok então. — Ela bateu uma palma e abriu os braços. — Agora vai tirar férias em todos os tempos certos, porque sem condições de ficarmos tanto tempo sem você... — abraçou-me e eu sorri em seus braços.

Era realmente bom estar de volta.

JUAN

— Irmão...

— Se for mais uma piadinha... — desencostei-me do carro, ao notar Augusta saindo da escola e dando tchaus, e um sorriso no seu rosto. — Fale logo...

— Você foi sempre tão na dela ou é só agora que está deixando óbvio?

— O que eu disse sobre piadinhas? — olhei para Flávio que enfiou a cabeça para dentro do carro e levantou as mãos em sinal de rendição.

Vi-me dando a volta no carro e abrindo a porta novamente para Augusta, que me olhou um pouco reticente, mas aceitou subir em minha perna para então chegar ao degrau alto do carro.

— Eu tô amando esse momento estranho de casados por contrato, separados porque um de nós é uma anta, para papais do ano, e agora estranhos casados separados papais do ano...

— Oscar! — ele piscou um olho pela janela do carro, e fechei a porta do lado de Augusta. — Eu vou deixá-los aqui, se deixarem Augusta desconfortável novamente.

— Eu não estou... — ela se calou, como se não soubesse de fato mentir. E eu sabia que ela não sabia. — Ok, um pouco.

— Acho que de toda forma, eu e Flávio temos que comprar novos perfumes — Oscar falou, abrindo a sua porta e vi-o pelo retrovisor, dar a volta e fazendo Flávio notar que estavam aprontando algo.

— Isso, relógios — o caçula falou e eu apenas encostei a cabeça contra o estofado, sem saber se os agradecia ou os esganava pela falta de sutileza. — Temos que comprar relógios novos.

Eles então saíram meio que bagunçados pela rua.

— Oscar usa perfume importado, e os dois não usam relógios... — Augusta riu baixinho. — Posso dizer que são meus irmãos pela forma péssima de mentir.

— Se sentir desconfortável, posso pedir para que alguém te leve...

— Está tudo bem, Juan. — Vi-a suspirar fundo. — Nada consegue tirar minha felicidade hoje.

— Posso perguntar o por quê de estar feliz? — indaguei, saindo com o carro e tentando me concentrar no trânsito quase inexistente da pequena cidade.

— Estou de volta, e sei que escolhi esse lugar como meu lar... — falou, encarando o vidro do carro. — Ou ele me escolheu, não sei — admitiu. — Mas mesmo assim, não foi ninguém mais. Nem meu sobrenome, nem meus pais, nem... — ela se calou de repente.

— Nem eu? — seu suspiro era a resposta necessária.

— Estava cansada de ter outras pessoas controlando minhas escolhas, e acho que um coração quebrado romanticamente, era o que faltava para deixar de ser... Tentar, ao menos.

— Sei como é. — falei, respirando profundamente, e sentindo seu olhar sobre mim. — Pode não parecer, mas já tive um momento exatamente como o seu...

— E o que descobriu depois disso?

— Que posso querer controlar tudo, mas há coisas que vêm de graça para nós, e temos que aprender a lidar... — falei, sabendo que ela era uma exceção. — E muitas delas eu ainda não aprendi.

Ela me veio de graça.

Ela me veio imposta.

— Bom, não foi muito esclarecedor, mas... Aí está você respondendo minhas perguntas.

— Talvez eu tenha respondido todas, e você só não saiba. — Rebati, e ouvi-a rir baixinho.

— Um piadista nato, um novo lado que eu não sabia que tinha — comentou, e vi-a mexer na tela. — Música?

— Às suas ordens.

Olhei-a de relance, vi-a revirar os olhos e logo em seguida clicar para a playlist continuar.

— E vamos de música do momento! — ela falava consigo, tão animada quanto me lembrava de ela ser antes de tudo aquilo acontecer. O que eu tanto sentia falta. Ela era contagiante, com um sorriso tão sincero que desde o primeiro momento, me fez querer sorrir também. Tão espontânea quando se tratava de

cantar, e vi-a fechar os olhos e mexer as mãos, enquanto cantava animadamente.

A felicidade dela poderia ser a minha, soube bem ali. Mesmo que quisesse que fosse compartilhada. Soube bem ali que seria o suficiente, saber que ela estava assim – leve, em paz e decidida.

E eu lhe daria o que quisesse, para que o fizesse.

Até mesmo, deixá-la da forma que queria. O que não significava que desistiria de conquistá-la. Quem sabe, eu pudesse acreditar que o destino fosse nosso novamente, em um bar de karaokê. Eu poderia acreditar naquilo?

“Só dói tanto assim agora

É o que eu estava pensando o tempo todo

Inspire, respire fundo, expire

Eu vou levar a vida toda para te superar”[40]

JUAN

Estacionei o carro, e adiantei-me para ajudá-la a descer.

— Prontinho — falei, tirando minhas mãos de sua cintura, enquanto ela se prostrava e abria um sorriso de lado. — Acho que

nunca te vi tão feliz quanto agora. — Acabei soltando, sem conseguir evitar.

— Quando a felicidade vem, a gente aproveita, né? — falou, e eu queria concordar, mas na realidade, nunca me vi de fato a aproveitando ou aceitando. Era como se tudo que escolhesse, me deixasse para trás, e em algum momento, eu estaria preso ao que poderia ser e nunca foi.

E nós, talvez nunca fôssemos para ser, não da forma como eu evitava manchar a felicidade de alguém, com o que realmente gostaria. Não poderia fazer com a dela.

— Um casal tão bonito...

Paralisei diante da fala, e levantei meu olhar, encontrando Vicente Toledo encostado contra uma das árvores ali da frente, e meu capataz logo à frente do mesmo.

— Tentamos evitar que ele entrasse, patrão — explicou e eu assenti, apertando a aba do meu chapéu.

— O que quer, Vicente?

— Deixei de ser seu tio? — Augusta já ia de frente com ele, revirando os olhos. — É muita cara de pau...

Antes mesmo que ela pudesse terminar, meu punho já estava no rosto do homem de terno. Mesmo que eu não pudesse fazer o mesmo com todos que condenaram meu irmão a uma vida de perseguição, mesmo que estivesse tudo correto e fizessem acordos, era ótimo poder socar a cara dele.

Assim que ele pensou em dizer outra coisa, acertei o outro lado. Não era o suficiente para realmente apagá-lo, mas lhe renderia dois olhos roxos e uma lembrança do que aconteceria se aparecesse na minha casa novamente.

— Perdeu o medo ou o juízo, Esteves?

Peguei-o pelo colarinho e o encarei.

— Devia ter socado sua cara quando apareceu na minha frente e disse que ajudaria meu irmão, há mais de quatorze anos. — Senti a mão de Augusta em minha cintura, e me vi soltando o homem com força, que quase caiu.

Ele era mais velho, cerca de sete anos ou menos, mas ainda assim, não tinha porte para tentar uma briga. Não comigo. E então, era apenas o suficiente para tirar um por cento da raiva que sentia dele, e de todos que me manipularam, ao meu irmão, à minha sobrinha e também, à minha esposa.

— Temos um contrato.

— Que porra de contrato? — Augusta tentou passar a minha frente e não permiti. — Você perseguiu Jasmine em um supermercado, seu merda! Sempre soube que era um dos mais sujos dessa família, mas honestamente, depois de tudo...

— Eu não vou mais tocar fazenda alguma — assumi, olhando-o. — Façam bom proveito do quanto enriqueci aquelas terras nesses últimos dois anos, porque daqui por diante, farei com que a minha e de meu irmão, sejam as concorrentes de frente, e nunca ultrapassadas pela de vocês.

— Até onde vai a sua coragem, Esteves?

Olhei-o sem entender.

— Será que dá para voltar para o buraco de onde saiu Vicente? Seu filho, meus primos, e até mesmo minha mãe devem estar te esperando lá.

— Abandonou a própria mãe, minha querida sobrinha e ex-orgulho da família... — ele provocou e respirei fundo para não o socar novamente. — Sabe que tem alguém com um histórico de abandono por aqui, certo?

— Saia da minha fazenda, Toledo. — Exigi, e eu não estava perto para mais brincadeira nenhuma.

— Sua ou do dinheiro das mulheres para as quais se vendeu?

Minha cabeça virou.

Senti minha garganta secar.

Queria que aquilo não me afetasse tanto quanto ainda o fazia. Contudo, senti o toque de Augusta contra minha mão, como se não para me impedir, mas sim, para me apoiar.

Sequer conseguia raciocinar direito, mas sabia que precisava tirar aquele homem dali. Ele já tinha ido longe demais há tanto tempo, que não existia mais motivo ou circunstância que me obrigasse a ter que tolerá-lo. Nada me faria fazê-lo.

— Iago... — dei um grito, e logo ouvi o barulho de um cavalo se aproximando. — Jogue-o para fora da fazenda, e se ele não for, use o que for necessário.

— Um negócio com um Toledo nunca sai de graça, e como sabia que não ia cumprir nosso combinado, eu me adiantei no dever de casa...

— Tire o lixo daqui, Iago.

Vi-me indo para dentro de casa, e a cada passo que dava, sentia que poderia desabar ali mesmo. Parei na porta de casa, sem saber o que realmente fazer.

Como eu mesmo tinha dito a ela, eu tentava ter controle de tudo, e achava que teria, para quando lhe contasse sobre aquilo. Mas o destino o tirava de mim, e eu estava perdido, como um garotinho à frente da porta de casa.

— Eu acho que devia ter dado um soco na cara dele também. — A voz de Augusta foi como um sopro. — Posso ver como o meu piano favorito está? — indagou, e me vi saindo da frente, permitindo que ela abrisse a porta.

— Augusta...

— Seja o que for, ele não tinha o direito — falou e me encarou profundamente.

— É parte das coisas que eu gostaria de te contar — confessei.

— E você queria fazer isso exatamente agora? — indagou e eu não pude mentir que seria. Porque não esperava que acontecesse de tal maneira. — Não precisamos de ninguém nos manipulando até quando queremos dizer algo...

Ela piscou um olho e entrou, e eu fiquei ali, embasbacado. Pela primeira vez, quando pensava sobre o passado, eu não estava me sentindo tão exposto e repulsivo, mesmo que agora alguém que eu amasse, tivesse uma suspeita de quem eu realmente era.

“Ai, meu Deus, o amor é uma mentira

É o tipo de merda que meus amigos dizem para me fazer superar

É diferente

Dessa vez é diferente”[41]

GUTA

Acordei um pouco perdida.

Olhei ao redor do quarto e então reconheci finalmente onde estava. Sorri de lado, e me levantei ainda um pouco perdida pelo

sono. Eu estava cansada da viagem, mas sabia que parte da minha mente não descansar era pelo fato de Vicente ter aparecido ali, e justamente para fazer o que sabia de melhor: perseguir.

Fui até minha escrivaninha, que tinha notado estar intocável, tirando de lado o caderno escrito “questions?” à frente. Ainda não tinha aberto nenhum deles, mas vi-me admirando que cada parte de mim, estava bem ali.

— Sentiram falta de me ter escrito? — indaguei baixinho, sentando-me à frente da mesa, e suspirei fundo. — Parece que tenho muito para colocar para fora.

Vi-me limpando os olhos com as mãos novamente, como se para terminar de acordar. Notei que o dia já raiava do lado de fora, e que talvez meu sono não voltasse mais. Ainda que tivesse aula já naquele dia, e parte de mim, estava mais do que ansiosa para aquilo.

Alcancei meu lápis e abri o caderno o qual achei que não teria inspiração tão cedo para escrever algo. Mas depois daqueles meses, a força de cada palavra que me vinha em mente, era tamanha, que eu não conseguiria guardar. Não mais.

“Se eu te dissesse que eu estou de volta?

Que eu tive que sair dos trilhos, para depois voltar para um destino conhecido

O desconhecido tão perto de você

E dessa vez é assustador

Porque dessa vez você quer falar

De todas as suas partes, essa é uma que pensei que nunca veria

E eu via

Nossa filha vê

Então, eu tenho que perguntar

É por ela?

É por mim?

É por nós?

É por um fim mais bonito?

Não é assim que todas as histórias de amor podem acabar?”

— Será que vai gostar de eu ler, desde os meus primeiros cadernos até esses? — perguntei para minha barriga, levando a mão livre a ela. — Será que vai gostar de mim?

Suspirei fundo, fechando os olhos por alguns segundos.

Eu estava tentando dar o meu melhor, como sempre. Mesmo que em muitos momentos parecesse não ser o suficiente. Sentia naquele momento que era a primeira vez em que não me julgaria por aquilo. Era tudo muito novo, o universo da maternidade.

Eu me imaginava mãe, um dia.

E estando ali, olhando para minha barriga, sabia que aquele dia tinha chegado antes do que eu esperava.

— Desculpe a mamãe pelas fortes emoções nos últimos tempos... — pedi. — Acho que seu pai poderia dizer o mesmo.

O silêncio era minha resposta, e mal vi a hora de quem sabe, um chute ser.

— Acho que a gente vai se acertar, em algum momento — expliquei, porque não se tratava mais apenas de mim. — Talvez sermos amigos? E pelo que houve nos últimos dias, não parece tão difícil.

Em partes, pensei internamente.

Porque a proximidade dele sempre me fazia repensar e pensar em mil caminhos para chegar até seu corpo. O perto que nunca parecia o suficiente, porque era sobre ele. O longe que era massacrante, justamente por sua causa.

— Ele disse que me amava, e... Queria dizer que não mexe com nada de mim. — Continuei. — Ele pareceu tão triste diante do que Toledo disse, que queria apenas colocá-lo em meu colo e cuidar. Ao mesmo tempo que sei que seria nos permitir repetir um ciclo. E não quero arriscar outro ciclo de dor, para me machucar, e agora, machucar você. Faz sentido?

Não obtive resposta, como o esperado e sorri para o nada. Minha bebê era a segunda pessoa em minha vida que literalmente não respondia nada, não que ela pudesse de fato escolher sobre aquilo, não naquele momento.

Ri de mim mesma, e me levantei, espreguiçando-me.

— Acho que o café do seu titio Flávio já deve estar pronto... — comentei e comecei a cantar baixinho, enquanto procurava meus chinelos. Assim que os calcei, saí para fora do quarto e fui em direção do primeiro andar e à cozinha.

Era mais cedo do que o que eu costumava levantar, e talvez finalmente esbarasse em Flávio preparando o café.

Adentrei a cozinha, sentindo o cheiro do líquido e era um bom dia de respeito. Contudo, foi quando lembrei que eu não podia mais tomá-lo, por uma opção mais saudável durante a gravidez. Fui falar alguma coisa, quando travei no batente, ao ver que era Juan, colocando o café na garrafa térmica. A mesma garrafa que eu sempre me servia.

— Bom dia — falei, e ele me encarou sobre o ombro, mexendo levemente a cabeça. — Flávio não fez o café hoje?

— Flávio não sabe fazer café — ele respondeu baixinho, ainda concentrado em sua tarefa. — Agora estou fazendo o descafeinado, por conta da dieta que sua nutricionista passou para durante a gravidez, mas... Se quiser, posso falar com Flávio, e ele aprender.

— O café que eu tomo, todos os dias de manhã, há anos... — vi-me soltando as palavras meio desconexas no ar. — Você sempre deixava pronto para mim?

— Eu percebi que parecia precisar sempre de um bom café antes de começar o dia, e... — Ele deu de ombros, e percebi que

escondia o próprio rosto ao se virar.

Andei mais um pouco e parei ao seu lado, encarando-o dali. Notei o leve rubor em suas bochechas e segurei-me para não sorrir.

— Achou que era Flávio?

— Nunca me disse que fazia isso — respondi, ainda confusa. Então ele despejou o líquido em uma xícara, a minha favorita, e colocou logo à minha frente.

— Acho que não sei contar sobre o que faço. — Admitiu, e vi-o se afastar, e ir até o chapéu colocado sobre a ilha do cômodo. — Eu vou...

— Está com vergonha por eu ter descoberto? — indaguei, sem conseguir me conter, e seu olhar parou no meu, e ainda notava o rubor em suas bochechas, mesmo com a leve barba.

— Não sei, honestamente — falou e colocou o chapéu na cabeça. — Estão bem?

— Bom, acredito que está tudo sob controle — respondi, ainda incrédula quando ele parecia querer fugir dali. — Não precisa se envergonhar, Juan. Eu na verdade, devia estar agradecendo por tê-lo feito todo esse tempo.

— Esse é um mínimo que ninguém notaria, Augusta — falou, olhando-me profundamente. — Eu vou te esperar na sala, para te levar para sua aula. Depois volto para a antiga casa.

— Eu posso ir com algum dos peões, ou até mesmo esperar seus irmãos, ou pedir um táxi... E essa aqui também é sua casa, Juan... — olhei-o perdida. — Realmente não dormiu por aqui?

— Eu te prometi, lembra?

Sempre uma pergunta, por mais que ele agora respondesse.

— Mesmo assim, eu... — suspirei fundo. — Vou tomar meu café sem café antes que esfrie.

— Estarei te esperando.

Ele saiu, então me vi encarando a xícara e julgando a mim mesma. Era ele? Durante os dois anos, ele acordava antes, deixava o café do jeito que eu gostava, e depositava ali, para que eu bebesse quando quisesse?

Poderia ter descoberto aquilo em qualquer momento, mas como o destino parecia uma brincadeira quando se tratava de

nós, eu só descobri ali. No mínimo que ele dizia, mas que estavam se tornando detalhes que eu não conseguia ignorar.

A cada momento que descobria algo novo dele, que na realidade não era uma novidade, eu sentia que deveria ter reparado mais. Contudo, talvez fosse o melhor para me poupar. Se eu já tinha me iludido achando que não tinha nada, mal podia imaginar como seria se tivesse algo ao que realmente me agarrar.

“Eu vou aguentar os empurrões

Você está na cozinha, cantarolando

Tudo que você pediu de mim foi um doce nada”[42]

JUAN

Acordei na velha casa, e olhei ao redor, encontrando as lembranças de quem era, na mistura de algumas coisas que tinha trazido para ali, aos poucos, contando com o fato de que Augusta permaneceria em minha vida.

Ela o faria, certo? Mesmo que apenas com uma clara distância? Mesmo apenas como mãe da minha filha?

Filha...

Vi-me sorrindo pela lembrança, de que a partir daquele reencontro que tive com Augusta, todos os dias, eu acordaria sendo o pai de uma menina. A sensação era tão esmagadora quanto assustadora.

— Tem certeza de que é aqui?

— Claro que sim, cunhadinha. — Ouvi a voz de Oscar se aproximando. — Por que não seria?

— Porque está tão quieto...

— Desde quando Juan é barulhento?

Ouvi o barulho de algo batendo e podia garantir Augusta deu um leve soco no braço dele. Quando a cabeça de Oscar adentrou o batente do quarto, que a porta não existia por ser um lugar que raramente usávamos, vi o sorrisinho em seu rosto.

— Pelo menos tá de calça. — Ele provocou, e vi-o olhar para algo acima do seu ombro, ou melhor, eu sabia que era alguém.

Então Augusta adentrou o ambiente, primeiro com um sorrisinho de quem estava se desculpando por aparecer assim, e em seguida, notei-a encarando cada detalhe ao redor.

— Precisam de algo? — perguntei preocupado, já que era bem cedo e eu sabia que ela não trabalhava naquele sábado.

De algum jeito, a gente foi se ajeitando.

Augusta aceitava que eu a levasse para o trabalho todos os dias e buscasse. Eu tinha o meu tempo normal de trabalho na fazenda e sem ter que fazer viagens intermináveis tanto porque a Fazenda dos Toledo demandava, como porque eu tinha um motivo para estar em casa, que era maior do que tudo. Eu o tinha há dois anos, mas resolvi evitá-lo, porque temia não ser o suficiente.

Mas mesmo que não o fosse, olhando-a dali, eu sabia que tentaria ser. E quem sabe, ela gostaria do mesmo. Das manhãs de silêncio, ao vê-la fazer uma careta ao tomar o descafeinado, aos momentos sozinhos dentro do meu carro até a sua escola, na ida e volta, aos jantares que tínhamos compartilhado todas as noites junto aos meus irmãos, e aos simples “boa noite”, quando eu vinha para minha antiga casa, para que não fosse demais

estar tão perto. Seria ilusão, mas eu via em seu olhar, ela me pedindo para ficar. O era?

— Estamos bem sim — respondeu, passando a mão pela barriga, que eu jurava que ficava maior a cada dia que se passava. — Eu estava conversando com Talita, aleatoriamente, e me toquei com algo...

— O quê?

— A gente não comprou nada para a bebê.

— Nem deram o nome para ela ainda. — Oscar se intrometeu, provocando. — Ou um padrinho.

— Quatro padrinhos e duas madrinhas — Guta falou, olhando-o com se já tivessem tido aquela conversa várias vezes. Então seu olhar parou no meu. — Vou te contar depois, da minha ideia sobre isso.

— Ok — falei, enxaguando minha boca, e saindo do banheiro em seguida, e parando no corredor.

Ela se afastou, encostando-se na parede do outro lado e notei o seu olhar passear por cada parte do meu peito exposto. Muitas coisas entre nós sempre foram confusas, mas aquela

atração, parecia ainda ser tão palpável quanto na primeira noite. Talvez até mais.

— Eu estava te esperando — comentei por cima. — Não queria que ficasse mais ansiosa, se lhe mostrasse as coisas que comprei.

— Você comprou algo para o pedacinho? — sua voz foi quase um grito, e ouvi Oscar gargalhar. — Onde está? — indagou ansiosa, como se extremamente curiosa.

— Pode parecer besteira... — comentei, fazendo um sinal para que ela me seguisse até o final do corredor, na outra única porta que tínhamos ali, que era do nosso antigo quarto, onde agora eu dormia. — Eu estava no centro, te esperando outro dia, então vi na vitrine, e...

Senti as mãos de Augusta em minha cintura, como se me afastando da frente, e ela sequer pareceu ligar para a proximidade, quando se aproximou da poltrona com dois embrulhos e seus olhos brilharam.

— Filha, prometo que vai abrir muitos e muitos presentes quando mais velha... Mas por enquanto, a mamãe vai fazer isso

— ela falou para a barriga, com as mãos na mesma, e encarei a cena completamente encantado. — Quer dizer, eu posso?

— Você é a mãe, Augusta — falei o óbvio, cruzando os braços. — Por que não poderia?

— Eu não sei, às vezes... — calou-se de repente. — Não acredito que você teve o instinto paterno de comprar algo e eu nem me liguei de comprar alguma coisa...

— Ei! — falei, aproximando-me, e vendo o olhar dela mudar de repente. — Não se culpe por coisas assim.

— Como sabe que estou me culpando? — indagou, engolindo em seco e seu olhar parou no meu. — Estou é com raiva de me sentir uma péssima mãe a cada segundo.

— Li em um lugar que quando nasce uma mãe, nasce uma culpa... — ela me olhou, assentindo.

— Li isso também, mas imaginei que estivesse usando de desculpa por não saber exatamente sobre nada que estou fazendo pra ela. — Apontou para a barriga e eu neguei. — Será que esse sentimento de incapacidade passa? — indagou, talvez para si mesma, mas acabei tomando a frente.

— Nunca vou saber como é gerar uma vida, mas como sabe, eu criei meus três irmãos desde muito novo... Não há um dia que eu não acredite que poderia ter feito mais, ter feito diferente ou ter acertado em alguma outra coisa... Talvez o fato de sermos responsáveis por aquela vida, nos torne exigentes demais. — Fui honesto. — Eu te enxergo, exigindo muito e a cada instante sobre você mesma, para ser ou se sentir como as mães que assiste na internet ou vê em filmes e livros, mas eu nunca consigo enxergar que fiz o suficiente para os meus irmãos. Acho que sempre é mais fácil ver pelo lado de fora da situação, e quando não se trata da gente.

Notei seus olhos marejados e ela respirou fundo.

— Hormônios. — Apontou para a própria face. — Obrigada, mesmo. — falou e senti sua mão segurar rapidamente a minha, como se ela precisasse expressar-se de alguma forma. — E agora... — voltou-se para os presentes, e vi-a pular no lugar. — O que será?

Ela então pegou o primeiro pacote, que era colorido como o outro, e vinha dentro de sacolas de papelão. Enquanto ela desfazia o laço e abria, vi-me indo até a mala que trouxera até ali, e vestindo uma camiseta.

— Um mini-chapéu de cowgirl. — Augusta soltou um gritinho. — Sei que todos os seus irmãos ganharam um chapéu de você quando mais novos, e todos eles cuidam com carinho... — notei uma lágrima descer pelo seu rosto. — Esse é da cor do seu.

— Pensei que seria bom combinar — comentei e ela assentiu. — Ela pode não gostar de chapéus, como Oscar, mas é algo que pode guardar e sempre se lembrar de mim

— Eu achei... perfeito. — Suspirou fundo e colocou com cuidado o pequeno chapéu na sacola. — E vamos para o segundo... — enquanto ela abria, senti-me um pouco tenso, porque a realidade era que escolhi aquele presente pensando nela, e no que nossa filha e ela poderiam compartilhar.

Quando ela finalmente o abriu, e retirou de dentro primeiro o body e em seguida um caderno de anotações para mãe e filha, que combinavam, fiquei sem saber o que dizer.

— Eu sou a canção favorita da mamãe... — ela leu o que estava escrito no body de cor preta e que tinha notas musicais coloridas por todo tecido. — E dois cadernos que combinam... — ela soltou o ar com força, e vi-a colocar os presentes sobre o colo.

— Sei que vai demorar para ela usar o caderno, mas eu...

— Foi um jeito que pensou que ela poderia lembrar de mim. — Seu olhar parou no meu e notei algumas lágrimas descendo. — Odeio não conseguir te odiar, sério.

— Augusta...

— Eu tô chorando porque... porque te sinto como um amigo, Juan. — Adiantei-me. — A cada dia que se passa e cada coisa que eu descubro de detalhes sobre você, detalhes que me envolveram durante esses dois anos, eu fico perplexa. Eu fico me perguntando: como eu não vi?

— Eu não permiti que visse.

GUTA

Eu estava uma bagunça à frente dele, e não conseguia esconder o quanto estava presa a um turbilhão de emoções.

— Mas me viu — falei e o encarei profundamente. — Viu as coisas que gostava ou não gostava, tentou fazer parte mesmo não mostrando que fazia... E agora, até quando se trata da nossa filha, você age pensando em mim também.

— Ela é uma parte nossa, mas não a razão pela qual eu estou aqui, te esperando.

Suas palavras atingiram cada parte de mim.

— Quebrou o meu coração, completamente — assumi, desviando o olhar por um segundo. — Eu não queria te ver de novo porque sentia que ia ceder facilmente, porque é isso que eu faço — admiti. — Mas então não foi só te ver, foi ter você dessa forma... — fechei os olhos por um segundo, não querendo que mais lágrimas descessem. — Só não sei o que fazer com tudo isso. — Confessei, e voltei a encará-lo.

Notei-o mexer em algo no pescoço e vir para perto. Quando se aproximou o suficiente, vi o colar que tinha perdido há mais de dois anos, bem ali, nele.

— Esse colar...

— Você deixou cair naquela primeira noite, no bar do karaokê — falou e se aproximou, mas não o bastante, como

sempre me sentia. — Eu tinha um motivo para voltar para você, mesmo que não precisasse.

— Por que não quis tentar? — indaguei, sem conseguir mais fingir que aquela pergunta não deveria ser feita. — Por que não quis que nosso casamento fosse real?

— Porque tudo que eu amo, acaba me abandonando em algum momento, Augusta. — Confessou baixo e me encarou profundamente. — Porque eu jamais vou ser merecedor de amar você, mesmo que eu o faça, ardentemente.

— Eu nunca te abandonaria... — falei, sem desviar nossos olhares. — Eu fiz, porque você fez. Porque senti que era isso que queria, e era a última vez que eu faria algo que não fosse pensando em mim também.

— Eu vim para você, mas quando cheguei... — não conseguia entender sobre o que ele estava falando. — Se estiver disposta, eu posso te contar. Se me der a chance de falar a respeito de tudo isso... Não é algo que eu consiga falar rapidamente.

— Acha que conversarmos sobre isso, vai mudar algo?

— Honestamente? — indagou e eu assenti. — Eu espero que sim. — Um leve sorriso no canto da boca, que eu quase me derretia, e que naquele momento, me fez pensar do quanto eu gostaria de tê-lo, todos os dias.

— Posso pensar mais um pouco sobre isso? — perguntei, porque sentia-me um pouco pressionada sobre tudo, já que não imaginei que ao aparecer ali, a conversa que teríamos evoluiria para algo tão grande assim.

— Eu não vou a lugar algum, Augusta.

— Na verdade... — mordi o lábio inferior, enquanto guardava os presentes da nossa bebê na outra sacola de papelão. — Eu vim te chamar para irmos ao centro, ver coisas para o quarto da bebê... Não tinha o objetivo de virar essa bagunça aqui. — Apontei para o meu rosto, que deveria estar com o rímel todo borrado.

— Eu só preciso de alguns minutos e estarei pronto para irmos.

Assenti e segui para fora do quarto, parando um segundo perto do batente e olhando sobre o ombro, vendo-o se mover

rapidamente, como se não pudesse perder tempo para sairmos juntos.

Assim que saí da casa, foi que me lembrei de que Oscar estava ali também, aquele tempo todo.

— Cunhadinha...

— Desculpe, eu...

— Por você e Juan, eu sou o personagem secundário favorito, não esquenta. — Piscou um olho, encostando-se contra seu carro.

— Ainda preciso saber quem foi que te falou tanto sobre livros assim...

Notei sua expressão mudar um pouco, e foi como ver um reflexo meu no espelho, quando eu pensava sobre Juan. Existia ou existiu alguém na vida de Oscar, mas parecia que as coisas nunca de fato chegaram a se desenrolar. Não da maneira como deveriam.

Seria aquele o meu caso com o de Juan?

Eu estava pronta para ouvi-lo e arriscar meu próprio coração novamente?

Você o está arriscando, todos os dias – minha mente acusou.

E era a mais pura verdade. A cada momento ao lado dele, eu poderia fingir que não, mas parte de mim sempre esperava e desejava mais. Um *mais* que eu não sabia exatamente o que significava, mas era com ele.

“No caminho para casa

Eu escrevi um poema

Você diz: Que mente!

Isso acontece o tempo todo”[43]

GUTA

— Eu senti falta até do sorvete — falei, após colocar uma grande colherada na boca. — Por que não estou surpresa que acertou o meu sabor sem nem me perguntar?

— Foi o que pediu naquele dia, na sorveteria da cidade de Franco...

Olhei-o como se traçasse estratégias que eu não sabia que poderia.

— Feliz que estou gastando muito do seu dinheiro? — Indaguei, e ele apenas mexeu no chapéu, com um vislumbre do sorriso.

— Melhor do que ter o cartão que te dei assim que nos casamos e foi praticamente ignorado por todos esses anos...

— Eu poupei muito ao longo dos anos — comentei, deixando-me abrir um pouco mais. — As mesadas exacerbadas dos meus pais vieram para um motivo, no fim.

— E eles estão bem?

— Não me procurou com eles?

— Tinha certeza de que não iria para a casa deles — falou, olhando-me, e depois analisando o sorvete que escolheu. — Por mais que tenha ido até a capital e procurado em lugares que poderia estar...

— Foi àquele velho bar? — Indaguei, e ele assentiu. — Acho que não preciso te perguntar mais nada, porque tudo é uma

resposta positiva que eu já espero...

— A bartender perguntou de você...

— Deve ter estranhado eu ter sumido do nada e nunca mais aparecer, a não ser em fotos no Instagram — comentei por alto, lembrando-me de que tinha conversado com Maria Clara por lá. — O que disse a ela?

— Eu estava perguntando sobre você, então... Foi quase que um encontro de dúvidas.

— Faz sentido. — Peguei mais um pouco do sorvete e fechei os olhos, saboreando o mesmo. — Por que pediu sorvete se não come?

— Como sabe que... — ele então se calou e me encarou inquisitivo.

— Não é só você que consegue observar. — Pisquei um olho. — E mesmo que eu tenha tido pouco tempo perto de você nos últimos anos, algumas coisas que eu adorava fazer eram sentar e observar... Sou boa nisso. — Olhei novamente para o colar em seu pescoço, brilhando contra o sol, mesmo a corrente sendo extremamente fina. — Como eu não vi isso? — apontei-o, e ele engoliu em seco.

— Eu sempre o tinha no meu bolso ou algo assim, mas o coloquei de fato quando foi embora, como se para me sentir perto de você e como não tinha mais o que esconder...

— Justo — falei, mexendo em minha franja e fui para algo que tinha me atormentado nos últimos dias. — Mexeu no meu caderno de perguntas?

Ele pareceu chocado no primeiro segundo, e vi-o até tomar um pouco do sorvete de repente, o que me fez gargalhar alto. Olhares de algumas pessoas que adentravam a sorveteria vieram para nós.

— Eu não li suas composições, eu só... Eu só fui tentar ficar próximo de você e justamente o caderno de perguntas caiu, e se abriu, e eu vi que tinham perguntas que eram para mim — admitiu, e notei como parecia sem graça. — Desculpe por isso.

— Tudo bem, não é como se muitas daquelas perguntas, eu não tivesse te feito...

— Lembro-me de quase todas as suas perguntas, mas muitas das que estavam escritas não me foram feitas...

— Então você leu todo o caderno! Ahá! — afrontei-o e ele arregalou os olhos, totalmente culpado. — Por que ler perguntas

de um caderno velho? — ri de lado e peguei mais do meu sorvete.

— Porque eram suas — falou e senti a intensidade de cada palavra.

Meu olhar encontrou o seu, e tudo o que gostaria realmente de fazer era me levantar, ir para o seu colo e jogar todas as dúvidas e medos para longe. Seria muito maluco da minha parte?

— Querido...

Senti-o tensionar à minha frente, e foi quando olhei sobre o ombro e reencontrei alguém que há muito não via. Aquela mesma mulher de um dos meus primeiros dias na fazenda, anos atrás. Eu tinha até mesmo buscado saber mais dela, mas não era nada além de coisas irrelevantes, até mesmo nas fofocas da cidade. Janaína Vasquez era uma viúva de um fazendeiro, que tinha uma boa vida – apenas aquilo.

Pelo menos, até onde eu sabia.

Algumas das minhas perguntas naquele caderno eram justamente sobre ela. O que era ela para Juan? Por que apareceu

naquele dia? Olhei para o homem à minha frente, e vi em seu olhar que ele parecia saber o que eu indagava.

— Sabe, estamos em um encontro... — falei, e virei-me para ela. — Será que pode ser depois?

— Juan anda tão ocupado para mim, que achei que era um bom momento para passar e dizer um oi.

— Vasquez...

— Apenas responda as mensagens então, querido.

A mulher saiu e não pude evitar minha careta. E logo, a fala de meu tio me veio em mente: “Sua ou do dinheiro das mulheres para as quais se vendeu?”

— Ei — falei, e vi o homem à minha frente se fechar por alguns segundos. — Podemos ir embora, se preferir.

— Sempre uma boa entendedora, não é? — ele suspirou fundo. — Sei que deve estar relacionando os acontecimentos recentes.

— Independente disso, qual a diferença faz se meu chute sobre o que isso se trata for real? — perguntei na lata, e ele pareceu não acreditar de imediato. — Acha que vou te olhar diferente? Ou sentir algo diferente?

— Não faço ideia, Augusta — admitiu e eu assenti, pensando sobre.

— Bom, a gente tem uma conversa longa para ter, hoje, talvez? — indaguei, e tomei a coragem que nem sabia que tinha ainda. Não quando se tratava de nós. Sendo que nós nem existia. — O que acha?

— Uma conversa?

Vi o pedido implícito de “uma chance” em seu olhar e poderia negar, mas não seria honesta comigo mesma. Nem saberia que escolha tomar, se realmente não conversasse com ele.

Eram perguntas demais, para respostas de menos. Estava mais do que na hora de reequilibrar aquela balança.

— Uma conversa.

“Porque eles dizem que o fim está próximo

Todos estão tramando algo

Eu me peguei correndo para casa, para as suas palavras doces”[44]

GUTA

— Expulsei Flávio e Oscar por essa noite... — avisei, enquanto Juan se sentava na sua poltrona, a qual eu me lembrava perfeitamente de tê-lo esperado durante toda aquela noite. — Tudo bem?

— Acho que sim — falou e retirou o chapéu, mexendo os cabelos tão longos quanto me lembrava de serem quando nos conhecemos, chegando ao seu colarinho da camisa. — Nunca foi estranho conversar com você, mas agora...

— Bom, não gosto de ter que esperar as coisas explodirem de vez para uma conversa. E acho que não posso evitar isso para sempre — admiti, sentando-me no sofá à sua frente, e cruzando minhas pernas uma na outra, aproveitando enquanto ainda podia fazer aquilo. — Por que me deixou depois de transarmos? — falei de uma vez, sem conseguir dar voltas naquilo.

— Eu tenho essa mania desde jovem, de ir até a velha casa, onde temos um memorial para nossos pais, e desabafar o que eu não consigo, bem ali... — falou e olhei-o completamente embasbacada. Até onde aquilo iria? — Eu tinha ido para falar de você, do quanto eu temia que fosse abandonado, mas que por você, valeria a pena...

— Mas você não veio.

— Eu perdi a hora lá, falando e tentando encontrar um jeito certo de voltar e te dizer tudo o que eu sentia... — vi-o colocar os cotovelos contra as coxas e passar as mãos pelos cabelos. — Choveu muito forte e eu até pensei em esperar passar para voltar,

mas já tinha esperado demais, e te feito esperar demais... Porque no fundo, eu acho que sempre soube que sentia algo por mim, mesmo que eu quisesse negar e acreditar que era uma ilusão.

— Eu nunca escondi que me apaixonei por você naquele bar e que queria tentar... — falei baixo, sem querer atrapalhar seu raciocínio e ele assentiu.

— Então eu corri na chuva e demorei para chegar, e quando o fiz...

— Eu já tinha ido. — Passei as mãos pelo meu rosto, completamente incrédula. — Não foi então apenas uma noite e... que significou nada.

— Significou tudo para mim, Augusta — falou e me encarou profundamente. — Eu... Sexo nunca foi algo que encarei de uma forma positiva, até que te conheci. Até que a atração que sentia por você, ia além de qualquer coisa que eu já havia sentido antes.

E então, fiquei apenas em silêncio, temendo pelo que ele falaria, por mais que eu desconfiasse.

— Sei que existem vários boatos sobre os Esteves por essas bandas, mas eu calei muitos deles ao longo dos anos, com

dinheiro... Para que meus irmãos não soubessem e nem desconfiassem.

— É o que eu penso que é? — indaguei, engolindo em seco e ele baixou a cabeça, não me encarando, como se totalmente envergonhado. — Se isso te faz mal e não consegue falar, não precisa... Não precisa se abrir sobre o que tanto te machuca assim, Juan.

— Eu preciso, Augusta — falou, sua voz trêmula. — Preciso porque se for para querer estar comigo, na esperança que eu ainda tenho que aceite me dar uma chance, eu quero que saiba de tudo. De quem realmente sou, e de tudo o que eu fiz.

— Juan...

JUAN

Adiantei-me para começar a falar, porque eu não podia mais não ser eu mesmo, e deixar que aqueles demônios ou o que fosse do meu passado, a levassem para longe de mim.

Viver com medo não era mais uma opção.

— Nossa mãe nos abandonou quando eu tinha sete anos, e nosso pai quando eu tinha dezesseis... Eu fazia um bico de ajudante em uma fazenda próxima, mas mal dava para comprar algumas coisas para meus irmãos comerem. — Fechei os olhos, as lembranças me atingindo. — Então fui conseguindo outros trabalhos, onde fosse, deixei a escola e apenas fui atrás de conseguir o que era preciso para sustentar meus irmãos e mantê-los. Numa noite, quando eu estava trabalhando de garçom em uma festa de gente muito rica, uma mulher mais velha me abordou e me estendeu seu cartão. Eu não entendi direito, até que fui até ela e expliquei que eu não era alguém interessado em vestidos, que era o que estava no cartão de visita dela. E foi aí que ela me disse que não era sobre vestido, mas sim, sobre eu ir até aquele endereço, que ela me daria um emprego perfeito.

— Um garoto bonito assim... Qual sua idade?

— Dezoito, senhora — respondi, ainda perdido. — Precisa de algo?

— Apareça nesse endereço e será muito bem recompensado.

— E eu fui, porque parecia ser uma boa oportunidade. — Continuei. — Foi quando cheguei lá, que entendi o porquê de ela pedir meu RG e querer tanto que reafirmasse minha idade... Ela queria o meu corpo, a um preço tão alto que eu me assustei.

Não ousei olhar para Augusta, porque sabia que poderia desistir, caso encontrasse nojo em sua expressão.

— Foram dois anos difíceis até chegar ali, não que justifique, mas... Eu não sabia mais o que fazer, e meus irmãos queriam sair da escola para me ajudarem e eu me negava a deixar acontecer, então... Eu aceitei — admiti em voz alta. — Por praticamente quatro anos, me vendendo para mulheres ricas e poupando cada centavo que podia... A maioria delas nunca quis que isso viesse à tona, até porque eram casadas e bom, tinham uma família. Eu era só uma brincadeira cara e estava bem com isso, mesmo que odiasse a mim mesmo toda vez que acabava. — Engoli em seco. — Mas quando via a felicidade no rosto de meus irmãos, ao verem as coisas melhorando, nossa fazenda crescendo e... — Soltei o ar com força. — Valia a pena me sentir sujo — confessei e levei as mãos ao rosto. — Janaína Vasquez é uma dessas mulheres, só que quando o marido morreu e os filhos saíram de casa, ela começou a me ameaçar sobre o passado,

para conseguir dinheiro... Eu tinha me tornado mais rico do que ela, e não que ela tenha uma vida ruim, mas ela sempre quer mais... Então deve ser através dela que Vicente conseguiu descobrir isso, já que as outras pessoas que sabem, ou temem o fato de os Esteves serem muito poderosos agora ou simplesmente não se importam com isso.

Foi então que ousei olhá-la e me preparei para o olhar de pena ou asco em seu rosto, mas não tinha nada lá. Nada além de dor.

— Seus irmãos sabem?

— Eles... Flávio e Oscar talvez desconfiem, mas não entram no assunto, já Franco não tenho ideia — falei. — Eu prefiro que não cheguemos a falar disso, porque eu sei que eles se culpariam pelo que foi minha escolha.

— Não deveria ter sido uma escolha, Juan. — Encarei-a, e notei o pesar em seu semblante. — Na verdade, é como se você não tivesse escolha...

— É algo que eu não posso apagar, nem de mim, nem de quem eu sou... — olhei-a e lembrei-me da nossa noite. — Depois disso, quando eu pude escolher estar com alguém, o sexo

sempre foi como uma lembrança constante do quanto era errado e o quanto era sujo... Eu não conseguia diferenciar.

— Eu sinto muito — falou e piscou algumas vezes, como se contendo as lágrimas não derramadas.

— Foi quando procurei ajuda especializada e tentei tratar desses traumas, mesmo que fosse completamente cético a princípio — assumi. — E quando você apareceu e senti uma atração tão imediata, que era maior e diferente, e tudo foi tão inesperado que...

— Eu sei. — Ela então me sorriu, enquanto uma lágrima descia. —Não tem como explicar o que aconteceu, no momento em que te vi naquele karaokê.

— E quando estivemos finalmente juntos, eu só consegui pensar em quanto queria mostrar o que me fazia sentir, e nada mais me veio em mente. — Sorri de lado, pela primeira vez naquele meio tempo. — Tinha medo de estar com você, e perceber que estava de fato quebrado. Mas eu me senti vivo, assim como na primeira vez que te vi.

— Juan...

— Não é para que tenha pena ou dó de mim, ou ache que é uma justificativa para os meus erros... Eu só queria que soubesse, que esse sou eu. Todo eu. — Olhei-a e tentei entregar toda verdade do que sentia. — Sou um homem de trinta e oito anos, que errou para caralho com você, e tem muito o que aprender ainda, mas eu te amo. Eu te amei desde o primeiro olhar e mesmo que não quisesse te trazer para essa bagunça, o que eu sinto me faz ser egoísta o suficiente, para estar aqui... tentando uma chance.

Vi-a piscar algumas vezes e se levantar.

Então me pegando completamente de surpresa e desprevenido, ela parou à minha frente, e seus braços vieram ao meu redor, puxando-me para si. Num abraço que eu nem sabia que precisava. Porém, ela parecia saber muito mais, como sempre. Até sobre mim mesmo.

Senti-me quebrar, não porque doía estar ali, mas sim, que a armadura que eu tanto construí durante aqueles anos, não precisava estar de pé para ela. Não mais. Porque eu, pela primeira vez, me permiti amá-la em voz alta.

“Ah, ah, estou me apaixonando

Ah, não, estou me apaixonando outra vez

Ah, estou me apaixonando

Achei que o avião estivesse caindo

Como você deu meia-volta?”[45]

GUTA

— Vamos mesmo fazer isso? — perguntei, parando ao lado do piano e vendo-o com uma expressão tão leve, que antes não

encontrei.

— Vamos fazer o que quiser.

— O que quisermos, você quer dizer. — Corrigi-o, e ele assentiu. — Mas assim, depois de tudo que foi dito hoje, se precisar de um tempo ou...

— Augusta...

Olhei-o sem saber ao certo o que fazer. Temia que qualquer passo em falso, acabaria acionando algum gatilho ou o assustando. A realidade era que o que ele me contou não mudava o que eu sentia, mas mudava a forma como percebia que devia ser mais cuidadosa.

— Eu não vou quebrar — falou, como se lesse meus pensamentos. — Acho que tive um bom tempo bebendo enquanto estava longe, e tentando colar alguns pedaços...

— Isso é para me fazer sentir importante?

— É para saber que só amei você. — Olhei-o surpresa. — Não falamos abertamente sobre, mas eu acho que sabe, pela forma como me olha e como pareceu depois de eu ter aquela conversa com Franco. Eu nunca amei Pâmela, e sequer a

conhecia direito... Fiz o que fiz para tentar ajudar Franco, e protegê-lo. Ele e Jasmine.

— Agora me sinto um pouco culpada... — seu olhar mudou no mesmo instante. — Não por me amar, mas por... por achar, há muito tempo, que você e Pâmela fazia parte de uma tragédia romântica.

— Nunca tive tempo para um romance, quem dirá uma tragédia. — Seu senso de humor me fazia revirar os olhos. — Só pensei em romance, quando encontrei uma boca esperta, olhos grandes, e moletons diferentes, em um karaokê.

— Acho que não vai desistir fácil assim, certo?

— Eu nunca vou desistir de você — falou, acertando-me em cheio. — Mesmo que você não queira ficar comigo, Augusta. Mesmo que seja tarde demais para isso, você sempre estará em mim. Não é algo que vai mudar.

Respirei fundo e vi-me indo até seu lado, compartilhando o pequeno espaço do banco à frente do piano.

— Eu posso?

Ele assentiu, e me antecipei.

A realidade era que pela primeira vez eu não sabia como dizer o que queria. Não sabia como. E o único jeito que eu conhecia, quando tudo em mim se tornava uma grande bagunça, e eu precisava colocar para fora – era música.

— Quando as palavras faltam... — falei, encarando-o. — É assim que eu consigo colocar para fora... E como sei agora que sabe inglês...

Não pude evitar a provocação e um pequeno sorriso surgiu em seu rosto, fazendo-me achá-lo tão adorável quanto ele disse que eu era. Será que compartilhávamos mesmo aquilo? Agora eu tinha a resposta, olhando-o dali: sim, nós o fazíamos.

— “Eu desisti de nós dois na boate

Você me transformou numa bagunça

Eu te imaginei com outras garotas apaixonadas

Aí vomitei na rua

É como esperar por um ônibus que nunca aparece

Você só começa a andar

Eles dizem que se for certo, você vai saber

Cada bar toca a nossa música

Nada nunca pareceu tão errado

Ai, meu Deus, o amor é uma mentira

É o tipo de merda que meus amigos dizem para me fazer superar

É diferente

Dessa vez é diferente

É uma tristeza catastrófica

Seguir em frente sempre foi fácil para mim

É diferente

Dessa vez é diferente porque é você”[46]

Parei por um segundo, ao notar que a voz dele encontrou a minha... Contudo, não pude evitar continuar, um sorriso surgindo em meu rosto, enquanto minha voz ecoava junto à sua pela sala.

— “E eu nunca choro (não, eu nunca choro) no bar

Sim, a minha tristeza é contagiante (minha tristeza é contagiante)

Eu amaldiçoo seu nome até alguém me colocar no carro

Eu parei de receber convites

Ai, meu Deus, o amor é uma mentira

É o tipo de merda que meus amigos dizem para me fazer superar

É diferente

Dessa vez é diferente

É uma tristeza catastrófica

Seguir em frente sempre foi fácil para mim

É diferente

Dessa vez é diferente porque é você

(Porque é você)

Eu encontro os artefatos, chorei por causa de um chapéu

Amaldiçoei o espaço que eu precisava

Eu procurei as evidências, tentando fazer tudo ter sentido

Por que a ferida ainda está sangrando?

Você era aquele que eu amava

Não preciso de outra metáfora, é simples assim

Uma dobra no tempo como a ruga em seus olhos

É por isso que eles não deveriam matar o personagem principal

Sonhos com seu cabelo, seu olhar e sua crença

Nas coisas boas do mundo, você já acreditou em mim

E eu te senti e te abracei por um tempo

Aposto que eu ainda consigo abalar o seu mundo

Crítica, antiética, a garota dos sonhos

Ouvi sua chave virar na porta no final do corredor

É sua chave na porta

Está tudo bem? É você?

Ou eles vieram me levar?

(Para me levar)...”[47]

Parei de tocar, e senti seus olhos sobre mim. Quando voltei a encará-lo, suspirei fundo e soube que era ali, naquele momento, que a gente recomeçava. A música como nosso pano de fundo, desde o primeiro momento até aquele ali, no meio da nossa história.

Sua testa veio para a minha, como se me entendesse completamente e eu respirei fundo, seu cheiro embriagando cada parte de mim.

— Eu também te amo — sussurrei contra seus lábios.

Então sua boca encontrou a minha. Um beijo leve e doce, com o gosto de lágrimas que desciam. Toda a dor parecia ir embora por um momento, dando um lugar para nós ali. Apenas nós. E era o que realmente precisava. E não estava mais sozinha nessa, porque eu sentia naquele beijo, que nunca mais nos permitiríamos deixar ir.

“Então eu te disse que nada foi por acaso

E que na primeira noite que você me viu, nada iria me parar

Eu preparei o terreno e logo vi um sorriso feroz

No seu rosto, você sabia o tempo todo”[48]

GUTA

Senti os raios solares sobre mim, e tentei me espreguiçar.

Notei então a quentura e um peso sobre o meu corpo, parecendo cuidadosamente posicionado para não estar em minha

barriga. Mas sua mão estava ali, como se a protegendo.

Virei-me com cuidado e encarei seu rosto adormecido. Suspirei fundo, sem acreditar no que tinha acontecido nos últimos dias. Nem de perto, chegaria a crer que realmente houve tudo aquilo.

Nós dois.

Verdades na mesa.

Histórias não mais malcontadas.

Juan até mesmo queria ir para a outra casa, mas pedi para que ele ficasse, e então, ele estava ali, na minha cama. Seria aquela a nossa cama a partir daquele dia. Olhei-o por inteiro e não pude deixar de notar o quão lindo ele era.

A beleza de Juan Esteves sempre me deixava sem palavras.

Deixei uma de minhas mãos pairarem ao redor de suas curvas, como se delineando e gravando cada uma delas. Não pude evitar um suspiro, porque ele me deixava daquela maneira. Sentindo-me exatamente como da primeira vez que o vi. Sentindo-me extasiada por ser ele, bem ali.

— Nunca pensei que alguém gostaria de me ver dormir...

Sua voz me deu um susto e um grito ficou preso em minha garganta. Bati levemente contra seu braço e vi um sorriso se abrir no rosto, e foi o suficiente para quase me derreter por completo bem ali.

— Você parecia muito bem dormindo.

— E você parece linda, sempre. — Sua voz soou, quando seus lábios vieram primeiro para minha testa, e depois para os meus lábios, em um leve beijo. — Bom dia, menina.

— Voltamos aos apelidos cafonas?

— Eu sei que gosta dele — comentou, no tom arrogante que me lembrava da forma como ele agia quando nos conhecemos.

Seu corpo desceu sobre o meu, e por um segundo, arregalei os olhos, sem saber o que ele fazia, com a boca descendo pela minha camiseta.

— O que...

— Bom dia, filha. — Sua voz soou baixa, e um leve beijo foi depositado ali, fazendo-me soltar o ar com força, o qual nem sabia que tinha segurado. — Por que está tão vermelha?

— Eu...

— O que acho que eu ia fazer, menina?

Seu corpo pairou sobre o meu, os braços fortes ao lado do meu corpo, e os músculos se sobressaindo pela força que ele fazia, mesmo que não fosse tanta.

— Eu me nego a ser envergonhada a essa hora da manhã — falei, fechando os olhos e tentando não olhar para o peito exposto dele, e mais abaixo.

— Olhe para mim.

Sua voz não foi um pedido, mas sim, um comando. Exatamente como ele agiu na nossa primeira noite, da mesma maneira como eu senti que ele seria quando nos conhecemos.

E sem saber como, meu corpo correspondia de imediato.

Seus olhos ainda mais claros devido ao sol que entrava pela janela e um sorriso lascivo no canto da boca.

— Não tenha vergonha, não de mim — falou, abaixando-se ainda mais. — Por que teria?

— Porque você é um grande gostoso e eu não sei em que passo estamos, então...

— Não sabe se eu quero fazer amor com você? — indagou e eu mordi o lábio inferior, no segundo em que o senti duro contra

mim. — Não mesmo?

— Juan...

— Não é apenas por ser de manhã, antes que sua cabecinha inteligente processe algo assim... — Então ele se abaixou ainda mais, tomando todo cuidado para não ter peso em minha barriga, e eu suspirei pelo seu toque tão próximo. — É porque você está aqui, linda, com o rosto corado e os olhos grandes praticamente implorando para ser fodida.

Um gemido escapou de minha garganta, e vi o sorriso arrogante em seu rosto.

— Descobri na nossa noite que gosta da minha boca suja, não é? — sua pergunta foi feita contra meu pescoço, enquanto seus lábios caminhavam por ali, deixando rastros quentes, e mordidas que me faziam arfar. — O que mais gostou?

— Tudo? — respondi, levando minhas mãos até seus braços e minhas unhas se cravaram ali, quando sua boca mordeu fortemente meu pescoço. — Eu queria suas marcas em mim.

— Eu sei... — então sua boca pairou sobre a minha. — E vou fazer questão de te devolver cada uma delas, e sempre

mantê-las... Para se lembrar que é minha, o tanto quanto sou seu. Só seu.

Sua boca então tomou a minha e vi-me levando as mãos até seus cabelos, espalhando-o e segurando-os da forma que eu tanto desejava. A maneira como cada parte dele se encontrava em cada parte de mim, fazia-me tremer pelo desejo que apenas crescia.

Senti meu corpo sendo despido, e logo abri os olhos para encontrá-lo nu sobre mim, fazendo um suspiro profundo tomar conta do meu ser. Senti seu corpo então sobre o meu, e cuidadosamente, o meu ser virado, para estar sobre ele. A visão dali de cima, era o paraíso na terra.

— Eu sempre te imaginei assim — falou, levando uma das mãos para minha nuca e puxando os fios de cabelo ali, fazendo-me arfar. — Nua, molhada e completamente entregue sobre mim, pronta para acabar com a minha sanidade.

— Por favor...

— O quê, menina?

— Preciso de você.

Ele então me permitiu finalmente me posicionar sobre si, e engasguei por um segundo, no momento que o senti. Agarrei-me aos seus ombros, gemendo sem me conter e nossos lábios resvalando um no outro.

— Olhos em mim. — Exigiu e o fiz, notando o quão escuro eles estavam naquele momento. — Sempre em mim.

Tomei-o por completo e agarrei-me ao seu corpo como se dependesse dele para sobreviver. Suor escorria por nossos corpos, eu mal sabia o que realmente saía da minha boca, sendo logo engolida pela sua, e me perdendo em cada toque que apenas ele conseguia me processar.

Nada além daquilo, daquele quarto queimando, faria sentido. E eu soube que para ele, apesar de tudo, também não existia mais nada, não quando estávamos assim – corações e corpos em sintonia. Sem mais dúvidas, enquanto nos desmontávamos por inteiro.

Fosse na dor. Fosse no amor. Fosse no prazer.

— Por que tanto suspense? — indaguei, enquanto ele abria espaço para que eu me sentasse em suas pernas, no escritório que raramente o via entrar. — Agora estou ficando realmente curiosa.

— Lembra que falamos sobre escolhas, e sermos donos dos nossos destinos...

— Sei... — olhei-o com cuidado e tentei decifrá-lo. — Então...

— Eu fiz isso quando aceitou voltar para casa — falou, e apontou para a pasta preta sobre a mesa. — Não sei como explicar, mas acho que...

— Ok, eu vou abrir de uma vez e vamos ver o que será que te transformou no senhor mistério tão repentinamente...

Ele assentiu, e eu trouxe a pasta em minhas mãos. Senti as suas em minha barriga e não pude evitar um sorriso. Aquele homem e seus pequenos detalhes me deixavam completamente perdida por ele. E na realidade, sentia-me completamente encontrada ali.

Quando abri a pasta e comecei a ler os papéis, arregalei os olhos e me vi praticamente pulando do seu colo em seguida.

— Mas que diacho é isso? — nem pude evitar a voz alta e o modo de falar que acabei pegando justamente pela convivência com eles. — Está brincando, certo?

— Menina...

— Nada de “menina”, Juan. — Olhei-o incrédula. — Está me entregando os papéis do divórcio, depois de tudo o que... — senti-me sufocar, e vi-o se levantar e se aproximar. — Por que está fazendo isso? — minha voz quebrou, e senti que dentro de mim, como se estivesse repetindo o ciclo daquela primeira noite. — Por que...

Seus lábios chegaram aos meus, e senti suas mãos em meu rosto.

— Não quero me separar de você. — Pontuou, olhando-me profundamente.

— Mas por que...

— Porque eu quero que saiba que é a escolha é sua — falou e minha ficha finalmente caiu. — Que quando me disse que queria o divórcio, eu soube que não era o fim, mas poderia ser uma chance para não ser mais uma mentira.

— Nunca foi — falei, sentindo-me aliviada por finalmente entender o que estava acontecendo. — Não dentro de nós.

Ele assentiu, e me vi batendo contra seu peito com a pasta.

— Que raiva de não ter entendido e você com essa pose toda séria... — bati novamente, e então notei o riso do fundo da sua garganta, e sua gargalhada preencheu o ambiente. — Ótimo! Eu sou realmente divertida para você?

— Você é a única que consegue fazer isso. — Beijou-me entre o seu riso, e continuei batendo levemente contra seu peito, como se incrédula diante do que ele fazia.

Mas aquilo me fez notar em todo cuidado que ele tomava para comigo. Parecendo sempre três passos à frente.

— Eu estou ouvindo risadas?

Foi então que ouvi a porta do escritório sendo aberta, e quatro pares de olhos encontraram-nos lá dentro do escritório. Não sabia de onde Flávio e Oscar tinham tirado Franco, mas eu sabia que o homem ao meu lado, que me segurava perto de si, com certeza, estava feliz com a presença do irmão ali.

— Então...

— Estamos juntos — falei, batendo com a pasta contra Juan. — E vamos permanecer. — Olhei-o de lado, e ele ainda sorria, como se não pudesse se conter.

E foi naquele momento que me toquei de uma coisa.

Em todo aquele tempo, estivéssemos juntos ou separados, eu nunca tinha tirado a aliança do nosso casamento do meu dedo. Sequer tinha parado para olhar para ela. Era como uma parte de mim, que eu não mais dava valor. Mas ali, vendo os gritos de felicidade e assovios, e estando ao lado do homem que eu amava, e me amava também, eu passei a dar.

Um valor que era inestimável.

Porque era nosso.

POSSO FAZER UMA PERGUNTA?

Alguém já te beijou em uma sala lotada?

E cada um de seus amigos estava tirando sarro de você (você)

Mas quinze segundos depois eles estavam batendo palmas também?

Então, o que você fez?”[49]

GUTA

Meus pés sobre suas pernas. Suas mãos tocando-as com carinho. Se alguém me dissesse, meses atrás, que estaria exatamente ali, com ele, eu riria alto e diria que estava lendo romances ou fantasiando demais.

Contudo, por que viver um romance só nosso seria assim tão impossível? Olhando-o dali, parecia apenas o certo a se fazer.

— Por que está tão quieta, menina?

Eu poderia suspirar sempre que escutava aquele apelido.

— Por que sempre eu tenho que ser a falante? — rebati, e ele me deu aquele vislumbre de sorriso, com o brilho claro no olhar. — Você quem sugeriu de virmos olhar as estrelas daqui...

O lago estava lindo, um reflexo dos céus, em uma escuridão confortável, para que eu sentisse que podia ficar bem ali, e emoldurar o momento em um retrato.

— Pensei que fosse gostar — respondeu simplesmente. — Não sou bom em romance, mas...

— Sempre tem um jeito de se aprender. — Provoquei, e senti suas mãos em meus pés, o que quase me fez soltar um gemido de alívio. Nem tinha notado do quanto eles estavam doloridos naquele dia. — Tipo responder as minhas perguntas, é uma parte que nunca pensei que se permitiria.

— Eu te disse que respondia todas.

— Respostas mentais, se eu não sou telepata, não são válidas. — Rebati, e ele me encarou como se em desafio. — Por que eu sinto que está aprontando algo?

— Lembra que te entreguei os papéis do divórcio?

— Acho que ainda estou em choque, só de lembrar. — Fiz uma leve careta. — Sério, foi um puta romântico quando entendi toda a situação, mas naqueles segundos em que lia o papel, eu pensei que... Que tinha acabado de vez.

— Eu achei que era o certo, fazer acabar, para poder te conquistar e recomeçar...

— Admiro a estratégia. — Provoquei, e ele semicerrou os olhos. — Ideia nota 10, execução nota 0.

— Você quase me fez engolir os papéis.

— Devia ter feito. — Ri baixinho. — Mas o que eu pensaria?

— Que eu te amo demais para te deixar presa por um casamento que nunca desejou?

— Sério? Achou mesmo que eu ia ter esse raciocínio? A mente pensante em pessoa?

— Uma metralhadora de perguntas... — ele provocou e eu revirei os olhos, batendo levemente em seu braço. — Mas imaginei como seria, te pedir em casamento.

— Não sei se estou entendendo o rumo da história, mas... — fiz um sinal com a mão, para que continuasse.

— Eu respondi as 1313 perguntas que tinham no seu caderno... — arregalei os olhos, e minha boca se abriu em um perfeito “o”. — Bêbado, culpado e com saudade, assim que soube que foi embora... Mas eu o fiz, e queria te entregar.

— Quer me matar do coração, não é?

— Na verdade, queria saber que se após ler as 1313 respostas que te dei, se eu posso te fazer uma pergunta e ter uma resposta. — Olhei-o confusa, mas assenti.

— Eu nunca fujo de uma pergunta, sabe disso. — Pisquei um olho. — Mas eu agora estou curiosa pelas respostas, e ao mesmo tempo pela pergunta... O que está aprontando, senhor Mistério?

— Depois que as ler, em um momento especial e bonito, como você merece.

— Todos os momentos têm sido especiais e bonitos entre nós, então... Apenas faça a pergunta — pedi, ansiosa e sem conseguir realmente esperar.

— Bom, eu não comprei um caderno, porque era uma só, mas...

Então ele tirou um papel do bolso da calça e me estendeu. Estava perfeitamente dobrado e tinha o seu cheiro.

— Suspeito...

— Apenas abra quando se sentir pronta.

— Isso é realmente algo muito importante? — indaguei, e ele assentiu.

— No dia em que pedi os papéis do divórcio, escrevi essa pergunta...

Foi então que abri o papel e fiquei embasbacada pelas sete palavras no papel branco, com um ponto de interrogação no final.

“Você aceita se casar comigo, minha menina?”

Ele sabia a resposta, mas também sabia o quanto era importante para mim, poder escolher abertamente. E ali estava

ele, entregando tudo de si. E sabia, que eu também entregaria tudo de mim.

E chegamos ao fim de mais um livro com famílias grandes e entrelaçadas, um cowboy e cidade do interior. Eu tava com saudade, confesso. E parte de mim, gostaria de dizer que estou extremamente grata por me permitirem escrever o que tanto amo, o clichê, mas do meu jeitinho.

Tenho consciência de que Juan e Guta tratam muito além de uma história de amor. É uma história de redescoberta, para ambas as partes. Essa história tinha vários caminhos diferentes a serem tomados, quando me veio em mente, pela primeira vez, em maio desse ano (2022). Confesso que eu apenas fechei os olhos e deixei que eles falassem. E eles vieram, com força e coragem, dividindo cada parte de si.

Espero, que de alguma forma, eles tenham tocado seu coração.

Que assim como eles fizeram comigo, eles tenham te escolhido para passar cada sentimento diferente, e mostrar que relações são construídas por pessoas reais, e que mesmo assim, pode ser tão romântico quanto sonhamos.

Espero também que possa dividir mais deles e de algumas pontas propositalmente soltas, ao redor dos livros dos nossos outros Esteves, saber qual o nome da nossa bebê e muito *mais*. E que possamos falar sobre os outros personagens. Nesse momento estou apenas assim, perguntando a você: *E os outros Esteves, heim?*

Flávio e Oscar ainda têm suas histórias para serem contadas, e caso as queiram, não esqueçam de me pedir na sua avaliação. *Juan, Guta e eu estamos ansiosos esperando por ela rs.*

Caso desejem saber mais sobre os projetos futuros e a respeito de cada um deles, me sigam nas redes sociais listadas abaixo, principalmente no instagram (@alineapadua). Estou doida para poder compartilhar tudinho com vocês.

Obrigada pela leitura,

Aline

REDES SOCIAIS

Instagram: @alineapadua

Tiktok: @autoralinepadua

Twitter: @alineapadua

Meus outros livros: aqui

OUTROS LIVROS

UMA GRAVIDEZ INESPERADA

Família Torres – Livro 1

adquira o seu clicando **aqui**

SINOPSE

Se no meio do caminho de algumas pessoas tem uma pedra, no meio do caminho de Maria Beatriz, sempre teve Inácio. O herdeiro da fazenda que fica ao lado das antigas terras de sua família, tornou-se um homem bruto e fechado, que quando aparece na sua frente, ela já sabe que só pode ser problema ou alguma proposta indecorosa. Maldito peão velho!

Inácio Torres é um homem de poucas palavras, mas que vê em uma mulher tagarela, a oportunidade perfeita. Mabi precisa de dinheiro, ele o tem. Ele precisa de um casamento falso, e ela é a escolha perfeita. Porém, a única coisa que recebe de Mabi, como sempre, é uma negativa. Maldita criança sonhadora!

No meio das voltas que a vida dá, uma noite de prazer os marca. E a consequência será muito maior que o arrependimento: UMA GRAVIDEZ INESPERADA.

CEO INESPERADO – meu ex melhor amigo

Família Torres – Livro 2

adquira o seu clicando **aqui**

SINOPSE

Se nem tudo que reluz é ouro, Júlio é apenas a melhor imitação de pedra preciosa em que Babi colocou os olhos.

O seu ex-melhor amigo, a abandonou e quebrou seu coração quando eram adolescentes. Bárbara Ferraz jurou a si mesma que nunca mais o deixaria ficar perto. *Maldito CEO engomadinho!*

Júlio Torres sabe que deixou uma parte de si para trás. Sua ex-melhor amiga o odeia e ele, muitas vezes, teve o mesmo sentimento por si. *Maldita sombra!*

Júlio sabe que não pode mais ignorar, porque ele não quer apenas a sua melhor amiga de volta, ele a quer como sua.

Babi foge dele como o diabo foge da cruz. **Entretanto, como fugir se depois do reencontro e finalmente os pratos limpos, ela se descobre grávida do seu ex-melhor amigo?**

O BEBÊ INESPERADO DO COWBOY

Família Torres – Livro 3

adquira o seu clicando **aqui**

SINOPSE

Se existe amor à primeira vista, Abigail Alencar e Bruno Torres compartilham o completo oposto. Abi o detestou desde o primeiro momento, e com o passar dos anos, o sentimento permaneceu. Bruno é o típico cowboy cafajeste, arrogante e popular, de quem ela não suporta a presença um segundo.

A cidade pequena sabe de seu desgosto e desinteresse no mais novo dos Torres, porém, ele sempre pareceu ficar ainda mais animado em confrontá-la. Se existe algo sobre Bruno que ela conhece bem, é que ele não foge de um desafio.

Assim, quando Abi o encontra como babá da sua filha de apenas um ano, ela só consegue pensar que ele quer algo. Bruno jura que está ali apenas para tirá-la do sério, como sempre, mas tudo acaba por mudar, naquele exato instante.

Existe uma linha tênue entre o amor e o ódio... eles estarão dispostos a cruzá-la?

FELIZ NATAL, TORRES

Família Torres – Livro Extra

adquira o seu clicando **aqui**

SINOPSE

O Natal parou de ser uma data festiva, e tornou-se dolorosa, assim que Maria Beatriz perdeu os pais. No entanto, nesse ano, tudo mudou e ela vai lutar para que essa data seja ressignificada. Que ela possa sorrir, o tanto quanto, um dia fez, no passado. Assim, ela precisa que tudo saia PERFEITO.

Uma árvore de Natal destruída, enfeites perdidos pela casa, a ceia que não vai chegar a tempo, um desmaio...

Será que ela terá o seu Feliz Natal ao lado dos Torres?

Esse é um conto natalino, narrado na visão de Mabi e Inácio (do livro Uma Gravidez Inesperada), onde você poderá passar essa data tão especial ao lado da Família Torres.

UMA FAMÍLIA INESPERADA PARA O VIÚVO

Família Torres – Livro 4

adquira o seu clicando **aqui**

SINOPSE

Olívia Torres sempre teve em mente que para bom entendedor meia palavra bastava. Assim, quando se apaixonou perdidamente e descobriu que o homem com o qual se envolveu era casado, o seu mundo perdeu o chão. Ela apenas foi embora, sem olhar para trás.

Contudo, com Murilo, ela nunca pôde parar de olhar. Ainda mais, quando descobriu que estava grávida.

Murilo Reis perdeu tudo. Nunca pensou, que em algum momento, poderia voltar a sentir algo. Entretanto, bastou um olhar para Olívia, para ele compreender que ainda existia uma chance. Chance essa, que se perdeu por completo, quando ela o deixou.

Anos depois e uma coincidência do destino, Murilo descobre que não apenas as lembranças daquele amor de verão permaneceram, mas sim, que ele tem uma filha.

Um amor de verão pode ser o amor para a sua vida?

GRÁVIDA DO CEO QUE NÃO ME AMA

Família Reis – Livro 1

adquira o seu clicando **aqui**

SINOPSE

O triste é que aquele velho ditado se tornou real em sua vida: Valéria que amava Tadeu, que amava Bianca, que amava Murilo, que não amava ninguém. Desde que seus olhos pousaram em Tadeu Reis, Valéria se apaixonou. Não sabia dizer se era pelo olhar escuro enigmático, o sorriso que ela queria tirar daqueles lábios cerrados ou o fato de ele ser tão atencioso com quem amava.

Porém, Tadeu apenas tinha olhos para outra mulher, e Valéria escondeu aquele sentimento no fundo de sua alma, tentando matá-lo durante os anos que se passaram. Uma coincidência do destino, os coloca frente a frente. Ela sabe que ele é errado, mais do que isso, uma grande mentira, porém, seu corpo não resiste.

E uma noite com o homem errado não é o fim do mundo, certo?

Para ela, tornou-se um outro começo, já que terá uma parte dele consigo, para sempre. Valéria está grávida do homem que não a ama. E não pretende deixá-lo descobrir.

O CASAMENTO DO CEO POR UM BEBÊ

Família Reis – Livro 2

adquira o seu clicando **aqui**

SINOPSE

Águas passadas não movem moinhos – era o que Lisa repetia a si mesma. Contudo, estar sempre tão próxima do único homem que realmente se apaixonou, fazia com que ela quisesse voltar, e na verdade, se afogar com ele. Igor Reis era um erro, e ela sempre soube.

Ainda assim, não podia evitá-lo para sempre, já que seus círculos de amizades eram tão próximos. Então, era apenas isso: Igor era um amigo. Um ótimo fofoqueiro e uma pessoa para

perder horas conversando – mesmo que quisesse perder muito mais.

Todavia, quando ele bate na sua porta no meio da madrugada com um bebê a tiracolo, ela não sabe o que de fato está acontecendo. Porém, nada é tão ruim que não possa piorar, e ele a pede em casamento.

Nas voltas que a vida dá, Lisa se vê com o sobrenome Reis, um bebê para chamar de seu e um contrato de casamento por um ano com o homem que ama.

Até onde o casamento do CEO por um bebê será uma mentira?

A FILHA DO VIÚVO QUE ME ODEIA

Família Reis – Livro 3

adquira o seu clicando **aqui**

SINOPSE

Os opostos se atraem.

Carolina Reis queria jurar que isso estava errado, mas não pôde evitar a forma como seu corpo reagiu ao cowboy bruto e grosso que, literalmente, atravessou o seu caminho. Franco era uma incógnita, com um chapéu de cowboy escuro e uma expressão tão dura, que lhe fazia indagar se ele em algum momento sorria. *Bruto insensível!*

Franco Esteves não tinha tempo para perder, muito menos, com uma patricinha mimada que encontrou sozinha no meio da estrada. Porém, não conseguia evitar ajudar alguém, mesmo que este parecesse ser no mínimo uma década mais novo, com olhos claros penetrantes e um sorriso zombeteiro. *Diacho de madame!*

O que era para ser apenas um esbarrão no meio do nada, torna-se uma verdadeira tortura, quando Carolina assume, por coincidência a função de tutora da filha do cowboy. Ele só quer evitá-la. Ela só quer irritá-lo. No meio do ódio e atração que lhes permeiam, uma adolescente se torna um vínculo que eles não podem evitar.

Mas até onde ela será a única a uni-los?

GRÁVIDA EM UM CASAMENTO POR CONTRATO

Família Reis – Livro 4

adquira o seu clicando **aqui**

SINOPSE

Se no meio do caminho de algumas pessoas tem uma pedra, no meio do caminho de Nero, sempre teve Verônica. A matriarca dos Reis era uma mulher que intimidava a qualquer um, e ele nunca conseguiu entender uma reação dela. Quando ela estava à sua frente, ele sabe que tudo o que deve fazer é correr para a direção oposta.

Verônica Reis é uma mulher que nunca demonstra o que sente. Sendo assim, praticamente impossível desvendar o que se passa em sua cabeça, e muito menos, em seu coração. Contudo,

sempre lhe intrigou o fato de que Alfredo Lopes – ou apenas Nero para os demais – parecia querer enfrentá-la em uma simples troca de olhares, e nunca a temer.

No meio das voltas que a vida dá, um contrato de casamento é o que os une. O que ela e muito menos eles esperavam, era que no único momento que deixassem a guarda baixar, teriam algo maior do que o arrependimento para lidar: **UMA GRAVIDEZ EM UM CASAMENTO POR CONTRATO.**

---

[1] You are on your onw, kid – Taylor Swift

[2] Mastermind – Taylor Swift

[3] Mastermind – Taylor Swift

[4] Heather – Conan Gray

[5] Mirrorball – Taylor Swift

[6] Mastermind – Taylor Swift

[7] Mastermind – Taylor Swift

[8] Mastermind – Taylor Swift

[9] Question...? – Taylor Swift

[10] Midnight Rain – Taylor Swift

[11] You're On Your Own Kid – Taylor Swift

[12] High Infidelity – Taylor Swift

[13] Matilda – Harry Styles

[14] Take Me Home – Jess Glyne

[15] You're On Your Own Kid – Taylor Swift

[16] willow – Taylor Swift

[17] High Indefidelity – Taylor Swift

[18] Dear Reader – Taylor Swift

[19] Question...? – Taylor Swift

[20] Snow On The Beach – Taylor Swift

[21] Mastermind – Taylor Swift

[22] Maroon – Taylor Swift

[23] tolerate it – Taylor Swift

[24] Anti-Hero – Taylor Swift

[25] champagne problems – Taylor Swift

[26] One – Ed Sheeran

[27] champagne problems – Taylor Swift

[28] Eduardo e Mônica – Legião Urbana

[29] Eduardo e Mônica – Legião Urbana

[30] champagne problems – Taylor Swift

[31] Cornelia Street – Taylor Swift

[32] One – Ed Sheeran

[33] The Great War – Taylor Swift

[34] The Great War – Taylor Swift

[35] Brother – Kodaline

[36] champagne problems – Taylor Swift

[37] Labyrinth– Taylor Swift

[38] You're on Your Own, Kid – Taylor Swift

[39] Question...? – Taylor Swift

[40] Labyrinth– Taylor Swift

[41] Hitts Different – Taylor Swift

[42] Sweet Nothing – Taylor Swift

[43] Dear Reader – Taylor Swift

[44] Sweet Nothing – Taylor Swift

[45] Labyrinth – Taylor Swift

[46]

[47] Hits Different – Taylor Swift

[48] Mastermind – Taylor Swift

[49] Question...? – Taylor Swift